

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Análise de um Trabalho de Orientação a Famílias de Crianças com Queixa de
Dificuldade Escolar**

NANCI DE ALMEIDA REZENDE MARTINS

CAMPINAS

2001

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Análise de um Trabalho de Orientação a Famílias de Crianças com Queixa de Dificuldade Escolar

Nanci de Almeida Rezende Martins

Orientador: Valério José Arantes

Este exemplar corresponde a redação final da dissertação de Mestrado defendida por Nanci de Almeida Rezende Martins e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: _____ / _____ / _____

Assinatura: _____

Comissão Julgadora:

2001

Aos meus avós José e Beatriz,
pelo carinho com que plantaram em mim,
a semente do amor ao estudo
e o incentivo para este trabalho ...

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma especial à Profa. Dra. Edna Maria Marturano e ao Prof. Dr. Valério José Arantes, por me possibilitarem a oportunidade da realização deste trabalho.

Ao Delso, pelo apoio e companheirismo.

Ao Felipe e ao Lucas, meus filhos, a razão primeira deste estudo.

Aos meus pais e irmãs, pelo afeto e atenção dispensada.

À Dona Lourdes, pelo compartilhar de todos os momentos.

À Cleide, irmã de coração, pelo carinho e encorajamento.

À Vera, pelo incentivo e cooperação nos momentos críticos desse trabalho.

Ao Alexandre, pelo apoio carinhoso.

À Alina, pela amizade, sugestões valiosas e, principalmente, pela oportunidade de ingresso na vida acadêmica.

À tia Leda, pelas leituras atenciosas.

À Rosana, Neide, Rita e Hélio que apoiaram quando necessário.

Ao Eneas e ao Aldo, pelas conversas incentivadoras.

Às crianças com quem trabalho e suas famílias, pela confiança depositada.

RESUMO

A literatura vem divulgando a associação entre dificuldade escolar e ambiente familiar, principalmente em estudos conduzidos por instituições públicas de saúde. Visando subsidiar o trabalho dos profissionais que atendem crianças com alterações de aprendizagem, este estudo tem por objetivo especificar a contribuição de um grupo de orientação familiar, quanto a aquisição de conhecimentos sobre atitudes e condutas adequadas, a pais de crianças com queixa de dificuldade escolar, por meio da análise qualitativa das informações obtidas por eles durante a participação no referido grupo. Foram sujeitos, 17 pais de crianças variando entre 7 a 12 anos de idade, freqüentando primeira e segunda série escolar, que compareceram a um serviço público de psicopedagogia na área da saúde, com a queixa sobre as dificuldades escolares de seus filhos. Foi elaborado e aplicado um roteiro de entrevista, que teve por objetivo obter informações sobre o nível de conhecimento adquirido pelos pais quanto ao conteúdo do curso de orientação, em situação anterior e posterior em relação ao mesmo. Os resultados confirmaram a observação prévia de que um trabalho de grupo de orientação familiar pode contribuir para aumentar o nível de conhecimento dos pais e influenciá-los positivamente quanto a mudanças de atitudes e condutas que facilitem o aprendizado da criança na escola. Foram observadas mudanças significativas, melhorando o nível de informação após a participação do pais no curso, em toda as categorias analisadas: organização, responsabilidade nas tarefas, comunicação e relacionamento, apoio para o aprendizado e disciplina. Os resultados indicaram a necessidade do profissional que trabalha com crianças portadoras de dificuldades de aprendizagem, estar atuando de maneira mais efetiva junto à família, para a obtenção de melhor desempenho.

ABSTRACT

Current psychological studies have demonstrated the associations between schooling performance and the familiar relationship, specially on the public healthy institutions studies. This study intend to give additional elements to help professional who attend children with learning difficulty. The specific objetive here is to discriminate the contribution of a group of familiar advisers by qualitative analysis using information to measure the knowledge of adequated parent behaviour and aptitude, from group of children with school difficulty while the advisers were active. It was analysed 17 parents that went to a public healthy psicopedagogie assistance service, and have complained about their children learning difficulty. The children were in the range of 7 to 12 years old and studied on first and second year of elementary school. It was created on interview script to get informations about the acquired knowledge by the parents in relation to the orientation course background before and after the course be given. The results confirm the previous observations that the work of advisers to family orientation could contribute to increase the parent knowledge and positively influence that parents to the original behaviours and aptitudes to make easier the children learning at school. It was noticed significative changes, improving the information level after the course participation, on all analysed categories: organization, homework responsibility, communication and relationship, learning helping and discipline. The results indicated that the professional who works with children with learning difficulty need be very close to the family, to achieve better results.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 : Fundamentação Teórica	09
CAPÍTULO 2 : As Crianças com Dificuldades Escolares	25
CAPÍTULO 3 : Procedimentos Metodológicos	33
1. Introdução	33
2. Objetivo	36
3. Problema	36
4. Sujeitos	36
5. Local	37
6. Material	37
7. Procedimentos para Coleta de Dados	37
8. Da Análise dos Dados	38
CAPÍTULO 4 : Vivência no Curso	41
CAPÍTULO 5 : Análise e Interpretação dos Dados	67
Definição das Categorias	67
Análise por Categoria	70
I- Organização.....	70
II- Responsabilidade nas Tarefas	75
III- Comunicação e Relacionamento	83
IV- Apoio para o Aprendizado	93
V- Disciplina	104
Análise Geral das Categorias	113
CONCLUSÃO	115
Anexo 1 – Ficha de Inscrição no Curso	119
Anexo 2 – Entrevista Inicial e Entrevista Final.....	121
BIBLIOGRAFIA	123

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu da experiência clínica, trabalho que vem sendo realizado há vários anos, na área fonoaudiológica, com crianças apresentando dificuldades de aprendizagem.

A fonoaudiologia é uma ciência que tem como objeto de estudo a comunicação humana, ou mais especificamente a comunicação oral, escrita, voz e audição abrangendo as áreas de pesquisa, prevenção, avaliação e terapias.

As dificuldades de aprendizagem podem significar uma alteração no aprendizado específico da leitura e escrita, ou, alterações genéricas do processo de aprendizagem, onde outros aspectos, além da leitura e escrita, podem estar comprometidos (orgânico, motor, intelectual, social, emocional).

Conforme consta em Polity (1998, p.73), o termo *Dificuldade de Aprendizagem* é definido pelo Instituto Nacional de Saúde Mental (EUA) da seguinte forma:

“Dificuldade de Aprendizagem é uma desordem que afeta as habilidades pessoais do sujeito em interpretar o que é visto, ouvido ou relacionar essas informações vindas de diferentes partes do cérebro. Essas limitações podem aparecer de diferentes formas: dificuldades específicas no falar, no escrever, coordenação motora, autocontrole, ou atenção. Essas dificuldades abrangem os trabalhos escolares e podem impedir o aprendizado da leitura, da escrita ou da matemática.

Essas manifestações podem ocorrer durante toda a vida do sujeito, afetando várias facetas: trabalhos escolares, rotina diária, vida familiar, amizades e diversões. Em algumas pessoas as manifestações dessas desordens são aparentes. Em outras, aparece apenas um aspecto isolado do problema, causando impacto em outras áreas da vida.”

Segundo a autora, esse termo é definido de várias maneiras, por diferentes autores, diferindo-se quanto a origem: orgânica, intelectual/cognitiva, e emocional (incluindo-se aí a familiar). O que se observa na maioria dos casos, é um entrelaçamento desses aspectos.

Optamos pelo termo *dificuldade* e não *distúrbios* ou *problemas*, por nos parecer ser esse o termo mais adequado, tendo em vista que as alterações observadas nessas crianças, não se relacionam necessariamente às alterações neurológicas ou orgânicas, casos normalmente referidos como portadores de um *distúrbio* pelos médicos, ou relacionadas às questões essencial -

mente educacionais, quando geralmente se utiliza o termo *problemas*. O termo *dificuldades*, nos pareceu ser mais abrangente, referindo-se portanto, neste trabalho, às crianças portadoras ou não de comprometimento orgânico.

Para a compreensão das possíveis alterações no processo de aprendizagem é necessário considerar-se tanto as condições internas do organismo (aspecto anatomofuncional e cognitivo), quanto as condições externas (estímulos recebidos do meio-ambiente) ao indivíduo. Fatores como linguagem, inteligência, dinâmica familiar, afetividade, motivação e escolaridade, devem desenvolver-se de forma integrada para que o processo se efetive.

O interesse pelo tema, nesse trabalho, refere-se às questões ambientais e, especificamente, ao papel da família no desenvolvimento da aprendizagem da criança quanto ao aspecto psicológico, emocional, social e de estimulação dos aspectos cognitivos.

No decorrer do trabalho de reabilitação com crianças apresentando dificuldades de aprendizagem, constantemente, nos deparamos com situações as quais nos faltam elementos para compreendê-las na sua totalidade. Por exemplo, sabemos que essas crianças, geralmente, possuem uma baixa auto-estima em função de seus fracassos e que esses sentimentos podem estar vinculados aos comportamentos de desinteresse por determinadas atividades, tempo de atenção diminuído, falta de concentração, e outros.

A família, desconhecendo as necessidades da criança e a maneira apropriada de lidar com esses aspectos, muitas vezes, necessita de orientações que lhe dê suporte e lhe possibilite ajudar seu filho. Fatores como motivação, formas de comunicação, estresses existentes no lar influenciam o desempenho da criança no processo de aprendizagem e, os fonoaudiólogos muitas vezes, sentem-se limitados quanto às orientações a serem dadas, pela falta de conhecimento aprofundado sobre os diversos aspectos familiares que podem contribuir para um resultado mais desejável.

Vários comportamentos manifestados pelas mães também nos levam a questionar a respeito da influência familiar sobre a aprendizagem. Por exemplo, observamos mães que demonstram excessiva ansiedade quanto a superação da dificuldade da criança, mães que se mostram impacientes quanto ao desempenho insatisfatório que o filho apresenta, mães que atribuem todo o problema à criança e a caracterizam como “preguiçosa”, “lerda”, “distraída”,

mães que negam a dificuldade que a criança demonstra, mães que não acompanham as atividades de seu filho e mães que punem a criança pela seu fracasso nas atividades escolares.

Isso acontece pelo fato dos pais desconhecerem como ocorre a aprendizagem e, portanto, necessitam de orientações específicas a respeito. Sabemos também, que muitas vezes, os conflitos familiares estão associados a essas manifestações e que as relações familiares são relevantes no desenvolvimento da criança, havendo, portanto, a necessidade de maior compreensão desse processo, por parte dos profissionais, para que possam intervir de forma mais abrangente diante da problemática.

Em muitos casos, em um trabalho especializado com crianças apresentando dificuldade de aprendizagem, não é suficiente transmitir aos pais as atividades específicas a serem realizadas; outros aspectos ligados à família, à escola ou relacionados à dificuldades em outras áreas do desenvolvimento também estão presentes e é necessário que nos disponhamos a ouvir os pais, analisar a situação em conjunto e juntos buscarmos caminhos que facilitem o desenvolvimento global da criança.

Alguns pais confiam seus filhos com dificuldade de aprendizagem, aos profissionais (especializados e professores) acreditando que o mal desempenho da criança seja proveniente apenas dela mesma, sem questionar sua possível participação nessas alterações.

Além disso, freqüentemente as mães manifestam dúvidas relacionadas ao processo de aprendizagem: “Como lidar com a criança que não realiza as atividades que lhes são solicitadas pela professora e/ou outros profissionais?”, “Como ajudar a criança nas tarefas escolares?”, “Como agir com a criança que não organiza seus pertences?” , “O que fazer com a criança indisciplinada em casa e/ou na escola?” “O que fazer quando a criança não aceita submeter-se a um determinado tratamento?”, “Como agir em relação às queixas da professora?” , e outras.

Essas observações nos levam a formular questões referentes aos aspectos familiares, que nortearam esse trabalho: “Qual a importância da família sobre o aprendizado da criança?” “Que influências, positivas e negativas, a criança pode sofrer no meio familiar?” “Que sentimentos estão presentes, tanto nas crianças que enfrentam o problema do fracasso escolar, como em seus pais?” “Que recursos do ambiente podem ser utilizados para facilitar o aprendizado escolar da criança?” “Como orientar a família que nos questiona sobre conteúdos envolvendo a dinâmica familiar?”

Em nossa experiência profissional constatamos que os recursos teóricos e conhecimentos específicos quanto aos aspectos a serem desenvolvidos no trabalho com essas crianças, geralmente referentes a estimulação do aspecto cognitivo, de linguagem, motor, perceptual, e outros são bastante acessíveis no nosso meio e estão em pleno desenvolvimento através do crescente número de pesquisas realizadas na área fonoaudiológica.

No entanto, no que se refere ao conhecimento da criança inserida num contexto familiar, ao estudo da influência familiar sobre o desenvolvimento da aprendizagem, e sobre o trabalho que o fonoaudiólogo pode realizar na orientação familiar como facilitadora desse processo, as referências são mais escassas.

Freqüentemente encontramos, sim, orientações específicas de estimulação familiar quanto ao conteúdo trabalhado, mas nos falta o conhecimento aprofundado de aspectos mais abrangentes da dinâmica familiar, relacionados a esse processo, como questões educacionais, psicológicas e emocionais que nos permitiriam uma melhor compreensão das necessidades da criança, melhores condições de ajuda à família e conseqüentemente, melhor atendimento do cliente. Acredito que esse conhecimento nos permitiria uma visão mais ampla e precisa da aprendizagem infantil.

O fonoaudiólogo não aprende com profundidade, durante sua formação profissional a respeito do funcionamento familiar e falta-lhe o preparo para este trabalho junto à família.

O modelo clínico herdado na formação do fonoaudiólogo é o modelo médico, condizente com a necessidade do estudo de patologias específicas. Esse método consiste na elaboração de um roteiro de coleta de informações para a anamnese e para o exame do paciente, cujos dados conduzem à hipóteses diagnósticas e etiológicas e conseqüentemente à orientação do planejamento terapêutico quando necessário.

Mas esse modelo, por si só, não é suficiente no tratamento das manifestações particulares, pois muitas vezes, o indivíduo ou a família se interpõe no processo terapêutico e ele não ocorre da maneira esperada, tranqüilo, sem conflitos. Nesses casos, não é possível a utilização apenas da técnica, excluindo-se o relacionamento interpessoal. Há a necessidade de se tentar compreender as características individuais e familiares.

A importância da participação da família no processo de aprendizagem é inegável e a necessidade de se esclarecer e instrumentalizar os pais quanto as suas possibilidades em ajudar seus filhos com dificuldades de aprendizagem é evidenciada ao manifestarem suas dúvidas,

inseguranças e falta de conhecimento em como fazê-lo. Essa problemática gera nos pais sentimentos de angústia e ansiedade por se sentirem impossibilitados de lidar de maneira acertada com a situação.

Acreditamos que um programa de intervenção familiar é de fundamental importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

O relacionamento familiar, a disponibilidade e interesse dos pais na orientação educacional de seus filhos, são aspectos indispensáveis de ajuda à criança. Em um trabalho de orientação a pais, é possível despertar a sensibilidade dos mesmos para a importância destes aspectos, dando-lhes a oportunidade de falar sobre seus sentimentos, expectativas e esclarecendo-lhes quanto às necessidades da criança e estratégias que facilitam o seu desenvolvimento.

Através das experiências e relações interpessoais, a família pode promover o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança. Ela pode criar situações no dia-a-dia, que estimularão esses aspectos, desde que esteja desperta para isso. Além disso, a participação da criança nas atividades rotineiras do lar e a formação de hábitos, também são importantes na aquisição dos requisitos básicos para a aprendizagem, pois estimulam a organização interna e a habilidade para o 'fazer', de maneira geral.

A família tem um papel central no desenvolvimento da criança, pois é dentro dela que se realizam as aprendizagens básicas necessárias para o desenvolvimento na sociedade, como a linguagem, sistema de valores, controle da impulsividade. As características da criança também são determinadas pelos grupos sociais que frequenta e pelas características próprias, como temperamento.

As crianças possuem uma tendência natural, instintiva que as direciona ao desenvolvimento de suas potencialidades. Os pais devem ter conhecimento desse processo para que não dificultem ou impeçam o crescimento espontâneo da criança. Pela falta de compreensão da natureza e necessidades básicas do ser humano, os pais, muitas vezes, prejudicam a busca do próprio desenvolvimento, pela criança.

O modo como os pais lidam com seus filhos pode ajudá-los no desenvolvimento das suas potencialidades e no relacionamento com o mundo, possibilitando-lhes o enriquecimento pessoal através das experiências que o meio lhes proporciona.

O processo educativo (desenvolvimento gradativo da capacidade física, intelectual e moral do ser humano) familiar deve ser adequado para possibilitar à criança o sucesso na aprendizagem, proporcionando-lhe a motivação, o interesse e a concentração necessária para a apreensão do conhecimento.

A adequação desse processo compreende o atendimento às necessidades da criança quanto à presença dos pais compartilhando suas experiências e sentimentos, orientação firme quanto aos comportamentos adequados, possibilidade de escolhas, certa autonomia nas suas ações, organização da sua rotina, oportunidade constante de aprendizagem e respeito e valorização como pessoa.

A criança necessita de equilíbrio entre condutas disciplinares e diálogo, compreensão e carinho.

Num processo educativo os pais experienciam a necessidade de um trabalho de auto-análise, de reestruturação de seus comportamentos, crenças, sentimentos, desejos. Os pais precisam conquistar, em relação a si mesmos, primeiramente, o que querem que os filhos sejam: justos, disciplinados, honestos, responsáveis. Esse processo ocorre nas vivências do dia-a-dia, na medida em que pais e filhos comunicam-se de maneira transparente e sincera, falando de suas percepções, suas dúvidas, objetivos, emoções, aprendendo uns com os outros.

Criar filhos não significa torná-los perfeitos, pois os pais têm muitas dúvidas e estão sujeitos a muitas falhas, mas o que é necessário é tentar identificar os conflitos e desfazê-los, aprendendo a conviver com essas situações.

Através dos conflitos desenvolvemos a percepção de nós mesmos e de nossos filhos. Essas situações nos estimulam, pais e filhos, a instalar um diálogo verdadeiro, expondo nosso entendimento e sentimento em relação às experiências cotidianas.

Por outro lado, aspectos fundamentais do processo educativo revelam que os pais devem ter respeito sobre o que a criança sente, mas cabe a eles negar com firmeza e determinação, as atitudes que possam contrariar o que desejam para a educação de seus filhos.

Dificuldades escolares apresentadas pelas crianças, relacionadas à falta de concentração e indisciplina, ocorrem e podem ser causadas pela ausência de limites. A primeira geração educou os filhos de maneira patriarcal, isto é, os filhos eram obrigados a cumprirem as determinações

que lhes eram impostas pelo pai. A geração seguinte contestou esse sistema educacional e agiu de maneira oposta, através da permissividade. Os jovens ficaram sem padrões de comportamentos e limites, formando uma geração com mais liberdade do que responsabilidade.

Tanto na família como na escola, há a necessidade de orientação às crianças quanto as regras disciplinares, para que ela possa desenvolver a capacidade de concentração e de apreensão dos conceitos. A aprendizagem, como um processo, se dá de maneira gradativa e não será possível sem a participação ativa do aluno, de maneira disciplinada, orientada.

Os pais devem preparar os filhos para arcarem com suas responsabilidades. Na medida em que a criança vai aprendendo a cuidar de si mesma, vai experimentando a sensação gratificante da capacidade de enfrentar desafios. E cada realização é um aprendizado que servirá de base para um novo aprendizado. Assim, realizando suas vontades e necessidades, a criança vai gostando de si mesma, desenvolvendo a auto-estima.

O relacionamento familiar também é fundamental no processo educativo. A criança estará muito mais receptiva às instruções dos pais, se os membros da família se respeitarem entre si, procurando conversar e colaborar um com o outro. É importante a participação dos pais na vida dos filhos, numa convivência como companheiros, compartilhando emoções, o que contribui muito para a disciplina.

Todos esses aspectos citados e muitos outros, são fundamentais para que o desenvolvimento da criança se efetive. Portanto, a família necessita da ajuda dos profissionais na aquisição desses conhecimentos básicos e essenciais para que possa cumprir seu papel de facilitadora do processo de aprendizagem de seus filhos, através de comportamentos mais adaptativos.

Para melhor compreensão dos processos de ajuda familiar à aprendizagem da criança, nos propusemos a conhecer um trabalho de Grupo de Orientação a Pais.

Este trabalho pretende verificar se o Curso de Orientação a Pais, denominado: “Como facilitar o aprendizado da criança na escola”, oferecido pelo Serviço de Psicopedagogia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, aos pais de crianças com problema de aprendizagem, está sendo efetivo como veículo de informação aos mesmos, sobre o que eles podem fazer para ajudar seus filhos no aprendizado escolar. Como objetivo específico, o trabalho pretende analisar o nível de retenção de informações dos pais, após o curso.

O capítulo 1 trata da *fundamentação teórica*, onde são relatadas as idéias principais dos autores, sobre os quais o trabalho foi desenvolvido.

Abordando o fenômeno pesquisado, dificuldade de aprendizagem, no seu aspecto global e específico, é desenvolvido no capítulo 2 o *panorama geral* da situação educacional da realidade brasileira, assim como da nossa região, para melhor compreensão da problemática.

O capítulo 3 desenvolve a *metodologia* utilizada, de natureza qualitativa.

A *vivência no curso* é relatada no capítulo 4, onde pode-se conhecer melhor as situações ocorridas durante o Curso de Orientação a Pais, oferecido pelo Serviço de Psicologia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto.

Finalmente, no capítulo 5 é apresentada a *análise e a interpretação dos resultados* obtidos e a *conclusão* do trabalho.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na literatura temos encontrado várias referências quanto à importância do meio familiar no processo de aprendizagem da criança (Drouet, 1975; Cubeiro e cols. 1990). Importância, também, que se constata no trabalho clínico ao lidarmos com crianças com dificuldades de aprendizagem, levando-nos a reconhecer a necessidade de esclarecimento e instrumentalização por parte dos pais quanto às possibilidades em ajudar seus filhos.

Segundo Marturano (1998), a influência do ambiente familiar no aprendizado escolar é amplamente reconhecida. Porém, não se deve atribuir a ela toda a carga de responsabilidade pelo desempenho escolar do aluno. As características da criança e a escola também influem.

Correll e cols. (1974) relaciona os aspectos da personalidade que podem influenciar a aprendizagem da criança. Segundo o autor, fatores como *capacidade mental* de aprendizagem, *maturidade psico-mental*, *ritmo pessoal*, *interesses* da criança, são aspectos da personalidade que, apesar de serem considerados essencialmente inatos, recebem importante influência de medidas pedagógicas, principalmente da motivação. O reconhecimento da individualidade da criança, o respeito às suas necessidades é de grande relevância para a aquisição e desenvolvimento do conhecimento. Outro fator de personalidade apontado pelo autor, são os *traços de nervosismo* que podem ser facilmente transferidos de pais para filhos, principalmente devido à insegurança dos pais, em situações educativas, quando assumem atitudes vacilantes entre a severidade e a condescendência; essas atitudes podem gerar nas crianças, reações como atividade hipermotora, hábitos patológicos (chupar o dedo, puxar os cabelos, roer unha), inapetência e perturbações do sono.

Drouet (1995, p. 207), também refere-se à importância do ambiente familiar quanto à influência que exerce, de forma decisiva, na formação da personalidade da criança, através da transmissão, de forma ainda conservadora, dos usos e costumes de gerações anteriores. Segundo o autor, o desenvolvimento da personalidade se deve tanto ao fator genético do indivíduo quanto à aprendizagens que ele adquire na interação física e social com o meio.

Quanto à escola, segundo Marturano (1997), ela pode contribuir para diferentes trajetórias de desenvolvimento. No sentido positivo, através do acesso à educação básica, a criança pode alcançar estágios cognitivos mais elevados. Essa condição lhe possibilitará melhores oportunidades profissionais.

Na fase dos 6 aos 12 anos Erikson (1971) aponta para o fato de que a escola exerce importante influência na formação de uma imagem de si, do autoconceito da criança. Nesse período, ao passar pelo processo de ensino, a criança sente que, através do desenvolvimento de habilidades e conhecimentos específicos, poderá ganhar o reconhecimento social, preparando-se para produzir no mundo adulto. (Lindahl, 1986)

Podemos perceber claramente que, na medida em que a criança consegue corresponder às solicitações escolares, desempenhando o seu papel de aluno, realizando as atividades propostas e preparando-se para as avaliações, cresce nela a auto-estima e a confiança na sua capacidade em lidar com os desafios que surgem, tanto no ambiente escolar como fora dele, o que naturalmente, vai estimular a busca pelo aprender por si mesma.

Por outro lado, no aspecto negativo, “a experiência precoce de insucesso acadêmico interfere com a formação de auto-estima e auto-eficácia da criança” (Marturano, 1997, p. 133). Geralmente a dificuldade escolar é vista como um problema *da criança*, constituindo numa fonte de *stress* para ela.

A criança que enfrenta o fracasso escolar é tida como “desligada”, “preguiçosa” e é tratada, muitas vezes, com menosprezo pelo professor, geralmente sendo deixada de lado. Assim, sente-se a única responsável pela sua incapacidade, tornando-se apática e indiferente ao que se passa ao seu redor. Fica privada de sentir o prazer da descoberta, da criatividade, do enriquecimento pessoal. Normalmente, os pais não sabem como ajudá-la, e apoiando-se na opinião da professora despreparada, também responsabilizam a criança pelo problema.

A capacidade de enfrentamento dessa situação por parte da criança, depende principalmente das condições da família e da própria criança (Marturano, 1997).

Muitas vezes, a família ignora (ou têm uma noção intuitiva) que o seu papel é muito significativo no suporte a oferecer aos seus filhos para torná-los capazes de obter o sucesso escolar.

Para Marturano (1997), o ambiente familiar tanto pode ser uma fonte de recursos para um desenvolvimento sadio, atuando como mecanismo de proteção para a criança lidar com as dificuldades, como pode, por outro lado, levar a reações inadaptadas.

Associação entre funcionamento do ambiente familiar e crianças com suspeita de dificuldades escolares tem sido estudada por diversos autores (Marturano, Magna e Murtha, 1992-1993; Marturano, Alves e Santa Maria, 1996; Magna 1997). Esses estudos, realizados em população de nível sócio-econômico baixo, revelam os seguintes achados, considerados como fatores de risco para as alterações de aprendizagem escolar: presença de pouca escolaridade da mãe; situações adversas na família (temperamento difícil de um ou ambos os pais, conflitos do casal, consumo de álcool e droga); poucos recursos de estimulação; eventos desestabilizantes (situação financeira deficitária, separação dos pais, recasamento, abandono); poucos recursos como brinquedos, materiais educacionais e acesso a lazer diversificado; ambientes pobres em facilitadores da aprendizagem, como atenção à escolaridade e suporte para a realização da lição; muitos pais verbalizam expectativas desfavoráveis em relação à criança; superproteção em número significativo de famílias e pouca promoção da independência da criança.

Outros estudos apontam para o fato de que crianças com dificuldade escolar apresentam mais problemas emocionais e comportamentais que escolares com bom desempenho (Machado e col. 1994, p.133-34; Marturano, Linhares e Parreira, 1993, p. 170-72; Parreira, 1995, p. 69-76).

Os autores acima referem achados como comportamentos afetivo-sociais desafiantes e agressivos que extrapolam o âmbito escolar, afetando a vida familiar e relações interpessoais. Observam-se nessas crianças, dificuldade em lidar com situações cotidianas, ocorrendo condutas impulsivas, hostis e de resistência à normas. Algumas crianças parecem apresentar dificuldades escolares por imaturidade, atraso no desenvolvimento, disfunção na linguagem e traços de temperamento incompatíveis com as exigências de disciplina de uma sala de aula, e não apenas por deficiência do sistema educacional. Essas crianças apresentam menores condições de enfrentar as situações de fracasso escolar, demonstram menos flexibilidade em suas atitudes, comportamento desorganizado, impotência e desamparo diante das exigências do meio.

Ainda segundo os autores citados acima, observou-se relação deteriorada entre a criança e seu ambiente. "... ao descreverem os filhos como agitados e opositores, resistentes e explosivos, as mães revelam tensões na família, tendo a criança como centro, em situações de conflito que

podem estar provocando rejeição” (Marturano, Linhares e Parreira, p. 171). Muitas crianças não recebem o necessário apoio por parte da família. Frequentemente, a própria família precisa de suporte para lidar com as manifestações inadequadas da criança.

Esses autores consideram que, devendo a família constituir-se em principal fonte de suporte emocional à criança, faz-se necessário que o profissional mobilize recursos junto a família para superação da crise. É importante a elevação da auto-confiança e suporte informativo para melhorar o desempenho escolar e contextos sociais da criança.

Investigações focalizando aspectos afetivos das crianças com história de insucesso escolar, foram realizadas por Loureiro e cols. (1994, p. 178) e Borges e cols. (1990, p.112), através de técnica projetiva gráfica e desenho da família, respectivamente. Os resultados foram semelhantes, indicando imaturidade emocional dificultando a adaptação da criança com a realidade externa, tanto em relação à escola como aos diversos meios sociais.

As mães de crianças, que apresentam problemas de comportamento e de aprendizagem associados referem que os problemas de comportamento se iniciam na fase pré-escolar, durante os seis primeiros anos de vida da criança (Parreira, 1995). Para a autora, esse dado enfraquece a hipótese de que apenas a escola seria causadora dos problemas de comportamento da criança. Além disso, o estudo indicou a presença de modelos ou comportamentos semelhantes na família para a maioria dos comportamentos apresentados pelas crianças, principalmente em relação ao nervosismo, característica relatada pelas mães como apresentada por quase metade delas e/ou pais. Outros comportamentos observados nas reações das mães foram de agressão verbal-simbólica e agressão física, consistindo em modelos para comportamento agressivo. Constatou-se também, que a criança que inicialmente apresenta reações normais de oposição, “depara-se com a falta de recursos paternos que os leva a agir de modo coercitivo” (p. 66) . Em consequência, a criança passa a apresentar comportamentos inapropriados que podem levá-la a situações de rejeição e falta de motivação, provocando dificuldades de relacionamento, dificuldades escolares e desajustes sociais (Patterson e Bank, 1989, apud Parreira, 1985).

Reafirmando os achados referidos anteriormente, em Magna (1997), as mães também relatam algum problema de adaptação dos filhos no início da vida escolar, sendo que em 65% dos casos houve reação negativa à entrada na escola, sugerindo a presença de fatores ambientais relevantes interferindo no processo de adaptação da criança.

Egeland, Kalkoske, Gottesman e Erickson (1990) constataram, também, através do seguimento de crianças pré-escolares, a tendência na continuidade de características comportamentais até a 3ª série do ensino elementar, tanto em relação às crianças que haviam manifestado problemas comportamentais, quanto aquelas que se apresentaram competentes socialmente. As crianças com alterações no comportamento tendiam a apresentar desempenho escolar prejudicado e dificuldade de adaptação nos primeiros anos escolares. Os autores demonstraram também que mudanças podem ocorrer na passagem da pré-escola à escolar elementar e que, nesses casos, o ambiente apresentou-se mais estimulante, organizado e previsível em relação ao das crianças sem modificação nas alterações de adaptação.

Podemos então, através dos dados relatados até agora neste estudo, refletir sobre alguns pontos referentes aos fatores motivadores da dificuldade de aprendizagem, ressaltando-se as situações adversas familiares, inadaptação escolar, assim como características individuais. Parece que a interrelação entre os aspectos está presente na maioria das situações de fracasso escolar. Observa-se também que os fatores individuais como imaturidade, inadequações comportamentais, atraso no desenvolvimento, impulsividade, etc, são características apontadas pelas pesquisas como associadas à inadequações ambientais, as quais estariam agindo como agravantes ou determinantes. As práticas educativas dos pais são inconsistentes e inadequadas. O ambiente escolar, que geralmente se constitui em fator estressante à criança pela sua condição desfavorável diante da aprendizagem, parece não ser a origem das dificuldades do problema, mas sim, um agravante. O ambiente familiar, parece ser o fator preponderante por não atender às necessidades da criança.

Podemos compreender um pouco mais sobre as alterações emocionais e comportamentais associadas ao ambiente familiar da criança, remetendo-nos às referências encontradas em Correll (1974). O autor esclarece que, alterações dessa natureza, podem ser motivadas por situações de ausência de um ou ambos os pais na vida da criança, podendo provocar reações de medo, nervosismo, agressões e falta de ligação com os outros pela rejeição que experimenta, sem apoio firme e proteção. A criança torna-se tímida e pode desenvolver forte sentimento de inferioridade, com auto-estima instável.

Ainda segundo o autor, em situações onde a mãe fica muito ausente, podem ocorrer manifestações compensatórias de mimo, e com isso, forma-se na criança uma vida sentimental

pouco diferenciada e um sentimento social mais ou menos perturbado, levando a criança a apresentar atitudes de significativo desinteresse na escola.

Em um casamento perturbado, onde a criança presencia o ódio existente entre os pais e troca de agressões entre si, ela sofre muito e passa a apresentar distúrbios emocionais e sociais.

A ausência de normas e valores, fundamentais para a atitude adotada na aprendizagem, assim como, atitudes assumidas pelos pais, ora branda, ora rígida, também levam a perturbações no desenvolvimento (Correll, 1974).

Após os dados expostos, quanto as alterações apresentadas pelas crianças que sofrem perturbações ambientais, podemos perceber que as reações são similares àquelas observadas nos achados de Parreira, em crianças com dificuldade de aprendizagem, apresentando alterações comportamentais em período anterior ao escolar, associadas às condutas inapropriadas das mães. Esses comentários parecem reafirmar a possibilidade de que o ambiente familiar pode estar na origem dessas inaptações.

Mesmo nas situações em que ocorre a dificuldade advinda da situação educacional, o apoio familiar é de grande importância na superação da crise. Mas, o que ocorre de maneira geral, é que a criança passa a ser vista como um fracasso, tanto pela família como escola e colegas, desenvolvendo-se assim, uma auto-estima negativa, agravando a situação. O suporte familiar é essencial para que ela desenvolva uma base sólida e um senso de competência necessários para a elevação de sua auto-confiança. (Polity, 1999, p.78)

Nunca há uma causa única para o fracasso escolar. Ele é sempre resultante de um conjunto de fatores que interagem uns sobre os outros, impedindo ou dificultando o desenvolvimento da criança (Polity, 72).

A família pode agravar ou auxiliar nas dificuldades, mantendo padrões rígidos, inflexíveis ou buscando movimentar-se em busca da compreensão do seu papel.

O trabalho de orientação a pais é fundamental na ajuda à criança com desempenho escolar insatisfatório. O processo educativo se faz pela retomada e reestruturação constante do próprio processo educativo dos pais. Nesses casos, principalmente, verifica-se que os pais necessitam adequar determinados aspectos do ambiente familiar para facilitar o seu desenvolvimento.

Por outro lado, analisando o papel da família como provedora de suporte nas dificuldades escolares da criança, encontramos vários autores que investigaram a questão.

Bradley, Caldwell e Rock (1988) referem que a família pode expor a criança à experiências cognitivas enriquecedoras ajudando-a a adquirir recursos para responder ao desafio do desempenho acadêmico.

Estudando os modos de ação ambiental sobre o desempenho escolar, os autores acima (p.864-66) encontraram correlações significativas acompanhando, durante dez anos, um grupo de 42 crianças, avaliando-as em seu ambiente familiar quando tinham seis meses, dois anos, e dez anos de idade.

Eles verificaram que, a aceitação dos pais, a variedade de estimulação e de experiências oferecidas à criança de 6 meses de idade, promovem um comportamento adequado em sala de aula, aos 10 anos. Materiais apropriados, oferecidos à criança nos primeiros 2 anos de vida, estão relacionados ao desempenho posterior de leitura.

Verificaram também que, as crianças mais envolvidas com experiências sociais e culturais durante os anos de escola elementar, apresentavam melhor desempenho na aquisição de conhecimentos, além de maior capacidade de adaptação na escola.

Ainda segundo os autores, a manutenção do suporte, do encorajamento fornecido pelos pais na infância garantem, pelo menos em parte, a competência da criança na escola.

Em clientela com dificuldades escolares, Marturano (1998) verificou que o nível de elaboração da escrita produzida pela criança está associado a variedade de recursos no ambiente familiar, constatando-se que as crianças com melhor desempenho nas atividades têm mais recursos nas suas rotinas (por ex. hora certa para almoçar) e regras definidas (fazer lição antes de brincar); elas compartilham as atividades com os pais e têm acesso a livros infantis, obras de consulta e brinquedos estimuladores do desenvolvimento em casa.

A importância da participação no lar, associada a benefícios na escola, também é citada por Parreira e Marturano (1999, p. 47-48). Para o autor, o aprendizado da escrita é facilitado se a criança possuir alguns conhecimentos prévios, isto é, habilidades para a leitura e escrita. Para muitas dessas habilidades, é necessário que alguém esteja ao lado da criança para ensiná-la.

Ainda segundo os autores, através da participação na organização e rotina da família, a criança vai aprendendo a se organizar, o que é muito importante para as atividades da escola. Além disso, “na medida em que participa da organização doméstica, a criança também irá se organizando internamente, pois tal organização opera de fora para dentro” (p. 21).

Ainda, referindo-se às idéias de Parreira e Marturano (1999, p. 52), eles acrescentam que, no início, a criança pode apresentar resistência na participação das atividades domésticas, necessitando de incentivo. Mas, se o clima for de conversa amistosa, através da interação com a mãe, a criança passa a gostar e, então, a participação vai sendo incorporada aos hábitos.

Para o bom desempenho escolar, o estímulo à comunicação também é necessário. Os autores acima entendem que, a troca de idéias nos leva a novas aprendizagens e quando conversamos com alguém, estamos, ao mesmo tempo, tomando conhecimento de fatos novos, comunicando nosso próprio modo de encarar as coisas, o que favorecerá a compreensão dos conceitos desenvolvidos na escola (p. 63).

O apoio que os pais podem dar à criança relacionado a sua vida escolar, é outro aspecto fundamental no suporte que a família pode oferecer a seus filhos, referido por Parreira e Marturano (1999, p. 30-43). O contato com a escola faz parte dessa ajuda, entre outros aspectos. A mãe deve entrar em contato com a professora, quando perceber que seu filho está com dificuldade no aprendizado, ou quando a criança se queixar de briga com colegas, ou por mau trato da própria professora. Além disso, o contato deve ocorrer também, quando a criança trazer um bilhete para casa, pedindo o comparecimento dos pais, ou no caso de haver reunião bimestral.

Outro tipo de apoio, que os pais devem proporcionar à criança, relaciona-se às lições de casa. Como a tarefa escolar é uma responsabilidade da criança, esta deve fazê-la sozinha, e a mãe apenas irá verificar se ela fez ou não. A correção da tarefa é trabalho da professora. O mais importante é que a mãe participe através de incentivos, encorajamento para que a criança realize suas atividades. Outro fator que contribui para o desempenho escolar da criança é proporcionar todo o material necessário a ela (Parreira e Marturano, 1999, p. 41-43).

Os estudos referem também sobre a importância da auto-estima para o sucesso escolar. Geralmente ela é muito afetada nas crianças com fracasso escolar. Seu desenvolvimento depende inicialmente dos pais, e é considerada um dos mais importantes aspectos do comportamento, fundamental para se estabelecer a disciplina. Na infância, ela é alimentada toda vez que a criança

realiza algo (Tiba, 1996). Na medida em que a criança é bem sucedida nas suas atividades, mais ela gosta do que faz.

Essa idéia vem reforçar os achados de Marturano (1999), onde constatou-se que a organização das rotinas no lar, é um dos fatores vinculados à competência escolar. Segundo a autora, horários definidos para atividades diárias, inclusive lição de casa, além de atividades partilhadas com os pais, diversidade de livros e brinquedos são condições que estão diretamente associadas ao desempenho da criança.

Outro aspecto, importante na elevação da auto-estima, é o modo como se dá o relacionamento da criança com sua família.

A maneira como as pessoas comunicam-se umas com as outras, a condição de se acatar as mensagens de outros e de transmitir pensamentos e sentimentos, são elementos que vão determinar um relacionamento mais ou menos apropriado.

O meio familiar é um sistema complexo de relações, de trocas, onde um influencia o outro. Cada membro tem o poder de provocar mudanças favoráveis ou intensificar problemas. (Maldonado, 1994).

Da auto-estima, depende o processo de explorar e descobrir as coisas do mundo (Oaklander, 1980). Esse autor relaciona condutas que servem de guia para os pais fortalecerem o senso de si próprio da criança (p.310-311). Entre elas, está o respeito aos seus sentimentos, à sua individualidade, necessidades, vontades, sugestões, e sua própria sabedoria. Há a necessidade da responsabilidade, independência e liberdade de fazer livres escolhas, além de perseguir seus próprios interesses. Os elogios específicos são importantes.

Reforçando a importância do relacionamento no envolvimento familiar, nas relações de troca, para incentivar, motivar e desenvolver a auto-estima, aspectos importantes na aprendizagem, encontramos em Gottman (1997), a ênfase na percepção dos sentimentos da criança para ajudá-la a resolver seus problemas e se sair melhor na escola e nas relações pessoais.

Para o autor, quanto maior a intimidade entre a criança e os pais, maior o envolvimento e conseqüentemente, mais forte a influência dos pais sobre seu filho. Esse fato, facilita a disciplina pois, o elo emocional existente na relação permite que os limites colocados pelos pais sejam respeitados pela criança que não deseja desagradá-los (p. 27).

Grunspun (1985) refere que num trabalho de orientação a pais, é necessário que seja abordada a importância dos pais no processo de educação, a liberdade dos filhos e a necessidade deles se preparem para essa função. Para o autor, é necessário que eles saibam quais atitudes a seguir e como alcançar o melhor resultado. A eles deve ser mostrado que também têm direito de liberdade, da autoridade e da educação.

O autor acima propõe o fornecimento de um manual aos pais, para que possam se tornar conscientes do que é educar, das atitudes que são válidas; refere que o amor pelos filhos é um ato que deve ser regido por princípios.

Quanto à disciplina, aspecto citado por vários autores que falam sobre a prática educativa, Zagury (1991) refere que os pais, muitas vezes, interpretando a necessidade do respeito mútuo e do diálogo, abdicam de qualquer tipo de autoridade em relação aos filhos. Para o autor, é necessário que os pais digam “não” de forma convincente, quando precisam negar alguma coisa aos filhos. Alguns pais têm demonstrado dificuldade em definir normas simples como hora de dormir, de comer, tipo de programa de TV que pode ou não ser assistido. Eles não sabem fixar padrões e regras de comportamento e freqüentemente, quando o fazem, é em momentos de descontrole, de maneira contraproducente.

Para o autor, quando não for possível para os pais, ou quando não acharem conveniente atender os desejos dos filhos, devem explicar claramente a situação a eles, falando com carinho mas com firmeza, de forma franca e honesta.

Sentir limites é para a criança uma questão de segurança, pois é através deles que poderá perceber que alguém se preocupa com ela e a protege (Zagury, 1994).

Ainda quanto à disciplina, Maldonado (1994, p. 53) relata que, muitas vezes, os pais fazem ameaças por temerem perder o controle da situação ao tentar modificar comportamentos indesejáveis de seus filhos. A ameaça de sofrer alguma privação “*Se não comer tudo vai ficar de castigo*” ou a promessa de que se fizer o que deve vai ganhar alguma coisa “*Se tirar dez em tudo esse mês, vai ganhar uma boneca nova*”, a longo prazo acostuma a criança a fazer só o que precisa por medo de ficar de castigo ou pelo interesse de obter recompensas. Dessa forma, a criança sente dificuldades para internalizar hábitos e assumir responsabilidades.

Encontramos também, em Parreira e Marturano (1999, p. 82) referências quanto à disciplina. Para elas, o autocontrole é aprendido pela criança através de atitudes firmes, delicadas,

razoáveis e consistentes. Através do desenvolvimento do autocontrole, a criança, ao chegar à escola será capaz de acatar o que lhe é ensinado e de respeitar as regras, facilitando assim tanto a sua adaptação como a sua aprendizagem escolar. Para algumas crianças é mais difícil colocar os limites portanto, é necessário que os pais sintam a necessidade da disciplina e se empenhem nessa tarefa. É necessário que sejam colocadas regras de forma clara, para que os filhos saibam o que podem e o que não podem fazer, bem como o porquê de cada regra. Às vezes, é necessário advertir a criança quanto ao que fez de errado, levando-a a agir com comportamento adequado à situação. Antes de ser aplicada a correção, é importante dizer com clareza o que se espera da criança nas situações do dia-a-dia. Quando ela tiver alguma atitude que necessite ser corrigida, a correção deve ser imediata ao comportamento, e o corretivo não deve ter longa duração. Antes de se corrigir a criança, deve-se verificar se o problema é proveniente do comportamento ou se lhe falta competência para o cumprimento de determinada ordem.

Kellaghan e colaboradores (1993), estudando a eficácia dos programas de intervenção familiar que visam melhorar o desempenho escolar das crianças, encontrou efeitos positivos quanto ao seu desenvolvimento. Através dos programas, as crianças passaram a apresentar melhor desempenho escolar, maior motivação, melhora nas atitudes e no aspecto emocional. Apresentaram melhores resultados em relação às habilidades de raciocínio, aspectos cognitivos, habilidades verbais, linguagem (vocabulário, compreensão de leitura, linguagem usual, soletração), matemática (habilidades básicas, resolução de problemas) conhecimento e habilidades escolares, e conceitos gerais.

O autor ainda constatou melhora na tolerância dos pais quanto ao desempenho das crianças, melhora na auto-estima e na percepção de si mesmos como pais levando-os a ampliarem os seus relacionamentos sociais. Eles tornam-se mais confiantes e menos autoritários nas práticas educacionais, gerando expectativas mais flexíveis e realistas quanto ao desenvolvimento de seus filhos. A convicção e confiança adquirida pelos pais, os levam a encorajar e orientar seus filhos.

Quanto às estratégias utilizadas nos programas de intervenção, observou-se efeitos mais positivos quando os professores receberam treinamento especial.

Alguns programas sugeriam que os pais aprendessem sobre os materiais, atividades e estratégias para usar em casa e dar suporte ou reforçar o aprendizado escolar de suas crianças. Os

pais também recebiam informações específicas com respeito aos livros, sobre como reforçar o que foi ensinado em classe, tarefas escolares e princípios de educação infantil.

Ainda segundo o autor estudos referem que os efeitos dos programas de intervenção familiar durante a idade pré-escolar podem persistir por vários anos. Nem todos os programas têm demonstrado benefício a curto prazo. Mas a longo prazo, os efeitos podem ser bastante benéficos.

Kellaghan (p.111) justifica a eficácia dos programas educacionais apontando para o fato de que a pessoa que participa do grupo (a mãe ou outro membro da família) tem uma relação interpessoal forte e duradoura com a criança. Em casa, os pais têm maiores possibilidades de trabalhar individualmente com a criança e iniciar a intervenção precocemente. Esses programas podem ajudá-los a melhorar suas próprias vidas, aumentando a motivação e a habilidade para servirem de instrutores deles mesmos e de suas crianças. Além disso, as habilidades aprendidas podem ser usadas com outros filhos.

O trabalho de Elkind (1992) tem como objetivo fundamental propor subsídios para o suporte familiar, pois o considera imprescindível na estimulação da aprendizagem. O autor sugere as seguintes orientações, conforme pude compreender: desenvolvimento de habilidades sociais como prestar atenção, esperar a vez, cooperar (requisitos básicos para a aquisição de conhecimentos em sala de aula), através da relação pais-filhos aprofundadas pelo partilhar de suas vidas, principalmente através de atividades divertidas; ensinar às crianças conceitos básicos como por exemplo, noção de tempo, espaço, textura, peso, quantidade, etc, através de atividades cotidianas como confecção de pratos culinários, separar roupas para lavar, lidar com dinheiro, etc.; os pais devem ressaltar o comportamento positivo da criança, reforçando-a quanto às ações apropriadas; a auto-estima e a confiança pode ser estimulada na criança, enfatizando-se seus pontos fortes; o encorajamento também é importante para a aprendizagem saudável; a linguagem, aspecto básico do processo de aprendizagem, é desenvolvida no desejo de se relacionar com a criança (partilhar as experiências), e portanto, é necessário ser bom ouvinte, demonstrar interesse sobre suas dúvidas e estimular as reflexões; é preciso disciplina regular e apropriada; é importante o estímulo da leitura, desenho, histórias; proporcionar experiências interessantes como passeios.

Marturano (1998, p. 75-82), autora que também investigou os recursos do ambiente familiar, facilitadores do desempenho escolar, relaciona as seguintes condições de suporte, conforme pude compreender: os jogos, brinquedos e materiais educacionais variados e adequados ao desenvolvimento da criança, produzem efeito positivo e estimulam as habilidades cognitivas e a aprendizagem de conteúdos escolares, assim como os livros de consulta ou outros materiais de leitura; é preciso que haja espaço próprio, onde a criança possa realizar as atividades, estudar, fazer lição de casa, etc.; o ambiente, para contribuir para o bom desempenho, deve ser seguro e calmo para permitir que a criança se concentre nas atividades; deve haver interesse ativo e investimento de tempo e de recursos por parte dos pais; devem ser encorajados os esforços da criança de autonomia, proporcionando-lhe experiências sociais e culturais enriquecedoras; o envolvimento dos pais leva a facilitação do desenvolvimento cognitivo e metacognitivo, melhor desempenho escolar global, em matemática e em linguagem, maior envolvimento com as atividades escolares, e melhor ajustamento em sala de aula; é importante contar coisas para a criança, fazer comentários sobre o mundo que a cerca, ter disposição para responder e formular perguntas; o clima familiar está associado ao desenvolvimento cognitivo, portanto, a disposição para ajuda e apoio recíproco entre seus membros é muito importante; as crianças obtêm melhor desempenho escolar quando os adultos em casa são mais unidos, cooperativos e cordiais; é importante o suporte à autonomia, que consiste em os pais estimularem a independência e autonomia dos filhos, exigindo que eles resolvam problemas por si mesmas, mas estando disponíveis para prestar-lhes apoio e assistência de que necessite; a estruturação de regras e rotinas é importante para que os horários e rotinas cotidianas sejam constantes na vida da criança, com alguns eventos diferentes como um passeio aos domingos.

Quanto às orientações aos pais, sobre o que eles podem fazer para facilitar o aprendizado escolar de seus filhos, alguns princípios podem nortear o trabalho: orientar através de atividades concretas e estruturadas em vez de ensinar princípios gerais; manter contato ao longo de vários meses (seis meses é um período indicado), o que ajuda a consolidar e reforçar os conceitos e princípios; quando necessário, oferecer oportunidades para sessões individuais, pois alguns pais necessitam desse contato individual antes dos encontros de grupos. Os grupos, por outro lado, oferecem a oportunidade de compartilhar idéias, encorajando os pais a tentarem novas estratégias com seus filhos em casa. Além disso, a camaradagem e o apoio mútuo dos grupos de encontro

são mais prazerosos e significativos para os pais que uma abordagem do tipo aula expositiva (Kellaghan e col. 1993, apud Marturano, 1998).

“Nos casos em que coexistem eventos de vida adversos e sobrecarga materna, não basta informar a mãe quanto às formas de ajudar a criança a enfrentar a dificuldade escolar, pois isso seria acrescentar seus encargos” (Marturano, 1998, p. 87). Segundo a autora, sendo a mãe a principal mediadora do processo de ajuda de seu filho, é preciso que seja ouvida para alívio das tensões e possibilidades de enfrentamento dos problemas.

Os recursos do ambiente familiar e os meios de apoio social, como a inserção da criança em programas comunitários (esportes, recreação, atividades culturais), devem ser ativados para minimizar os fatores adversos e facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento global da criança (Marturano, 1997).

Para complementar, encontramos outros autores, que também fazem referências relacionadas à programas de intervenção familiar. São eles:

1- Laurendeau M. C., Desjardins N. Kishchuk N. escreveram o artigo “Evaluation after three years of early intervention for parental support” em *Can J Commun Ment Health* 1994 Spring; 13 (1): 25 – 42 - O estudo refere-se a uma avaliação realizada após três anos de um trabalho de intervenção precoce realizado para pais de crianças jovens, por meio de um boletim informativo. Encontraram efetividade na interação entre pais e crianças, além de fortes efeitos no papel como pais, mais especificamente, em relação às mães. Demonstraram maior conhecimento dos recursos familiares e atitudes mais favoráveis.

2- Holland JM e Hattersley J. escreveram o artigo “Parent support groups for the families of mentally handicapped children” em *Child Care Health Dev* 1980 May-Jun; 6 (3) : 165-73 – O estudo refere-se a grupos de orientação familiar de crianças mentalmente prejudicadas. Foram analisados os resultados de uma avaliação após seis meses, cujos resultados apontam para a efetividade dos mesmos e enfatiza a importância dos comportamentos apropriados apresentados pelos pais.

3- Tese de Doutorado apresentada a Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia por Maria Luiza Marinho em 1999 - “Orientação de pais em grupo: intervenção sobre diferentes queixas comportamentais infantis” – O estudo teve como objetivo avaliar a efetividade de um programa de orientação para pais de crianças com problemas de comportamento diversificados.

Os principais componentes do programa de orientação aos pais foram: atenção diferencial ao comportamento infantil e desenvolvimento de habilidades parentais de solução de problemas. Os resultados indicaram que a intervenção foi efetiva em aumentar a frequência de comportamentos parentais de aprovação ao comportamento infantil, de interação e de realização de atividades conjunta com sua criança, além de reduzir os níveis iniciais de depressão nos dois grupos experimentais.”

Os estudos citados acima, diferenciam-se de nossa pesquisa, uma vez que este estudo direciona-se à trabalhos de intervenção familiar com pais de crianças portadoras ou não de deficiências orgânicas, além da divergência em termos de objetivos e metodologia utilizada, conforme demonstraremos no capítulo 3- Procedimentos Metodológicos.

Os comentários expostos, até aqui, tiveram a intenção de demonstrar a importância do estudo a respeito da influência da família sobre o aprendizado da criança, assim como, as possibilidades de modificações do ambiente familiar para atender às necessidades da criança na busca do sucesso escolar.

Baseado nestes princípios, foi criado o Curso de Orientação a Pais, pelo Serviço de Psicologia Infantil do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, objeto de estudo desse trabalho.

A pesquisa realizada teve como amostra um grupo de pais de crianças com queixas de dificuldades escolares que procuraram o serviço para atendimento clínico de suas crianças, encaminhadas pelos postos de saúde da cidade de Ribeirão Preto.

Ao procurar o serviço, a mãe é informada sobre o critério estabelecido que determina que a mãe, ou o pai, seja submetido a um grupo de orientação familiar, como pré-requisito para o possível atendimento. O trabalho com os pais, é considerado pelo serviço, como parte essencial da intervenção psicopedagógica.

Essas crianças provém de classe sócio-econômica baixa, na sua maioria, e são encaminhadas pelas professoras de escolas públicas estaduais ou municipais, através dos postos de saúde. Muitas vezes, a procura por parte dos pais é espontânea.

A opção deste trabalho com os pais, e não com as crianças com dificuldade de aprendizagem, é por considerarmos o ambiente dessas crianças como um dos aspectos

envolvidos nessa problemática, além dos fatores educacionais e individuais, e que portanto merece uma análise mais aprofundada.

No próximo capítulo, procuraremos conhecer um pouco da realidade educacional dessas crianças, para tentarmos compreender a estrutura das instituições educacionais públicas e os recursos de que dispõem no atendimento às necessidades das crianças com dificuldades escolares.

CAPÍTULO 2

AS CRIANÇAS

COM DIFICULDADES ESCOLARES

Para que pudéssemos compreender a situação educacional onde estão inseridas as crianças, cujos pais procuraram o serviço de psicopedagogia do Hospital das Clínicas, procuramos conhecer alguns aspectos pertencentes à essa realidade.

A situação educacional atual está baseada na seguinte estrutura organizacional:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996) determina o sistema educacional brasileiro vigente, propondo normas que são seguidas pelas Secretarias Estaduais e Municipais.

Segundo a Lei, a educação, dever da família e do Estado, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Art. 2º).

Cabe aos Estados incumbirem-se de elaborar e executar políticas e planos educacionais, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus municípios (Art. 10, III).

A educação escolar é composta pela educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, e pela educação superior (Art. 21).

O ensino fundamental, que nos interessa no momento, tem a duração mínima de oito anos e é onde encontram-se as crianças com dificuldades escolares a que nos referimos. O parágrafo 1º, do Art. 10 da LDB refere que os sistemas de ensino podem desdobrar o ensino fundamental em ciclos. O parágrafo 2º, menciona que os estabelecimentos podem adotar o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

Quanto à jornada escolar no ensino fundamental, o Artigo 34 refere pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, com possibilidade de ser progressivamente ampliado em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

Finalmente, da Educação Especial, o Artigo 58, refere que ela é entendida como a modalidade de educação escolar oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. O parágrafo primeiro menciona que haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. O parágrafo 2º, refere que o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

O Artigo 59 expõe que os sistemas de ensino devem assegurar aos educandos com necessidades especiais, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades; terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências; professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Segundo informações obtidas nas Secretarias de Educação Estadual e Municipal da região de Ribeirão Preto, o Ensino Fundamental é dividido em: Ciclo I (1ª a 4ª série) e Ciclo II (5ª a 8ª série).

No sistema educacional atual prevalece o regime de progressão continuada, onde o aluno do Ciclo I tem oportunidade de aprender o conteúdo programado até a 4ª série. Até então, o aluno é avaliado continuamente, através das atividades diárias. Apenas na 4ª e na 8ª série, o aluno é submetido a uma avaliação específica, e caso não esteja apto, é reprovado.

Ainda, segundo dados das Secretarias, os alunos com dificuldades escolares têm direito a um atendimento especial, como determina a LDB.

Portanto, com o objetivo de eliminar a defasagem entre série e idade regular de matrícula do Ciclo Básico à 4ª série do Ensino Fundamental, foi criado o Projeto *Reorganização da Trajetória Escolar: Classes de Aceleração*, que funciona há quatro anos nas escolas da rede do interior do Estado de São Paulo. Segundo dados levantados pela Secretaria de Estado de Educação/SP, em 1993, aproximadamente 30% dos alunos apresentavam dois anos ou mais de defasagem. Os alunos considerados com defasagem *idade/série* são aqueles que ultrapassaram, em dois anos ou mais, a idade regular prevista para a série em que estão matriculados. Com as

ações empreendidas nos últimos anos pela Secretaria de Educação, o percentual de reprovações tem baixado sensivelmente em todas as séries (Documento de Implementação do Projeto, 1998).

Ainda segundo o documento, através das *Classes de Aceleração*, busca-se dar condições para o aluno retornar ao trabalho pedagógico, aprender e nele avançar. São consideradas as aquisições já obtidas pelos alunos e asseguradas a possibilidade de continuidade de estudos. O conteúdo curricular compreende o desenvolvimento de conceitos, habilidades, operações de pensamento, hábitos ou valores fundamentais dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, para que o aluno possa dar continuidade aos estudos. A metodologia de ensino utiliza atividades diversificadas, enfatizando processos de conhecimento e o desenvolvimento de sentimento de segurança e auto-estima.

Antes do planejamento das atividades pelo professor, é realizada uma avaliação diagnóstica para identificação do estágio em que se encontram os alunos, quanto ao conteúdo. As atividades propostas podem ser dirigidas para a classe toda, ou para pequenos grupos, atendendo às necessidades de aprendizagem específicas.

As classes são organizadas em dois níveis: Aceleração I e Aceleração II. Nas classes de Aceleração I, estão os alunos matriculados na 1ª e/ou 2ª séries (idade mínima de 10 anos), com destino para a 4ª ou 5ª série. Nas classes de Aceleração II (idade mínima de 11 anos), estão os alunos matriculados na 3ª e/ou 4ª séries, com destino para a 5ª série. As turmas são compostas de 20 a 25 alunos. As Classes de Aceleração têm cinco horas diárias de aula.

Consta também do documento referido, que a avaliação, durante o ano letivo, é realizada através de um acompanhamento permanente da aprendizagem dos alunos, registrando-se seus progressos e dificuldades, considerando-se os parâmetros estabelecidos a partir dos objetivos fundamentais dos componentes curriculares. A avaliação final e o encaminhamento dos alunos são orientados pelo documento “*Diretrizes para Avaliação e Parâmetros para Encaminhamento dos Alunos das Classes de Aceleração.*”

Os professores das Classes de Aceleração do Estado são capacitados na Diretoria de Ensino Estadual, pelo Grupo da Oficina Pedagógica, através de 5 encontros bimestrais ou mensais, num total de 120 horas ao ano. O Grupo é composto de 12 Assistentes Técnico-Pedagógicos (Português, Ciências, Matemática, etc).

Na região de Ribeirão Preto, no Ciclo I, existem atualmente 6 turmas de Aceleração I, e 8 turmas de Aceleração II, distribuídas em 10 Escolas Municipais, completando um total de 256 alunos. Em entrevista concedida à nós, a coordenadora Marilice Garbellini, Assistente Técnico-Pedagógica, responsável pela área dos Projetos, assegura que esse número não corresponde à realidade das crianças com dificuldades de aprendizagem, pois muitas escolas não encaminham seus alunos necessitados.

No Ciclo II, o Projeto “Ensinar e aprender – corrigindo o fluxo do ciclo II”, atende 29 turmas, distribuídas em 11 escolas, num total de 995 alunos da 5ª, 6ª e 7ª séries.

Ambos os projetos, do Ciclo I e II, têm a duração de 1 ano.

Para o Ciclo I, existe também o trabalho de Recuperação de Ciclo, que são classes com alunos que recuperam o ciclo e não a série, e são inseridos, posteriormente a uma avaliação, na 5ª série. Nesse trabalho é utilizada a mesma metodologia e material das Classes de Aceleração.

Nas escolas estaduais, além das Classes de Aceleração, existem algumas Classes Especiais, que são poucas, onde são encaminhadas as crianças portadoras de deficiências, que não conseguem acompanhar as classes comuns de ensino regular.

As escolas estaduais possuem um professor-coordenador, com formação pedagógica ou não, que para ocupar a função, é submetido a uma prova de seleção onde apresenta uma proposta de trabalho ligada a questão *professor-aluno*. Esse professor é responsável pelos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Além desses trabalhos, algumas escolas estaduais contam com psicólogos estagiários da USP, e com a assistência do PROASE (Programa de Assistência ao Escolar) composto por um grupo de profissionais da área de Saúde da USP, conveniado com a Prefeitura Municipal.

Nas escolas municipais, as crianças com dificuldades escolares, que não assimilam adequadamente o conteúdo dado e que não são defasadas quanto à idade, são acompanhadas pela própria professora, em sala de aula, a qual procura atender às necessidades da criança, realizando um trabalho paralelo, através de atividades específicas para recuperação do aluno. Este trabalho denomina-se recuperação paralela e contínua.

Além das atividades citadas, o município oferece aulas de reforço às crianças de 3^a, 4^a e 5^a séries, que não conseguiram ser alfabetizadas. Este trabalho é realizado duas vezes por semana, em período diferente do qual a criança frequenta, em grupos de dez a quinze alunos.

Os professores municipais das classes de aceleração e das aulas de reforço, são capacitados pela Assessoria Pedagógica da Diretoria da Secretaria Municipal de Educação.

Alguns pedagogos estão inseridos nessas escolas, e dão assessoria aos professores que possuem crianças com dificuldades escolares em suas classes.

Os alunos das escolas municipais que necessitam de acompanhamento psicológico, ou fonoaudiológico, são encaminhados para os serviços especializados da Prefeitura Municipal.

Por meio das informações obtidas e descritas nesse capítulo, podemos fazer algumas considerações sobre a realidade educacional onde estão inseridas as crianças com dificuldade escolar, que procuram atendimento especializado. Queremos esclarecer que não há a pretensão de aprofundamento desse aspecto, visto não ser objetivo do trabalho. A proposta é de apenas levantarmos algumas questões, pelo fato de relacionar-se às características apresentadas pela clientela, visando um conhecimento mais amplo dessa realidade.

Parece-nos que, apesar da lei educacional dispor de várias alternativas com o objetivo de favorecer a superação das dificuldades das crianças com fracasso escolar, como a implantação da classe de aceleração, recuperação de ciclo, classes especiais, professor-coordenador, aulas de reforço, recuperação paralela e contínua e orientação de pedagogos, o sistema não tem sido suficiente para atender as necessidades dos alunos.

Essa deficiência foi apontada no artigo de Gilberto Nascimento, publicado recentemente pela Revista Educação (julho/2000), onde há exemplos que impressionam, como no caso de Welton, e outros alunos da rede pública do Estado São Paulo, que aos 11 anos, matriculados na 4^a série, não conseguem ser alfabetizados¹. Diante dessa realidade, o Ministro da Educação, Sr. Paulo Renato de Souza exclamou: “É o fracasso da Escola. Ela tem de fazer o aluno aprender. Temos de cobrar e exigir dedicação dos professores”.

¹ Nesse artigo, o aluno Welton, diante do ditado “No dia 22 de abril, comemoramos os 500 anos do nosso Brasil, que é uma terra maravilhosa”; o aluno escreveu: “No dina vit do de abinu de doni come kicna do no Ba Basinu terã mlazva”, cf. Gilberto NASCIMENTO, in Educação, São Paulo, Segmento, julho/2000.

De fato, é o fracasso da escola. Porém, acreditamos, que, não se trata apenas e simplesmente da falta de dedicação dos professores. Nesse mesmo artigo, consta também a manifestação de diversos educadores que, apesar de darem apoio ao novo sistema de progressão continuada, instituída pela nova LDB, já em prática em diversas escolas, como nessa do menino Welton, também apontam outras razões para o fracasso escolar: “o drama de crianças que não sabem ler e escrever repete-se hoje em qualquer escola localizada em regiões pobres, garantem os próprios professores.

Eles reclamam pelo fato de não poder “reprovar ninguém” e dizem não tornar públicos os casos de analfabetismo porque as Secretarias de Educação costumam abrir sindicância para apurar os fatos e “somente os professores acabam penalizados, enquanto o governo nunca cumpre sua parte”. O presidente do Sindicato dos Professores de São Paulo, aponta para a falha de método, pois “as crianças não deveriam ser agrupadas pela idade, mas sim de acordo com o estágio de desenvolvimento cognitivo” (Nascimento, 2000).

Há muitas variáveis para serem consideradas, o novo sistema de ensino não contou com o apoio necessário, pois os professores sequer foram ouvidos, não participaram da discussão, nem durante a elaboração, nem na fase de implantação do projeto. Diante das críticas e da realidade apontada, o Ministério da Educação decidiu implantar, até o final deste ano, o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, através de programas de televisão, feito nas classes de escolas públicas.

Na nossa experiência prática, podemos afirmar que há muitas razões para essa deficiência, sendo as mais graves decorrentes mesmo das condições sociais precárias, que implicam em mudanças estruturais da sociedade. Entretanto, mesmo contando com algumas condições básicas, muitos alunos das classes regulares, com dificuldades escolares, não são encaminhados pelos professores para as classes de aceleração, portanto, o número atendido não corresponde à necessidade. Além disso, parece que, de maneira geral, os professores não têm sido habilitados para lidar com as crianças com dificuldade escolar, na classe regular, conforme propõe a recuperação paralela.

Os pedagogos, presentes nas escolas, não conseguem atender à todas as necessidades dos professores, no trabalho com as crianças necessitadas de orientações específicas, pois têm uma carga de atividades burocráticas, e estão em número insuficiente para dar conta dessa demanda.

Mesmo os alunos encaminhados aos atendimentos especializados são submetidos a uma lista de espera. Esses fatos indicam a primeira deficiência: não há número suficiente de profissionais responsáveis pelas orientações aos professores, no ensino oficial. Mesmo que se faça um “mutirão de formação de professores alfabetizadores”, há que se questionar a qualidade dessa formação.

Em função disso, parece que a demanda ao serviço de psicopedagogia, é resultado também da deficiência da estrutura das instituições educacionais. Os professores encontram-se despreparados, sem o apoio necessário para atender às crianças com baixo desempenho escolar, obrigando-as a procurarem os serviços especiais.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1 - Introdução

As crianças consideradas portadoras de “dificuldade de aprendizagem” são aquelas que apresentam uma queda no rendimento escolar. Cerca de 90% das crianças apresentam durante sua vida escolar alterações ocasionais ou mais freqüentemente (Correll, 1974).

O conhecimento dessa área é importante para todas as pessoas que lidam com crianças, inclusive para os pais.

Identificar as alterações da aprendizagem significa conhecer o processo da aprendizagem, que ocorre através da interdependência das condições internas ou orgânicas, e as condições externas ou ambientais. Esses fatores agem conjuntamente e podem determinar o sucesso ou o fracasso escolar.

Qualquer organismo existe sempre em interação com um ambiente, e graças a essa interação, o ambiente – incluindo aspectos sociais, culturais, econômicos e outros – faz parte das características do organismo nas suas condições atuais (Melchiori, 1987).

O nível de funcionamento dos pais sempre altera o problema – com base biológica ou não - do filho. A criança hiperativa tornar-se-á mais hiperativa, a deprimida mais deprimida, quando a família funcionar dessa forma (Polity, 1999, p.75).

Na maioria dos casos, quando uma criança fracassa na escola, estão presentes causas das esferas familiar e escolar, associadas às características de personalidade individual. (Correll, 1974).

O campo familiar é muito importante para o sucesso escolar da criança. Aspectos como motivação, interesse, participação dos pais na vida da criança, organização, disciplina, respeito, comunicação, estimulação das atividades lúdicas e de aprendizagem informal, lazer, e outras, são referidos pelos autores (Marturano, 1997; Kellaghan, 1993; Parreira, 1995), como fundamentais para um bom desenvolvimento da aprendizagem.

Um dos trabalhos propostos para minimizar dificuldades de aprendizagem escolar, considerando-se o papel primordial da família nesse contexto, tem sido a formação do Grupo de Orientação a Pais, do Serviço de Psicologia Infantil do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, que tem como objetivo principal, sensibilizar os pais de crianças com queixas de dificuldades de aprendizagem, quanto à importância da sua atuação no processo e instrumentalizá-los para o exercício da função de mediadores do desenvolvimento de seus filhos.

A linha de pesquisa utilizada pelo grupo que orienta os programas de pós-graduação, onde está inserido o Serviço de Psicologia no qual foi realizado esse estudo, “é orientada para a investigação das interações entre fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento da criança na fase escolar, assim como para a formulação de programas de intervenção preventiva que promovam o desenvolvimento pleno dessas crianças” (Núcleo de Estudos em Problemas de Aprendizagem, 2000).

Esse trabalho ainda é feito de maneira muito restrita. Na região, ele é oferecido apenas pelo Serviço citado acima, onde foi realizada esta pesquisa.

A orientação de pais visa, tanto o fornecimento de informações, como esclarecimento, conselho e interpretação de sentimentos e comportamentos, por parte das crianças e de seus pais. Para que os pais absorvam as recomendações, o profissional precisa identificar-se com a situação vivenciada por eles, com seus sentimentos e esforços em lidar com os desafios da educação de seus filhos. A orientação de pais tenta melhorar o desempenho escolar e social das crianças e o relacionamento entre pais e filhos, educando os pais e esclarecendo normas de comportamento e tarefas apropriadas à idade (Mishne, 1999).

Valorizar a atitude dos pais ao se disporem a ajudar seu filho, participando de um Grupo de Orientação, é provavelmente, o início do processo educativo a que eles se submetem. É necessário que eles percebam que a sua participação no trabalho de superação das dificuldades escolares de seus filhos é fundamental. É preciso que eles compreendam que devem investir em seus filhos, discutir e aprender condutas simples que facilitem a aprendizagem da criança.

No Grupo de Orientação, antes da introdução dos aspectos básicos a serem trabalhados, é importante motivá-los através da sensibilização, da conscientização dos sentimentos subjacentes

que apresentam em relação às suas tentativas fracassadas de resolver o problema de seu filho, sentindo-se impotentes e confusos diante de um quadro tão problemático.

Na escola, os pais recebem reclamações constantes dos professores os quais lhes pedem que ajudem a criança em casa, mas não são claros naquilo que devem fazer. Assim, eles ficam muito preocupados e nervosos gerando atitudes ásperas com a criança, o que pode ser entendido por ela, como falta de afeto.

É importante que os pais percebam que apesar das dificuldades, a criança tem recursos que podem ser explorados e desenvolvidos quando, em casa, lhes são facilitadas algumas aprendizagens. Além disso, essa dificuldade não é uma doença, mas um momento onde o desenvolvimento não está acontecendo como deveria, embora não seja de resolução rápida. Com a ajuda dos pais, os resultados são atingidos mais facilmente.

Outro aspecto importante, é analisar, junto aos pais, como a criança se sente nessa situação. É preciso esclarecer-lhes que a criança sempre quer ir bem na escola, corresponder ao que os pais e professores esperam dela. E quando ela vai mal, não é porque ela quer, ou porque é “preguiçosa” ou “burra”. Essa situação ocorre por alguma razão e é muito difícil para ela, lhe traz sofrimento. Geralmente a criança tem consciência das suas dificuldades e devido a isso mostra-se resistente na realização das atividades que lhe são propostas pelas pessoas que lidam com ela, ocorrendo atrito entre eles.

Quanto à metodologia adotada neste estudo, de natureza qualitativa, alguns esclarecimentos devem ser feitos. Stake (1983, apud Silva, 1996), comparando diferentes abordagens, refere que as pesquisas quantitativas são reguladas pelo rigor estatístico, ocorrendo uma generalização formal dos conhecimentos obtidos, enquanto que nas pesquisas qualitativas, observa-se uma “generalização naturalista”. Nesta, procura-se retratar a realidade como naturalmente se dá, investigando-se o universo de significações individuais dos sujeitos pesquisados. Segundo o autor, as diferentes correntes metodológicas utilizam-se de diferentes bases de validação e interpretação.

Para Chizzotti (1991) a abordagem qualitativa “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (p. 79).

Na pesquisa qualitativa o uso de dados descritivos leva a uma possibilidade de conhecer bem melhor os seres humanos e compreender como ocorre a evolução das definições de mundo dos sujeitos pesquisados (Silva, 1996). Os procedimentos baseiam-se em conversar, ouvir, permitir a expressão livre dos interlocutores. O pesquisador é envolvido na vida dos sujeitos, resultando num certo clima de informalidade. Os sujeitos falam livremente a respeito de um tema sem a imposição de questões fechadas, diminuindo assim, o distanciamento entre pesquisador e pesquisados. O comportamento humano é compreendido a partir do que as pessoas pensam sobre a realidade por meio de suas próprias experiências (Silva, 1996).

2 - Objetivo

O objetivo desse trabalho, fundamentado em uma abordagem qualitativa, é estudar a contribuição de um programa de intervenção familiar, quanto a aquisição de conhecimentos sobre atitudes e condutas adequadas a pais de crianças com queixas de dificuldades de aprendizagem, por meio da análise do nível de informações obtidas por eles durante a participação no referido curso.

3 - Problema

No trabalho desenvolvido com as crianças portadoras de dificuldade de aprendizagem, geralmente, a família desconhece seu papel na participação do processo de desenvolvimento para a superação desses problemas. Ignoram a influência que exercem sobre a aprendizagem de seus filhos, quais os aspectos negativos e positivos que estão presentes no meio familiar que afetam direta ou indiretamente o seu desenvolvimento. Esse fato, muitas vezes, interfere no trabalho de intervenção sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças, não permitindo que o mesmo ocorra satisfatoriamente.

4- Sujeitos

A amostra deste estudo é composta de 17 pais de crianças, com queixa de dificuldade de aprendizagem escolar, que foram acompanhadas no Ambulatório de Psicologia Infantil do

HCFMRP, entre os anos de 1997 e 1999. Esses pais participaram do Curso de Orientação a Pais oferecido pelo Serviço, nos respectivos anos e foram submetidos a uma entrevista inicial, realizada antes do início do mesmo e a uma entrevista final, realizada após.

5- Local

As entrevistas com os pais foram realizadas em uma sala de atendimento do Serviço de Psicologia, a qual continha uma mesa grande e algumas cadeiras.

6- Material

Para fim da coleta de dados foram utilizados os seguintes materiais:

- Ficha de inscrição para o Curso, contendo endereços e dados pessoais (Anexo 1)
- Protocolo de entrevista inicial e final (Anexo 2)
- Gravador com fitas cassetes para transcrição da fala dos pais, utilizado durante as entrevistas, assim como nas aulas durante o curso.

7- Procedimentos para a coleta de dados

Inicialmente os pais foram informados pela psicóloga responsável pelo Curso, quanto aos objetivos, conteúdo, carga horária e datas definidas. Após a confirmação da mãe ou do pai, quanto a disponibilidade e interesse na participação do grupo, a pesquisadora, também presente no local, expunha-lhes o Termo de Consentimento, para que ficassem cientes de seus direitos como colaboradores da pesquisa. Após a assinatura do documento, era então, realizada a Entrevista Inicial, cujas respostas foram gravadas em fitas cassetes e transcritas posteriormente para análise e interpretação.

A Entrevista Inicial e Final conteve questões abertas referentes ao conteúdo do curso, sendo elaborada a partir dos temas das aulas, enfocando-se os aspectos principais de maneira bem ampla. Teve o objetivo de verificar o nível de informação dos pais antes e após a realização do curso.

8 – Da análise dos dados

Os resultados obtidos através das entrevistas gravadas com os pais (Inicial e Final) foram transcritos. Esses dados foram tabulados, relacionando-se as informações em colunas, podendo-se assim, visualizar as respostas de maneira global. Esse material foi submetido ao processo de análise.

A partir de então, as falas dos pais foram organizadas em relação à cada questão, através de dois quadros distintos, visando a comparação das informações que eles já possuíam antes do curso (Entrevista Inicial), e o conhecimento adquirido através do curso (Entrevista Final).

Foram inseridas neste quadro, apenas as expressões verbais que contiveram um conteúdo significativo, isto é, falas com valor informativo a respeito do conteúdo tratado no curso. Essas unidades significativas foram, então, transformadas em expressões formais do português para maior clareza do conteúdo e facilitação da análise posterior (Capítulo da Análise e Interpretação dos Dados).

A análise citada acima é baseada na Análise de Conteúdo de Bardin (1977, p. 38) considerada “como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Conforme os princípios do autor, os dados brutos, obtidos na pesquisa, foram submetidos a uma transformação sistemática, para melhor representação do conteúdo e posterior interpretação. Estas unidades transformadas (Entrevista Inicial e Final) foram, então, agrupadas analogicamente em categorias, e retiradas das falas dos pais, após as entrevistas. As categorias são as seguintes:

- a- *Organização*
- b- *Responsabilidade nas Tarefas*
- c- *Comunicação e Relacionamento*
- d- *Apoio para o Aprendizado*
- e- *Disciplina*

Estas categorias estão organizadas no capítulo da Análise e Interpretação dos Dados.

A análise de conteúdo foi elaborada a partir das falas transformadas dos pais, em termos comparativos quanto ao nível de informação apresentado em dois momentos, antes e depois da participação dos mesmos no Curso.

Na análise e interpretação dos dados, as mães e os pais entrevistados são referidos pelo termo genérico *pais*, sendo que nas tabelas das categorias, a palavra *Pais* é representada pela letra *P*, seguida dos numerais de 1 a 17, que indicam a amostra utilizada nessa pesquisa.

Os depoimentos dos pais são representados pelas iniciais *D.P.*, e as falas transformadas são representadas pelas iniciais *U.T.* (unidades transformadas).

CAPÍTULO 4

VIVÊNCIA NO CURSO

Procedimento do Curso

O curso “Como Facilitar o Aprendizado da Criança na Escola”, objeto de estudo de investigação desse trabalho, foi iniciado em 1997, e originou-se de um trabalho psicopedagógico desenvolvido no Serviço de Psicologia Infantil – Setor de Psicopedagogia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - desde 1983.

Durante o trabalho com crianças apresentando dificuldades de aprendizagem ou baixo rendimento escolar, observou-se que havia necessidade de um apoio familiar nas atividades acadêmicas, principalmente quanto à atitudes de envolvimento, compreensão e ajuda pois essas crianças encontram-se fragilizadas psicologicamente, dificultando o seu progresso. Além disso, foi constatado que muitos pais querem ajudar seus filhos mas não sabem como fazê-lo ou sentem-se incapazes para isso.

Assim, o Curso começou a ser ministrado com objetivo de possibilitar aos pais a identificarem condutas adequadas para promoverem comportamentos mais adaptativos e conseqüentemente, o progresso escolar do aluno no primeiro ciclo do primeiro grau (Parreira e Marturano, 1999).

Ele foi oferecido aos pais de crianças com queixas de dificuldades escolares (da primeira à terceira série do 1º grau) que procuraram o Serviço de Psicologia Infantil do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, encaminhadas por outros serviços da região.

Os pais foram informados sobre o curso no momento da entrevista da triagem clínica (sondagem psicopedagógica realizada, por psicólogos, no período entre a inscrição e a avaliação, onde é decidido, se a criança será inserida no serviço, encaminhada para outra clínica, ou não necessita de nenhum seguimento), no final da avaliação psicopedagógica ou durante a intervenção psicopedagógica. Na entrevista da triagem clínica os pais eram informadas de que,

caso participassem do curso, suas crianças teriam prioridade no atendimento (avaliação ou intervenção).

Diante do interesse e disponibilidade, os pais eram inscritos no curso através do preenchimento de uma ficha com dados de identificação, escolaridade, estado civil, ocupação da mãe, número de pessoas na família, número de filhos, seguimento psicológico ou psiquiátrico anterior da mãe, endereço e identificação da criança inscrita no serviço (Anexo 1). Recebiam, então, um comprovante da inscrição, contendo o nome, data do início do curso, dia e hora das aulas, nome do professor e local das aulas. Eram informados, também, de que, no final do curso, caso participassem de todas as aulas, lhes seriam conferido um certificado de participação no mesmo, como um sinal de envolvimento deles no aprendizado da criança.

O conteúdo do Curso é dividido em cinco aulas semanais, com duração de uma hora e meia cada, reunindo uma média de quinze pais.

Compreende os seguintes temas:

- 1- ‘A organização e a rotina da família’. Ressalta a importância de a criança viver em um lar organizado, com rotinas estabelecidas para as atividades essenciais ;
- 2- ‘Apoio à criança nas atividades escolares’. Enfatiza o apoio dos pais à criança nas atividades escolares, seja através de contatos com a escola, seja através do encorajamento que a criança recebe em casa para a realização das lições.
- 3- ‘Incentivos para participar do ambiente’. Propõe formas de incentivo à participação da criança nos acontecimentos do ambiente, ampliando assim, seu conhecimento sobre o mundo que a cerca para que adquira com os pais muitos dos conceitos necessários para a aprendizagem formal na escola.
- 4- ‘Comunicação e relacionamento’. Salaria a importância da comunicação adequada entre os familiares para beneficiar a aprendizagem da criança. O relacionamento social e familiar dá sustento às adaptações psicológicas do ser humano e quando a criança participa de relacionamentos familiares estáveis e solidários, sente-se mais segura para aventurar-se em novos ambientes, o que afeta positivamente a aprendizagem.

5- 'Disciplina e incentivos ao estudo'. Focaliza a disciplina, importante para a convivência social e a adaptação da criança às regras e normas da sociedade e alguns aspectos do apoio oferecido pela família para que a criança continue avançando nos estudos, dando ênfase às expectativas dos pais em relação à escolaridade dos filhos (Parreira e Marturano, 1999).

O curso é ministrado pela psicóloga-psicopedagoga responsável pelo programa, contratada no serviço.

Os pais são reunidos em uma sala contendo cadeiras, um armário e uma lousa. Inicialmente é realizada uma apresentação do trabalho, com o objetivo de sensibilização para o tema e sondagem do conhecimento prévio a ser abordado na aula. As aulas são essencialmente expositivas, mas durante as mesmas, são realizadas várias perguntas aos pais, favorecendo assim, a participação ativa deles. No final de cada aula, era dada uma atividade prática, envolvendo maior participação dos pais. Com essa dinâmica, os pais sentem-se muito à vontade e têm oportunidade de expor suas dúvidas e colocar situações mais conflitivas de sua vida pessoal.

A seguir, consta um relato sobre a dinâmica e o conteúdo de um curso realizado no mês de outubro de 1997, para melhor esclarecimento desse trabalho.

O grupo observado neste estudo, é composto de sete pais, sendo constatadas três faltas (dez pais inscritos).

1ª aula – A Organização e Rotina da Família

Após o agradecimento pela presença dos pais a expositora fala sobre a importância dos pais no processo de educação da criança, o objetivo do curso e o cronograma para o mesmo.

Pede que cada um se apresente, dizendo o próprio nome, o nome da criança, se trabalha fora...

Os pais falam que estão ali para poderem ajudar seus filhos que possuem dificuldades escolares: uma das crianças faz tratamento em um centro especializado para crianças com

distúrbios de aprendizagem; outras, não conseguem reter o que aprendem na escola; uma menina está afastada da escola, pois havia sido encaminhada para a APAE, onde fora submetida a uma avaliação intelectual, sendo, então, dispensada desse serviço, e encaminhada ao Serviço de Atendimento Psico-pedagógico da prefeitura; a mãe de um dos meninos que frequenta a primeira série, refere que ele já foi submetido a um exame de eletroencefalografia, sendo o resultado negativo, mas que é medicado para o nervoso. Durante a apresentação, a expositora, emite expressões ressaltando aspectos positivos das falas, como: “É uma mãe ativa!”; “Nós temos prazer em ter você aqui.”; “Que bom que você veio!”; “Se não fosse importante esse trabalho, nós não estaríamos tirando vocês dos seus afazeres, para virem aqui.”

Em seguida, é iniciado o tema proposto, com a seguinte pergunta dirigida aos pais:

“O que é organizar?”

Alguns pais emitem expressões genéricas, como: “É colocar em ordem... é organizar...”

A expositora reforça o conteúdo das falas e cita, à vezes, o nome das pais: Ex: “Realmente é isso. Organizar é colocar cada coisa no seu lugar. Como a Joana falou, nem sempre dá tempo de fazer tudo aquilo que a gente quer...” E usando uma linguagem bastante acessível, simples, define o termo e diz que a organização ajuda a fazer com que a vida se torne mais fácil e que, além disso, temos de ter *prioridade*. Então, realiza novamente a pergunta aos pais: *“O que é prioridade?”* Um pai responde: “As coisas principais.” Ela então, valorizando a expressão emitida, continua a explicação: “Isso! Nós temos que fazer aquilo que é principal. Aquilo que é mais importante para o momento. Por exemplo: Eu chego em casa. Eu tenho que lavar a roupa, fazer janta, olhar as lições das crianças, varrer a casa, fazer muitas coisas! Então, eu vou começar pelo que é prioritário. Se as crianças estão com fome, eu não vou varrer a casa, não é? Eu vou fazer aquilo que está sendo mais necessário no momento. É importante a gente não ficar aflita, pensando: Ai, meu Deus, eu tenho que fazer tudo, não vai dar... Assim, a cabeça da gente acaba virando um bolo e a gente acaba não fazendo nada. A gente fica rodando, rodando, e não faz a comida, não limpa a casa, não dá atenção à criança. Então, a gente tem sempre que começar por aquilo que é mais necessário, no momento.” Em seguida, ela faz outra pergunta: *“E a rotina? D. Neuza, o que é rotina?”*. E assim, sucessivamente, a expositora questiona mais alguns pais, enquanto que outros, espontaneamente participam da conversa.

A aula continua dessa forma. A participação dos pais é constante e a expositora apresenta-se muito habilidosa na maneira de conduzir as manifestações, coordenando bem o seu discurso com os posicionamentos dos mesmos. Ora retoma o seu discurso logo após o depoimento de um dos pais, ora, dá oportunidade de mais pais falarem. Seu vocabulário é simples, muito próximo do utilizado pelas pessoas ali presentes, fazendo-se compreender sem nenhuma dificuldade por elas. Percebe-se que os pais sentem-se muito a vontade e descontraídos. São momentos muito prazerosos onde todos nós nos sentimos completamente envolvidos com o conteúdo exposto. As expressões faciais dos pais são significativas: freqüentemente meneiam a cabeça, concordando com o que está sendo falado, sorriem diante de algum exemplo engraçado ou demonstram refletir com seriedade nas palavras ditas. Participam constantemente da aula, respondendo às perguntas ou descrevendo algum fato vivenciado por eles. Os mais silenciosos são, eventualmente solicitados a exporem o seu pensamento. Os exemplos são usados freqüentemente pela expositora, durante o desenvolvimento do tema, através de situações muito comuns do nosso dia-a-dia, ou mesmo utilizando alguma situação colocada pelos pais naquele momento. A expositora é dinâmica e apresenta uma postura acolhedora, expressando-se com muita clareza, fatores fundamentais para garantir a compreensão e despertar o interesse dos participantes.

Prosseguindo o tema da aula, é esclarecido, junto com os pais, o que se compreende por *rotina* e sua importância na nossa vida. Uma mãe coloca, concordando, que se sentiria perdida sem a rotina. Um pai argumenta que é importante que o casal participe da rotina da casa. Alguns pais são solicitados a falar sobre suas atividades rotineiras. Em seguida a expositora os questiona sobre a relação entre a *organização, rotina e aprendizagem escolar da criança*. Uma mãe, espontaneamente responde que, se a criança é organizada em casa, o será também na escola ou em qualquer outro lugar. Outra mãe coloca que os pais devem dar a educação e o exemplo. A expositora reforça a expressão da mãe, dizendo sobre a importância de se ensinar a criança a se organizar. A mãe acrescenta que é preciso que os pais deixem de realizar algumas tarefas para priorizar esse ensino à criança.

Dando continuidade ao tema, a expositora fala da estrutura da escola, quanto à sua organização em relação aos horários estabelecidos das aulas, recreio, entrada, saída e a importância da criança ter condições de se adaptar a essa organização. Além disso, o próprio aprendizado do processo da escrita envolve uma seqüência de etapas que a criança só será capaz de acompanhar se ela possuir uma organização de pensamento. Essa organização se desenvolve

de fora para dentro, a partir das vivências, das atividades realizadas no tempo. Os pais podem ajudar a criança fazendo com que ela participe da organização no lar: arrumando sua gaveta, seus materiais escolares, seus brinquedos... Uma mãe refere que seu filho prefere guardar as louças do que guardar a botina no armário ou a roupa na gaveta. A expositora lhe responde que já é um começo, que a mãe poderá, então, dizer à criança que, como ele guardou tão bem as louças, poderá também guardar sua botina. Esse ensinamento deve ocorrer gradativamente, até que os hábitos se formem. É necessário que os pais vão atribuindo responsabilidades à criança, de acordo com sua capacidade.

Então, a expositora questiona os pais sobre o que é *responsabilidade*, e alguns se manifestam dizendo que a criança precisa entender que tem que fazer certas coisas, que tem que arrumar a bolsa da escola, guardar seus objetos que ficaram na sala... Os pais são, então, alertados sobre a necessidade da paciência e constância nas suas atitudes, quanto ao processo de desenvolvimento da formação da responsabilidade. Há crianças que demoram mais para conseguir isso, exigem um investimento maior dos pais. Como a organização interna faz parte de um processo de amadurecimento psico-neurológico, algumas crianças podem chegar até aos 10 ou 12 para adquiri-la. As crianças não devem ser comparadas, pois é necessário que o seu ritmo de desenvolvimento psico-neurológico seja respeitado.

Os estudos científicos demonstram que as pessoas que vivem num lar organizado são mais bem humoradas, pois os atritos são menos freqüentes. São citados, então, alguns exemplos rotineiros, demonstrando que a falta de organização no lar pode causar desentendimentos. Esse é um momento de descontração, onde os pais riem das situações apresentadas e participam com exemplos próprios e comentários.

É explicado, então, que a tarefa escolar é uma responsabilidade muito importante da criança. Através dela, a criança pode treinar sua independência. A tarefa deve ser feita de forma organizada.

A expositora pergunta aos pais sobre o horário das crianças dormirem. A maioria refere que as crianças dormem cedo e tem horários determinados. Alguns relatam que suas crianças vão se deitar quando decidem. A explicação dada, então, é que, para se ajudar a criança em relação a organização, é preciso que se tenha horários estabelecidos para as atividades essenciais (dormir, acordar, tomar as refeições, realizar as tarefas escolares...), pois assim, ela poderá desenvolver a

noção de tempo, necessária para o aprendizado da leitura e escrita. Na medida em que a mãe fala dos horários das atividades rotineiras para a criança (Ex: “São sete horas, está na hora de levantar”), ela está, também, estimulando o desenvolvimento dessa aprendizagem. Ao levantar, a criança deve ser acordada bem antes do horário de sair, com tempo suficiente para que possa realizar suas atividades de maneira tranqüila, no seu próprio ritmo e chegar na escola sem atraso. Isso também ajuda a criança a se concentrar nas atividades escolares, pois quando as coisas são feitas com muita afobação nos causam mal-humor e isso nos atrapalha.

Alguns pais se manifestam comentando que suas crianças gostam de chegar mais cedo na escola para conversar com seus amigos, trocar figurinhas... Algumas crianças são realmente mais vagarosas, mais tranqüilas. Tem aquela que vai entrar no carro, está com o chinelo na mão. Uma mãe diz que tem quatro filhos, sendo que cada um tem um ritmo diferente. Outra mãe diz que essa colocação é importante para ela, pois sua filha, sai chorando, fica nervosa, não quer entrar na escola, quando ela, a mãe, sai da sua lanchonete muito em cima da hora, para ir para casa fazer o almoço. Diz que vai sair mais cedo a partir de então.

A expositora reafirma a colocação e continua o tema, informando que a criança não deve comer diante da televisão, e que é importante que ao menos, uma das refeições do dia seja feita com os familiares reunidos, pois é uma boa oportunidade de conversarem e se conhecerem melhor. Alguns pais se manifestam dizendo sobre a dificuldade de corrigir o hábito das crianças comerem vendo televisão.

É lhes dito, então, da necessidade da persistência por parte dos pais, mesmo que seja difícil. Deve-se conversar com a criança e insistir nessa mudança.

Quanto à lição de casa, é importante que a criança tenha um horário e local determinado. Além da tarefa escolar a criança também precisa brincar, ter amigos, conversar... Mas primeiro, ela deve realizar suas obrigações da escola e depois ter o lazer. É preciso que seja explicado à criança a importância dessa prioridade e combinar com ela o horário para isso. Se a criança não sabe ver as horas, tem que ter alguém para lhe dizer. Uma das mães então, sugere que se pode mostrar à criança, no relógio, a posição dos ponteiros do horário combinado.

A expositora concorda e fala sobre o local para a realização da tarefa. A criança necessita de uma mesa, que pode ser a da cozinha, ou da sala... É preciso que a televisão seja desligada nessa hora para que a criança possa se concentrar. Os irmãos podem dividir a mesa se não houver

atrito, caso contrário, precisam ser separados. O mesmo deve ser feito com os materiais escolares. A mãe deve monitorar as situações conflituosas, e tentar evitá-las antes que se iniciem.

Em seguida, é feito um resumo da aula pela expositora, a qual conclui que os aspectos apresentados, como a organização e a rotina da casa não vão resolver todos os problemas escolares das crianças cujos pais estão ali presentes, mas que vão ajudá-las na aquisição de habilidades importantes para o aprendizado escolar.

É proposta, então, uma atividade com maior participação dos pais: lhes é solicitado que façam sugestões sobre os meios que usam ou poderiam estar usando para organizar melhor suas rotinas diárias em casa. Um pai, então, diz acreditar que a participação do casal é importante. A expositora escreve na lousa: *O casal deve participar da organização*. E pergunta aos demais pais se concordam com a colocação. Eles respondem que sim.

E assim, sucessivamente, os pais vão se colocando, surgindo, então, no quadro, as seguintes propostas:

- *A criança sente-se satisfeita em ser útil por participar.*
- *Mostrar que cada um tem as suas obrigações.*
- *Todos devem participar de um rodízio nas atividades.*
- *As tarefas devem ser compartilhadas.*
- *A tarefa escolar tem que ter prioridade.*

A expositora complementa as sugestões falando sobre um objeto simples, o relógio na parede, o qual não deve ser em algarismos romanos, para que a criança possa ser estimulada a aprender a ver as horas, quando a mãe disser, por exemplo: “São onze horas, está na hora de almoçar!”

Os pais fazem alguns comentários sobre as crianças quando elas se referem às horas, e em seguida a expositora continua, sugerindo também a elaboração de bilhetes, principalmente pelas mães que trabalham fora, para serem fixados em geladeiras, armários, com o objetivo de lembrar as crianças das atividades a serem realizadas por elas, de forma que todos participem da dinâmica.

Logo após, a aula é encerrada e os pais são convidados para a próxima reunião.

2ª aula - Apoio à Criança nas Atividades Escolares

Após expressar a satisfação de estar novamente com os pais, a expositora relembra os temas discutidos na reunião anterior e em seguida, apresenta o conteúdo da aula: a necessidade dos pais darem apoio à criança nas atividades escolares.

É colocado, então, que a aprendizagem escolar é um processo longo e difícil para muitas crianças, e que portanto, além dos materiais escolares, os pais precisam também dar apoio, oferecer ajuda, não só no início da alfabetização, mas durante toda a sua vida escolar de seu filho.

Os pais são solicitados a falarem de suas primeiras experiências escolares, e a opinarem quanto a importância da ajuda à criança.

A expositora refere que é muito importante que tenha uma pessoa na família para dar o apoio, e que geralmente essa pessoa é a mãe. Ela precisa estar realmente interessada e envolvida com a aprendizagem escolar da criança, acompanhando de perto as atividades, tanto dentro como fora da escola.

É perguntado aos pais sobre a razão de se conhecer a escola. Uma mãe refere que dessa forma, os pais podem orientar melhor seus filhos.

A expositora confirma e acrescenta que é preciso saber sobre o seu funcionamento, sobre o espaço físico, além de conhecer os profissionais que lá trabalham. Então, ela pergunta aos pais a respeito da função de cada profissional.

Depois da explicação, pede que cada pai dê sua opinião quanto as ocasiões em que deve ocorrer o contato com a escola. Comenta que a mãe precisa procurar a escola quando perceber que seu filho está com dificuldade para aprender, e pedir ajuda à professora; quando a criança chegar em casa reclamando de algum acontecimento, como briga no recreio ou maus tratos da professora; quando a criança trás um bilhete pedindo o comparecimento dos pais na escola e, nas reuniões bimestrais.

Nestes contatos, é importante que a mãe estabeleça uma relação de cordialidade com a professora pois, assim, a professora passa a vê-la como aliada, para juntas poderem ajudar a criança.

Nesse momento, alguns pais referem sobre a dificuldade que encontram no relacionamento com a professora. Uma mãe coloca que não obteve nenhuma mudança da mesma em relação ao seu filho, após ter pedido a ela que modificasse a maneira de ensinar as atividades. Por outro lado, depois da conversa, a professora apresentou melhora quanto à atitude de xingar as crianças de *burro, analfabeto...*

Outra mãe relata que seu filho fez um trabalho escolar para ser levado à feira de ciências, ficando até tarde da noite para terminá-lo, pois a professora havia pedido o trabalho no dia anterior. Quando foram à escola no dia seguinte, levando o trabalho, a professora faltou e ninguém o recebeu. Considerou uma atitude muito desrespeitosa da professora e disse que teve vontade de levar o trabalho na feira e entregá-lo à pessoa responsável.

A expositora complementa, dizendo considerar esta uma boa atitude, pois conscientiza o professor quanto as suas inadequações. É reafirmada, então, a importância dos pais no relacionamento com a escola e quanto a necessidade de se informarem sobre as regras da mesma para o contato.

Alguns pais participam emitindo opiniões e a expositora reforça suas emissões. Perguntados como se sentem ao receber um bilhete pedindo o comparecimento na escola. Faz alguns comentários sobre isso, falando sobre a sensação desconfortável que essa situação causa aos pais, mas também, quanto a necessidade de enfrentá-la e procurar pela professora para esclarecê-la. Refere que o bilhete deve ser escrito em uma caderneta e não no caderno da criança, pois é dirigido à mãe.

Os pais são solicitados a falar sobre suas experiências com as reuniões ou contatos com a escola. Eles citam alguns comentários feitos pelas professoras sobre as dificuldades de seus filhos, além de referirem que é angustiante a situação de ter que aguardar o final da reunião para ouvir a professora falar sobre os problemas de seus filhos.

A expositora, então, dá algumas “dicas” para que os encontros com a professora tornem-se mais fáceis e proveitosos: a- É necessário que a mãe reflita, pense sobre o que aconteceu e no que vai falar, antes de ir ao encontro com a professora, para que esteja calma no momento; b- Ouvir o que a professora tem a dizer, sem antecipar seu julgamento, pois a criança, na classe, pode comportar-se de maneira diferente de casa, quando está sozinha. Por outro lado, a mãe também não pode tomar “as dores” da professora e ajudá-la a criticar a criança. O melhor é ouvi-

la e deixar para tomar as providências em casa; c- Depois de ouvir a professora, a mãe deve fazer perguntas ou expressar suas preocupações de uma forma clara; d- Quando chegar em casa, a mãe deve conversar com a criança sobre a reunião ou o encontro que teve na escola.

A mãe precisa analisar se as queixas da professora são por baixo rendimento escolar, ou seja, a criança não consegue fazer o que lhe foi proposto ou se são por problemas de comportamento. No caso de queixas de dificuldades de aprendizagem, procurar não ficar brava, ameaçar ou bater na criança. A criança precisa de ajuda. A mãe deve falar sobre algo positivo que ouviu na escola, incentivando-a. Depois, explicar à criança os aspectos que deve melhorar ou quais queixas ouviu na escola.

Os pais devem demonstrar compreensão para certas situações da criança, que nem sempre são fáceis. A criança com dificuldade escolar deve ter os pais como figuras de confiança, que vão ajudá-la quando sentir alguma dificuldade.

Nos casos em que a queixa da professora é sobre o comportamento da criança, como desrespeito à professora, aos colegas ou agressão na classe, os pais têm que ser firmes com suas atitudes. Podem colocar a criança de castigo ou mesmo tirar-lhe algum privilégio.

Durante a apresentação das “dicas” citadas acima, a expositora solicita exemplos e opiniões dos pais. Ao mesmo tempo, de forma espontânea, eles colocam fatos ocorridos ou comentam sobre atitudes das professoras. Reafirmam a importância de se comunicar à criança as conversas tidas com a professora; sobre o fato de perceberem irritação na professora, em relação ao desempenho da criança, sem considerar a dificuldade de aprendizagem; sobre a atitude, às vezes, da mãe que bate no filho, ou xinga, ao chegar da reunião; quando os pais agem de forma agressiva em casa, ou usam palavrões, influenciando a criança a ter as mesmas atitudes na escola.

A psicóloga, acompanhando as emissões dos pais, continua dando esclarecimentos, sempre utilizando exemplos quanto às atitudes e conduta mais assertivas de pais e professores.

Em seguida, a expositora refere sobre a importância da participação da família em eventos promovidos pela escola, como festas comemorativas ou para angariar fundos. Quanto mais a família participar da escola, mais vai poder exigir que ela dê atenção a seu filho. Além disso, a criança vai gostar mais ou menos da escola e da professora, dependendo da forma como os pais pensam e se relacionam com as mesmas.

Outro aspecto citado é quanto ao significado de castigos e presentes, com relação ao rendimento escolar da criança. Esta precisa perceber que o estudo é importante e deve ser estimulada a gostar de aprender. Para muitas crianças essa situação pode ser estressante, gerando medo de não conseguir, o que prejudica ainda mais seu desempenho. Ela precisa de incentivo diário, sem críticas ou ameaças.

A expositora pergunta, então, aos pais sobre a situação da tarefa em casa. Alguns comentam que a criança deve ir fazendo suas tarefas e perguntando à mãe o que não sabe; que pode-se chamar a criança para a tarefa, dizendo-lhe que vão brincar de escolinha, e também que, depois de chegar da escola, a criança deve tomar um banho, comer e fazer a tarefa antes de brincar.

É lhes explicado, a partir de então, que a mãe deve demonstrar interesse pelo dia escolar da criança e saber se tem tarefa. É preciso que seja lembrada do horário e do local que a lição deve ser realizada. A tarefa é uma responsabilidade da criança, portanto, ela deve fazê-la preferencialmente sozinha e mãe terá que conferir, depois, se foi feita ou não. A correção da tarefa deve ser realizada pela professora, na escola. Se a criança pedir ajuda à mãe, e esta tiver conhecimento para ensiná-la, pode oferecer condições para que a criança solucione o problema.

A expositora, então, questiona os pais quanto a maneira deles se portarem em relação à tarefa e alguns se posicionam. Uma mãe refere que “deixa seu filho caminhar”, e é reforçada pela psicóloga, que reafirma a necessidade da criança fazer sua tarefa sozinha. Um pai então, comenta que essa atitude refere-se à criança sem dificuldade, o que a expositora contesta, explicando-lhe que a conduta deve ser realizada mesmo nesses casos.

A criança não precisa fazer a tarefa correta em casa. O dever da correção é da professora, pois assim, ela conhecerá as necessidades da criança.

Outra mãe diz que não entende como deve agir, pois sua filha não sabe fazer a tarefa. Ela é orientada, então, por meio de exemplos e sugestões, a proporcionar meios de ajuda à filha sem fazer por ela, direcionando-a para a independência.

Os pais devem dar apoio, criando situações para que a criança faça a tarefa por ela mesma. A participação dos pais na tarefa está mais relacionada aos incentivos, aos encorajamentos oferecidos à criança na hora de fazê-la.

Outro pai questiona sobre as razões da criança não saber ler, mas saber escrever, sendo esclarecido pela expositora, a qual, mais uma vez, faz uso de exemplos e linguagem bastante clara. Outra mãe lembra-se da forma como a tarefa é corrigida na escola, de forma coletiva. A psicóloga comenta que essa maneira também estimula a independência e responsabilidade da criança, que corrige sua própria lição.

A importância da aquisição dos materiais escolares para a criança é enfatizada, e deve ser prioridade no orçamento doméstico. As crianças devem ser ensinadas a cuidar dos materiais e mantê-los conservados.

Para finalizar, é feita uma proposta de vivência relacionada ao tema da aula. O grupo de pais é dividido em duplas. Um dos membros desempenha o papel da criança, a qual tem que escrever uma carta, e o outro, desempenha o papel da mãe/pai que deve oferecer suporte para que a atividade seja realizada. O papel é invertido, posteriormente.

Concluindo, eles expõem o que sentiram em cada função e a importância da orientação e apoio para as atividades da criança em casa, fixando-se assim os conceitos trabalhados.

3ª aula – Incentivos para participar do ambiente

Após a referência aos conteúdos expostos na primeira e segunda aula, de forma bem sintética, a expositora inicia o tema do dia, mencionando que estudos mostram a importância da participação da criança no seu ambiente familiar, para a aprendizagem escolar. Por meio dessas atividades ela vai adquirindo conhecimentos e motivação necessários para outras aquisições.

Uma pergunta é, então, feita aos pais: “Quando acham que a criança começa a aprender?” Alguns pais respondem que é desde bebê.

A expositora comenta que estudos demonstram que a criança aprende desde no útero. Portanto, não se pode pensar que ela aprende somente quando vai à escola. O pai, a mãe, os irmãos são os primeiros professores da criança.

Mais uma pergunta é feita aos pais: “O que seus filhos, quando bebês, fazem ao acordar e se perceberem sozinhos?” Uma mãe responde que alguns choram, outros brincam, dão gritinhos...

A expositora continua, dizendo que essas reações são aprendidas pelos bebês e têm o objetivo de chamar a mãe para serem alimentados, segurados ao colo ou cuidados. Outros exemplos são dados como o de ensinar a andar, falar, quanto ao que pode ou não ser feito...

Quando a criança vai crescendo, vai conseguindo realizar, sozinha, diversas ações. E é muito importante que participe dos acontecimentos da casa e aprenda a executar as atividades do dia a dia para que possa desenvolver certas habilidades, necessárias para o aprendizado da leitura e da escrita.

Uma destas habilidades é a comunicação. A criança deve conhecer o mundo em que vive, ter informações sobre os objetos que a rodeiam, saber o nome destes objetos, sua função, como são usados. Assim, poderá escrever sobre eles. Quanto maior o desenvolvimento da linguagem, maior facilidade a criança vai encontrar para escrever.

Ela precisa desenvolver certas noções como de tempo, de quantidade, saber juntar, separar... Uma criança que aprende em casa, os dias da semana, que tem experiências com contas, que sabe reconhecer dinheiro, tem noção de dúzia, etc, vai aprender a escrever com mais facilidade e resolverá problemas de matemática com menos esforço.

Como as crianças são curiosas por natureza e querem aprender, os pais só precisam dar-lhes oportunidade para que esta curiosidade se desenvolva e assim, poderem ensiná-las. Às vezes, é preciso que os pais despertem esta curiosidade na criança, chamando-a para ver algo, falando sobre assuntos que teve conhecimento, informando-a continuamente. As atividades devem ser realizadas em conjunto, pais e filhos, e a criança deve ser incentivada a isto.

A psicóloga pede aos pais que falem sobre como poderiam levar a criança a participar das atividades, de modo geral.

Uma mãe refere que pedindo para lavar o arroz, descascar o alho... A expositora complementa, dizendo que se pode dar informações à criança, durante essa situação, por exemplo, falando-lhe sobre de onde vem o arroz, como é plantado, processado em máquina, transportado ao supermercado, etc.

Outra mãe manifesta-se, falando sobre como as crianças da cidade são pouco informadas em relação à vida rural.

A psicóloga continua o tema, dizendo que esse ensinamento deve ocorrer de maneira natural nas situações do dia a dia. Ajudando a mãe a fazer o arroz, a criança aprende sobre quantidade, tomando conhecimento de que o saco de arroz, comprado no supermercado, tem cinco quilos, por exemplo; sobre volume, ao verificar que o arroz cresce com o cozimento, e que, portanto, necessita de uma panela de tamanho apropriado para ser feito, etc.

Arrumando a mesa para a mãe, na hora das refeições, a criança contará o número de pessoas que vai sentar-se (é salientada a importância da família comer reunida), os talheres e pratos que serão usados, reforçando a noção de quantidade. Outros exemplos são também citados, quanto aos conceitos que podem ser trabalhados em uma situação de lavar a roupa, fazer um bolo...

No caso do menino, ele pode aprender a fazer pipa, manipular jogos de regras com o irmão mais velho, aprender sobre a bicicleta ou carro, enquanto ajuda o pai a lavar ou limpar seu veículo.

A expositora explica as possíveis noções a serem adquiridas através destas atividades relacionando-as às habilidades escolares (conceitos de termos como ímpar/par, maior/menor, origem de diversos alimentos, leitura de receita, conta de subtração, soma, dúzia, dezena, horas, etc).

Durante a explanação alguns pais emitem comentários, reforçando as idéias apresentadas. Uma mãe diz: “A gente é professora e não sabe, né? Eu tô aprendendo muito!”

É ainda salientado que, a interação entre mãe/pai e criança deve acontecer sem críticas ou ameaças. É importante calma, disposição e paciência para um bom relacionamento.

Junto a esta participação ativa da criança, faz-se necessário o empenho para que a criança expresse suas idéias, que ela fale sobre o que pensa dos fatos. As conversas são importantes para o enriquecimento do vocabulário, para a estimulação do interesse da criança e, conseqüentemente, para o melhoramento de sua aprendizagem escolar.

Continuando o tema, é perguntado aos pais sobre ao que acham da televisão.

Eles fazem os seguintes comentários: “não acha muito bom”, “não acha bom porque a criança almoça vendo televisão”; “passam certos programas em hora errada”; “tem que deixar a

criança assistir, mas não o tempo todo”; “deve-se colocar em programação boa”; “têm coisas boas e coisas ruins”.

A expositora dá continuidade, retomando a colocação do último pai e acrescenta que a televisão pode ser um bom instrumento para ensinarmos nossos filhos. Assistir televisão em família é muito bom para todos, pois as pessoas vão conversar sobre vários assuntos que são ali transmitidos. Surgem oportunidades para a criança se expressar e a possibilidade dos pais poderem orientar seus filhos.

Em uma cena de violência, por exemplo, pode-se explicar à criança sobre comportamentos corretos, sobre as conseqüências de um ato violento... Há vários programas educativos, informações úteis, conhecimentos diversificados. É importante a troca de idéias entre os membros da família.

A expositora explica a importância desses conhecimentos para o aprendizado escolar. Pergunta, então, aos pais como assistem televisão em suas casas. Eles respondem que: “vê televisão mas não comenta com seu filho”; “todos na casa comentam”; “o filho vê mais desenho”; “às vezes comenta, outras vezes, não”; “não sabia, vai começar a comentar a partir daquela aula.”

Após os comentários, a psicóloga fala sobre outro aspecto relevante para os pais estimularem o interesse da criança pela conversa: contar à ela fatos ocorridos em suas vidas. As crianças gostam muito e isso os aproxima, criando um clima afetuoso.

Alguns pais comentam sobre sua infância, e sobre brincadeiras que realizam com seus filhos.

A expositora prossegue, dizendo que a criança deve ser estimulada também a aprender e a expressar suas idéias, ao sair de casa. A mãe deve explicar a ela, antes de sair, onde vão e como será o passeio. Durante o mesmo, observar com ela, o nome do ônibus, das ruas, falar sobre o bairro, avenidas. Falar sobre a função das pessoas que trabalham no ônibus, por exemplo.

Desta forma, a criança vai desenvolvendo a linguagem, o conhecimento do mundo em que vive e ao mesmo tempo ficando motivada a aprender. As explicações vão ajudá-la a desenvolver noção de espaço, tempo, valor, raciocínio aritmético, noções essenciais para o aprendizado da escrita, na escola.

Uma mãe lembra que é importante passear com a criança, mas que muitos pais não o fazem porque a criança dá muito trabalho. Refere que começou a sair com sua filha e tem sido muito bom, pois a criança foi aprendendo a se comportar.

A psicóloga elogia a atitude da mãe, e explica que é necessário ter uma boa conversa com a criança antes de sair de casa. Deve-se deixar claro para ela como deverá comportar-se, não mexendo nos objetos, etc.

Continuando a exposição do tema, refere-se à situação de se levar a criança ao supermercado e centro da cidade. Deve-se estabelecer junto à criança, anteriormente, o que ela poderá comprar, sempre considerando-se as possibilidades financeiras da família e esclarecendo a criança quanto a isto. Antes de sair, se a criança souber escrever, poderá fazer a lista de compras.

Alguns pais relatam suas experiências relacionadas à esta situação.

Outros passeios devem ser feitos como em circo, cinema, visitas à parentes, sempre estimulado-se a criança na aquisição dos conhecimentos.

Para terminar, os pais são convidados a dar uma volta no quarteirão para que possam verificar o que podem aprender com essa experiência. Devem pensar e comentar com os colegas o que poderiam ensinar a seus filhos se estivessem juntos naquele momento.

4ª aula – Comunicação e relacionamento familiar

O tema da aula anterior é relatado de maneira resumida e, em seguida os pais são questionados em relação ao que têm realizado quanto a participação da criança nas atividades da casa. A expositora dirige-se a cada um deles, pelo nome. Alguns comentam que estão ensinando certas atividades como estender a roupa, lavar a meia, o calçado... Uma mãe diz que ainda não começou a fazer nada e outra, diz que já realizava as orientações dadas.

Então, é iniciado o tema do dia. É explicado que a comunicação é muito importante, pois é a base da aprendizagem. É dado o exemplo, referindo-se a situação do momento, expositora e pais conversam entre si e aprendem uns com os outros. O aprendizado ocorre em diversas situações. Ao conversarmos com um amigo, tomamos conhecimento de diferentes fatos,

aprendemos algo novo. Com a criança também é assim, ela vai aprendendo com nossas conversas.

A expositora continua, dizendo que geralmente, dialogamos com os vizinhos, parentes, conhecidos... Em seguida, questiona os pais sobre como ocorre a comunicação em casa. Uma mãe diz que seu filho é curioso, quer saber tudo. A psicóloga comenta, então, sobre a importância de se aproveitar a curiosidade da criança e dar-lhe explicações constante.

Continua dizendo que muitas vezes, somos cordiais, respeitosos com pessoas de fora, mas com os de casa, não agimos assim. É em casa que a criança aprende a respeitar as regras e as pessoas.

É feita a pergunta aos pais, sobre qual a relação entre o respeito e a aprendizagem na escola.

Uma mãe responde que a criança aprendendo a respeitar as pessoas de casa, vai fazer o mesmo na escola, com a professora, diretora, colegas.

A resposta é confirmada pela expositora que continua a explanação dizendo que a comunicação, e a forma como ela ocorre entre os familiares é de grande importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Quando a criança entra na escola, além de saber se comunicar, precisa já ter aprendido a respeitar as pessoas, respeitar regras e normas sociais. Muitas crianças têm dificuldades escolares por apresentar problemas de comportamento em classe, ou mesmo na hora do recreio.

A criança que aprende a respeitar, também vai ser respeitada na escola e poderá obter maior empenho da professora para ensiná-la.

É feita, então, a pergunta aos pais sobre o que é o respeito.

Uma mãe dá uma resposta vaga, e a expositora continua. Menciona que o respeito às pessoas e às normas é aprendido em casa, por meio dos exemplos dos pais. Em um lar onde um acata a opinião do outro, onde há consideração pelas pessoas, onde leva-se em conta o que os outros dizem e, onde há regras claras a serem seguidas, pode-se dizer que há respeito.

O comportamento da criança na escola está muito associado ao modo como os pais se relacionam e tratam a criança. Os pais funcionam como espelhos, pois ela aprende com seus

exemplos. Pais agressivos que batem, xingam, mentem, não acatam regras e normas, acabam proporcionando condutas inadequadas a seus filhos.

Prosseguindo, é comentado que, onde há respeito as regras são claras. Às vezes, nós queremos que nossas crianças se comportem mas, não lhes falamos claramente o que esperamos dela, não explicamos precisamente como ela deve agir em diferentes situações. É preciso conversar bem antes de exigir comportamentos adequados.

Alguns pais, nesse momento emitem opiniões, ou dão alguns exemplos. A expositora continua o tema explicitando sobre a importância da criança também ser respeitada pelo adulto. Há situações em que os adultos consideram sem importância o que ela diz, não lhe dando a atenção necessária.

Às vezes, a mãe, por excesso de organização, de limpeza, joga objetos da criança no lixo, como tampinhas de garrafa, coleção de figurinha de chicletes, sem pedir o seu consentimento. Outros adultos, zombam da criança quando chora, zangam-se ou apresentam reação de medo. Alguns parecem valorizar mais objetos da casa do que seus filhos pequenos, quando quebram algo acidentalmente, criticando-os severamente ou batendo neles. Além disso, alguns pais não se importam quando a criança trapaceia no jogo, desrespeitando-a. Ou mesmo, quando pega algo no supermercado sem ser vista, eles se omitem na oportunidade de ensinar-lhes condutas adequadas.

Nesse momento, uma mãe refere que seu filhos está nessa fase e que ela o faz devolver a mercadoria. Outra mãe, diz que não admite que seu filho venha a mentir sobre algo. A expositora aproveita a oportunidade e relata que muitas crianças mentem por medo das atitudes dos pais, geralmente por não terem condutas de respeito às crianças.

Uma outra mãe deu um exemplo ocorrido com uma parente que tinha um filho de dois anos. Ao saírem das Lojas Americanas, a criança estava com dois chocolates na mão e o segurança dirigiu-se a eles, de forma ríspida. A mãe disse-lhe, firmemente, que a criança tinha apenas dois anos, não tendo consciência do que fazia e que portanto, aquela não era a forma adequada de se falar com ela. Voltou-se, então, para o filho e pediu-lhe que devolvesse os chocolates ao moço e entregou à criança o que lhe havia comprado.

A expositora reforçou o comportamento da mãe, citada no exemplo, ressaltando a importância de sua função de ensinar o filho, defendê-lo quando necessário, explicar-lhe o que pode e o que não pode fazer, compreendendo a própria situação da criança, de suas condições. A

mãe deve encorajar a criança naquilo que pode realizar e ajudar naquilo que ainda não pode. Isto também é respeito.

Continuando, foi colocada pelo psicóloga, uma determinada situação, onde a mãe, precisando de ovos pede à criança que vá comprá-los. Se a instrução não for dada claramente, a criança pode ficar confusa e não saber onde ficam os ovos no supermercado ou não saber quantos deverá comprar, ou mesmo não esperar o troco no caixa.

Então, a expositora pergunta aos pais: “Quando chega em casa, o que a mãe faz?” Uma mãe se manifesta dizendo: “Solta os cachorros.” A psicóloga acrescenta: “Mas você é burro! Olha a quantidade de ovos que você trouxe... E o troco, então!” E faz outra pergunta aos pais: “E como a criança se sente sendo criticada assim?” Uma outra mãe responde: “Ela diz que não vai fazer mais nada!” A psicóloga complementa, dizendo que a criança também passa a se sentir-se *burra*, incapacitada. Se a mãe tiver uma atitude mais compreensiva, de interação, ela vai perceber que a informação que foi dada à criança não foi clara.

Uma mãe, então, coloca um exemplo ocorrido com seu filho. Ela lhe pediu que fosse ao banco pagar uma conta. O banco era próximo a sua casa. Ele demorou um pouco para voltar e quando chegou em casa disse que não havia pago a conta por não ter encontrado o bando. A mãe percebeu, conversando com ele, que o motivo, na verdade, era por ele não saber como realizar o pagamento, o que o deixava envergonhado. Então, o filho mais velho foi junto, e explicou-lhe como deveria proceder.

Mais uma vez, a expositora, aproveitando o exemplo, reforçou o conceito de uma atitude mais positiva dos pais, de aceitação da criança e de ensinamento na realização das atividades. Ela continua, falando da importância de se estar próximo à criança para ensinar-lhe o que é certo ou errado nas experiências do dia-a-dia.

O mesmo deve ocorrer em relação às questões escolares, principalmente com a criança que tem dificuldade. Ela não deve ser criticada negativamente, xingada, ou mesmo apanhar dos pais. Precisa ser compreendida. Não deve ser-lhe exigido perfeição em suas atividades.

Uma mãe refere, nesse momento, que brigava muito com seu filho. Mas, depois, com a psicóloga e fonoaudióloga que trabalhavam com ele, ela pode compreender que ele tinha dificuldade para realizar as atividades, e não era por falta de vontade da parte dele. A partir de então, ela começou a lidar de forma diferente com a criança.

A expositora complementa, dizendo que nas atividades diárias, ao lavar um tênis, arrumar a cama, mesmo se não ficar bem feito, a mãe deve encorajar a criança e valorizar o que consegue realizar. Normalmente, os pais observam os comportamentos negativos dela e não percebem as coisas boas que faz.

Mais uma vez, todos os pais são questionados quanto aos aspectos positivos de seus filhos. Eles referem que são carinhosos, realizam determinadas atividades em casa, dizem palavras carinhosas, um deles ensina o irmão mais novo a guardar suas coisas, atendem aos pedidos dos pais, são companheiros...

É comentado, então, que muitas vezes, os pais não demonstram que estão satisfeitos com essa ou aquela atitude dos filhos. Por meio de diferentes situações, os pais devem sempre deixar claro à criança que seu comportamento está correto e que ficaram satisfeitos com isto. Esta forma de interação aproxima pais e filhos.

Quanto à comunicação, é natural as crianças apresentarem alguma dificuldade na elaboração dos fatos, na organização de seu pensamento, ao contar algo para os pais. É importante que eles as ajudem através de perguntas, buscando compreender o conteúdo do que a criança quer dizer, e não se aterem à forma como ela se expressa. Aos poucos, ela vai conseguindo melhorar sua comunicação verbal. Quando a criança articula de forma errada os sons, é importante que os pais devolvam a palavra pronunciando-a de forma correta, dentro de uma frase, sem pedir que ela repita. Assim, por si mesma, ela vai tentando aprimorar sua fala.

Buscar a compreensão de certas atitudes da criança, também é necessário. Às vezes, os pais esperam certos atos dela que fogem ao seu alcance. É citado o exemplo da criança pequena que não conhece horas. Ela pede para brincar e a mãe permite, dizendo-lhe que chegue em determinado horário. A criança não volta no horário estabelecido, a mãe vai buscá-la e bate nela. Só que ela não tem noção de tempo. Então, é preciso dar-lhe meios para que possa fazer o que lhe foi solicitado.

No caso citado, a mãe pode mostrar à criança, a posição dos ponteiros no relógio indicando a hora determinada, para que ela saiba quando ir embora. A noção de espaço, de tempo, de certos conceitos da criança é diferente do adulto. Por outro lado, os pais também não podem ser superprotetores. É preciso que conheçam seus filhos e conheçam realmente suas possibilidades.

A expositora ainda ressalta que, ao se querer modificar um comportamento da criança é preciso que os pais comecem a modificar suas próprias condutas, em relação aos mais diversos aspectos.

Em seguida, é apresentado aos pais, uma sugestão de atividade prática ou vivência em grupo, relacionada ao tema da aula.

É então, solicitado a cada pai, que fale sobre uma situação ou acontecimento de sua vida em que se sentiu bem aceito ou valorizado. E em seguida, que fale sobre uma situação onde sentiu-se mal, pela forma como foi tratado.

Após a apresentação, a expositora faz uma extrapolação das narrativas dos pais para a vida da criança, destacando a necessidade de a criança ser bem tratada, ser elogiada pelo bom comportamento ou pelo esforço, e não ser criticada negativamente pelas coisas que não consegue realizar.

5ª aula – Disciplina e incentivos ao estudo

Antes de iniciar o tema da aula, a expositora retoma o objetivo do curso. Refere que, como o próprio nome do curso diz, o propósito do mesmo é o de *facilitar*, melhorar o aprendizado escolar das crianças, além do relacionamento entre pais e filhos. Isso não significa que a partir de então, eles não terão mais dificuldades de aprendizagem. O aspecto principal do curso é levar os pais a desenvolverem a compreensão das dificuldades escolares da criança. Constantemente os pais se perguntam: “Será que meu filho é preguiçoso?” “Será que ele não quer aprender?”, “ O que eu devo fazer? Bater, xingar, tirar da escola...?” Ocorrem muitas dúvidas. Portanto, o objetivo principal do curso é esclarecer essas questões aos pais.

A psicóloga continua a explicação dizendo que para atingir esse objetivo, as aulas foram divididas nos temas apresentados. E começa, então, a recapitular cada um deles. No primeiro, foi comentado sobre a necessidade da organização em casa, para estimular a organização interna da criança, necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. Deixou-se claro, também, que devem existir algumas prioridades para as atividades do dia a dia, e que estas, devem estar voltadas para as atividades escolares da criança. Há necessidade da rotina para as atividades no lar,

principalmente para as tarefas escolares da criança, com horário e lugar adequado para serem feitas.

Os pais são, então, questionados sobre o que representou esse aspecto para os mesmos, quanto a possíveis mudanças no lar, e como se sentiram.

Os pais relatam que esse conhecimento os ajudou muito, e que ocorreram mudanças significativas em seus lares. Uma mãe refere que achava que sua filha era preguiçosa e às vezes, batia nela. Alguns outros pais, dizem que seus filhos haviam melhorado bastante. Outra mãe, refere que lhe foi mais importante o aspecto da organização das tarefas escolares.

Continuando, a psicóloga fala da questão do relacionamento que os pais devem ter com a escola, como a família deve colocar-se em contato com a mesma. E pergunta novamente aos pais se esse conhecimento os ajudou.

Um dos pais refere que aprendeu a perceber melhor os valores da criança, ao conversar com a professora.

São feitos alguns comentários pela psicóloga reforçando essa afirmativa, e em seguida, ela continua, referindo-se à questão dos pais serem professores de seus filhos. A criança aprende com a família, em casa, conhecimentos significativos que vão ajudá-la na escola, além de aprender a respeitar e a ser respeitada.

Continuando, a expositora fala sobre a importância da participação das crianças nas atividades gerais da casa e fora de casa e nos conceitos que os pais podem transmitir à ela através dessas situações.

É introduzido, então, o tema da última aula, com a seguinte pergunta: “O que é disciplina para vocês?”

Os pais se manifestam e alguns dizem que acham que é educar a criança. A psicóloga ressalta essa palavra dizendo que a disciplina faz parte de um processo educacional, no qual a criança aprende a deixar de lado as satisfações imediatas. Uma educação apropriada requer equilíbrio correto entre liberdade e encorajamento para se expressar, de um lado, e o treino para se conformar, de outro. A criança precisa aprender que nem sempre vai poder ter aquilo que quer, na hora em que ela quer.

Continua dizendo que a criança pequena tem uma certa dificuldade para controlar seus impulsos. Às vezes, faz birras para conseguir o que quer, outras vezes, tem dificuldade para obedecer uma ordem dada pelos pais. A criança, desde pequena, precisa de alguns limites para aprender a se auto-controlar, a seguir regras e normas, necessárias na vida adulta.

Pergunta aos pais o que acham a respeito desse assunto e uma mãe relata que tem uma neta de dois anos, e que, no horário do almoço, ela pede mamadeira à sua mãe. Esta acabando cedendo.

A expositora concorda com ela, reafirmando a necessidade de se modificar certos hábitos. Acrescenta que o *não*, muitas vezes, é um sinal de carinho. Quando os pais não deixam seu filho ir a um lugar perigoso, eles o estão protegendo.

É citada também, a situação onde as crianças querem obter objetos, brinquedos e os pais não podem comprar. A criança precisa conhecer a realidade dos pais, saber o que pode e não podem adquirir.

Os pais colocam alguns exemplos de atitudes disciplinares que tiveram em relação a seus filhos citam condutas inapropriadas observadas por eles, em relação a parentes, inclusive associando a permissividade dos pais, ao uso de drogas pelos filhos.

Depois de alguns exemplos explicativos, usados pela expositora, é acrescentado que os limites devem ser colocados através de atitudes razoáveis, isto é, analisando-se se uma determinada atitude dos pais é adequada para aquela situação, ou não. Outro aspecto importante é a consistência, isto é, um *não* para determinada situação deve ser sempre *não*. Além disso, é necessária uma atitude delicada dos pais, mas com firmeza.

Um outro aspecto é considerado: e quando as condutas citadas não forem suficientes para se obter um comportamento adequado da criança? Então, os pais devem colocar conseqüências na atitude de seu filho. Podem usar “o ralho”, a retirada de privilégios, o isolamento, ou até mesmo aplicar um corretivo para os comportamentos mais graves.

Os pais podem usar recursos tais como: não deixar a criança ir brincar na casa de um amigo ou mesmo não deixar um amigo vir brincar em sua casa; podem diminuir o horário de televisão; não deixar a criança assistir o programa preferido; ou mesmo mandar a criança para seu

quarto. É usado o termo *corretivo* e não *castigo*, pois o objetivo é corrigir a criança, educá-la e não puni-la. Essa é uma forma de sinalizar para a ela o seu erro.

Alguns pontos são importantes na aplicação do corretivo: os pais devem sempre avisar a criança sobre o que vai acontecer com ela, caso ocorra determinado comportamento; a correção deve ser sempre imediata ao comportamento; o corretivo não precisa ser muito longo; antes de corrigir a criança, os pais têm que diferenciar se o problema da criança é de comportamento ou se lhe falta competência para a realização da tarefa.

É, então, perguntado aos pais sobre o que acham do corretivo e se o aplicam com a criança.

Uma mãe refere que usa com seu filho, pois percebeu que ele tinha capacidade de aprender e não fazia a lição porque só queria fazer pipa. Disse-lhe que não o deixaria andar de bicicleta e então, ele começou a fazer a tarefa.

Outros pais citam os seguintes corretivos: impedir o filho de ir ao clube, não jogar vídeo-game, sentar na cama e pensar, tirar a bola, tirar a natação, dar bronca.

Depois de alguns comentários da expositora, retomando aos pontos já citados, relacionando-os às situações que vão sendo colocadas pelos pais, é introduzido um outro aspecto: incentivo para a criança continuar estudando. Relaciona-se ao que os pais esperam de seus filhos quanto aos estudos.

Há pais que criam a expectativa de que seu filho nunca repetirá de ano, outros esperam que o filho será sempre o melhor aluno da classe, etc. Por outro lado, alguns não acreditam que seu filho possa aprender, acham que terá sempre problemas na escola.

Esta expectativa da família tem grande importância na vida escolar da criança, pois é em casa que ela adquire motivação para aprender na escola e passa a aspirar um estilo de vida para o futuro.

Além disso, os incentivos da família para a aprendizagem escolar da criança, depende também, do valor que a família dá aos estudos e da percepção que tem sobre as capacidades da criança. A família que dá pouco valor aos estudos, não incentiva muito a criança para os estudos, pois não se interessam pelo desempenho escolar da mesma, o que se torna muito prejudicial a ela.

Por outro lado, existem pais que dão muito valor aos estudos, o acham necessário, mas como acreditam muito pouco na capacidade da criança, não a incentivam nos estudos. Estas percepções dos pais prejudicam a auto-estima da criança e sua motivação para estudar.

Algumas vezes, as expectativas negativas da escolaridade da criança, por parte dos pais, é decorrente da própria experiência tida na escola. Como eles tiveram muita dificuldade para aprender, pensam que o filho também terá, e não lhe dão o apoio necessário.

É importante que os pais dêem valor ao estudo e conversem sobre isto com a criança, contribuindo assim, com a aprendizagem dela.

Muitos, também, esperam que seus filhos vão bem na escola, mas só vão se preocupar com isto no final do ano, deixando de acompanhá-lo nas atividades escolares durante o ano. Então, sentem-se frustrados, ficam bravos, ameaçam, e até castigam a criança. A criança, então, sente-se incapaz, não satisfazendo a vontade dos pais e ficam muito desmotivada para o estudo.

Portanto, é necessária a atenção constante, verificando-se o desempenho escolar da criança no dia a dia. Se ocorre dificuldades, procurar ajudar a criança, e ter contatos freqüentes com a escola.

A seguir, é proposta uma atividade de vivência para os pais. É lhes solicitado que falem sobre um aspecto que consideram muito importante para suas vidas, recebido dos pais. Além disso, devem citar uma situação, na qual deveriam ser melhor orientados pela família.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, será apresentada a análise e interpretação dos dados obtidos, a partir das entrevistas realizadas com os pais, antes e depois do curso de orientação. As falas transformadas, foram analisadas e divididas em categorias para interpretação. Foram, então, comparadas, visando verificar a aquisição de informações obtidas pelos pais, após a participação no curso. A partir de então, foi analisada a contribuição que o trabalho pôde oferecer, quanto ao conhecimento de atitudes e condutas que beneficiam o aprendizado escolar da criança.

DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS

I Categoria - ORGANIZAÇÃO

Refere-se ao estabelecimento de aspectos básicos que venham propiciar condições essenciais para a construção do aprendizado. Mais especificamente, constitui a ordem dos objetos da casa, a priorização das atividades gerais e escolares, a organização das atividades no tempo e condições físicas para realização das tarefas.

A ordem dos objetos na casa, refere-se à condição de se ter lugares determinados como armário com gavetas, prateleiras ou caixas onde a criança possa guardar roupas, objetos e brinquedos.

Os horários devem prevalecer para as atividades essenciais: hora da criança levantar; dormir e levantar; horário das refeições; horário para fazer tarefas da escola. A tarefa deve ter prioridade em relação ao lazer.

Um local para as tarefas deve ser estabelecido. As tarefas devem ser feitas em uma mesa, de preferência na cozinha ou copa para que a criança possa ser supervisionada pela mãe; quando houver duas crianças, se elas se dão bem, colocá-las juntas, caso contrário, separá-las. O local deve ser silencioso.

II Categoria – RESPONSABILIDADE NAS TAREFAS

Refere-se à orientações básicas para o estabelecimento de hábitos na criança, quanto a realização de atividades globais da casa e escolares.

A criança deve participar das atividades gerais, ser responsável por algumas tarefas em casa: arrumar sua cama, gavetas, cuidar de um animal, cuidar de seu material escolar, lavar calçados, lavar prato após as refeições...

Além disso, é importante a autonomia na tarefa escolar. A criança deve fazer sua lição preferencialmente sozinha, após o que, sua mãe irá verificar se ela fez ou não; auxiliá-la quando necessário. A correção da tarefa deve ser feita pela professora.

III Categoria- **COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO**

Refere-se às atividades de desenvolvimento da comunicação oral, veículo fundamental na transmissão do conhecimento e, às condutas básicas, essenciais na formação da auto-estima da criança, que facilitam as condições de aprendizagem.

É necessário o incentivo à comunicação, estimulando-se o diálogo, abordando assuntos do interesse da criança. Deve-se ajudá-la a organizar suas idéias e quanto à pronúncia, repetindo-se de forma correta a palavra emitida, sem crítica.

O respeito é adquirido através dos pais, pelo exemplo e regras claras. Consiste em: levar em conta aquilo que os outros dizem, acatar a opinião dos outros, respeitar as pessoas, conversar sem gritar, não pegar objetos do outro sem pedir, não mentir, não falar mal das pessoas, não ser grosseiro, não trapacear...

O modelo também é considerado importante aspecto do relacionamento, e consiste no comportamento dos pais, o qual é imitado pelos filhos.

Deve-se também, incentivar o comportamento positivo, o que compreende perceber as coisas boas, incentivar os esforços e valorizar os bons comportamentos e atitudes.

IV Categoria – **APOIO PARA O APRENDIZADO**

Refere-se às condições ambientais de incentivo ao desempenho escolar da criança.

É importante uma pessoa de apoio na família, envolvida com a aprendizagem escolar da criança, que possa orientá-la nas tarefas, quando necessário. Essa pessoa deve incentivar o seu

desempenho, encorajar e valorizar seu esforço. Ela precisa valorizar a professora e a escola, e demonstrar interesse sobre o dia escolar da criança.

O contato com a escola deve ocorrer quando: a-) a criança apresentar dificuldade para aprender; b- a criança queixar-se de algo como briga no recreio ou maus tratos por parte da professora; c- a criança trazer um bilhete pedindo o comparecimento dos pais na escola; d- houver reunião bimestral. Os pais devem manter relação de cordialidade com a professora.

Os materiais escolares necessários devem ser oferecidos à criança, e é importante que elas sejam orientadas quanto aos cuidados com os mesmos.

É preciso que haja participação da criança nas atividades da casa. Os pais devem realizar com a criança, atividades que possam dar subsídios para suas aprendizagens escolares, como por exemplo, fazer um bolo.

As atividades fora de casa também devem ser incentivadas, como por exemplo, ir ao supermercado. Realizadas com a criança, essas atividades podem dar subsídios para suas aprendizagens.

O valor ao estudo, atribuído pelos pais como forma de ascensão social, também constitui-se em grande incentivo ao desempenho escolar da criança.

V Categoria - **DISCIPLINA**

Refere-se às atitudes que os pais devem assumir no estabelecimento de comportamentos que consideram apropriados.

São necessários os limites, que devem ocorrer por meio de determinação de regras claras, razoáveis, delicadas e consistentes.

Quando não suficientes, é preciso que os pais coloquem uma conseqüência no comportamento da criança: retirar privilégios, isolar a criança, ou até aplicar um corretivo para os comportamentos mais graves.

ANÁLISE POR CATEGORIA²

I- ORGANIZAÇÃO

*Para análise da categoria **Organização** foram consideradas as falas transformadas dos relatos obtidos nas entrevistas dos pais, antes e depois do curso.*

Antes	Depois
	<p>P1: D.P. - <i>“Tem que ter horário.”</i> U.T. - A criança tem que ter horários. D.P. - <i>“...Porque tem os horários prá elas (professoras), também. Ai, minha mãe explicou prá ele que... vai no recreio, vai no banheiro, bebe água... depois volta prá classe.”</i> U.T.- Deve ter horários também na escola: ir ao banheiro e beber água, deve ser na hora do recreio.</p>
<p>P2: D.P.- <i>“... porque dentro de casa é tudo organizado...”</i> U.T.- A casa é bem organizada D.P.- <i>“Tem que ter um horário de estudar...”</i> U.T.- A criança tem que ter horário de estudo.</p>	<p>P2: D.P. - <i>“Pus horário de estudar, que não tinha... Agora tem horário de estudar!”</i> U.T. – Mãe estabeleceu horário de estudo. D.P. - <i>“Agora, ele tem horário prá tomar banho, ele tem horário prá dormir...”</i> U.T.- Estipulou horário do banho, de dormir, de estudar...</p>
	<p>P3: D.P.- <i>“Tendo as suas coisas organizadas, local de guardar, né ? ”</i> U.T.- Ter local para guardar os materiais escolares.</p>
<p>P4: D.P. - <i>“Ter horário certo nas coisas.”</i> U.T. - Tem que ter horário para as atividades.</p>	<p>P4: D.P.- <i>“(...) O horário prá estudar um pouquinho à noite, prá não deixar tudo prá de manhã...”</i> U.T.- Acha importante ter horário para a lição.</p>
	<p>P5:</p>

² As mães e os pais entrevistados são referidos pelo termo genérico *pais (P)*; os numerais de 1 a 17, indicam a amostra utilizada nessa pesquisa.

Os depoimentos dos pais são representados pelas iniciais *D.P.* e as falas transformadas são representadas pelas iniciais *U.T.* (unidades transformadas).

	<p>D.P. - “E, <i>ser educado, chegar na hora certa na escola, não chegar atrasado...</i>”</p> <p>U.T.- Não se atrasar na escola.</p>
	<p>P6:</p> <p>D.P. - “<i>Eles têm que ter um lugar próprio prá eles, prá poder fazer a lição, prá estudar...</i>”</p> <p>U.T. – Ter um lugar próprio para fazer a lição.</p>
	<p>P7:</p> <p>D.P. - “<i>Eu achei muito legal esse sentido de ensinar a gente a ajudar nas tarefas (...) com horário...</i>”</p> <p>U.T. – Estabelecer horário para a tarefa escolar.</p> <p>D.P. - “<i>(...) um local adequado, silêncio, limpo, o material tá à mão (...). No momento que ela fez a lição, você olhar...</i>”</p> <p>U.T. – Ter um local adequado e silencioso para a tarefa escolar.</p>
	<p>P11:</p> <p>D.P. - “<i>... hora do almoço, hora de janta, de estudar, de brincar... Tem que ter hora prá tudo...</i>”</p> <p>U.T. – Estabelecer horários de: almoço, jantar, estudar, brincar.</p>
	<p>P12:</p> <p>D.P. - “<i>Fazer a lição, e depois, se tiver outras coisas prá fazer, eles vão fazer. (...) Então, primeiro a lição.</i>”</p> <p>U.T. – Ter prioridade na tarefa escolar.</p>
	<p>P13:</p> <p>D.P. - “<i>...ensinando ... a hora certa deles fazer a lição...</i>”</p> <p>U.T. – Estabeleceu horário para a tarefa escolar.</p>
	<p>P14:</p> <p>D.P. - “<i>Ficar em cima prá não deixar brincar, fazer a lição primeiro.</i>”</p> <p>U.T. - Ter prioridade na tarefa escolar.</p>
	<p>P15:</p> <p>D.P. - “<i>Eu acho que tem hora prá tudo. Às vezes, ele quer ver um vídeo, quer ver televisão, eu falo: Não, agora não é hora disso. Então, tem hora de estudar e hora de vê...</i>”</p> <p>U.T. – Estabeleceu prioridade na tarefa escolar em relação ao lazer.</p>
	<p>P16:</p> <p>D.P.- “<i>... arrumar um lugar prá guardar as coisas... (...) As coisas dela têm tudo separado.</i>”</p> <p>U.T.- ter lugar para guardar as coisas.</p> <p>D.P. - “<i>... ter horário prá fazer (as lições)...</i>”</p>

	U.T. - É importante Ter horário para tarefa escolar.
--	--

I- Categoria: ORGANIZAÇÃO

Essa categoria compreende os elementos referentes a *ordem dos objetos, horários e local da tarefa*, os quais são analisados abaixo e apresentados na tabela seguinte.

Quanto aos aspectos relacionados a *ordem dos objetos*, comparando-se as falas transformadas dos pais, relacionadas à situação anterior e posterior do curso de orientação a pais, observou-se que poucos deles se manifestaram a respeito, ocorrendo a referência apenas por parte de um pai na entrevista anterior e dois, na posterior. Referiram-se à importância da organização da casa, local para guardar os materiais escolares e para guardar objetos em geral.

Esse resultado pode não significar que o aspecto não tenha sido valorizado pelos pais, pois muitos fazem referências aos elementos relativos a *participação nas tarefas* (II Categoria), indicando atividades como *arrumar, guardar, cuidar*, termos que significam organização.

No que se refere aos aspectos relacionados aos *horários*, em situação anterior ao curso de orientação a pais, a análise de suas falas transformadas, constatou a referência de dois deles quanto a importância do horário de estudo e do horário para as atividades gerais da casa, tendo cada pai citado um dos aspectos.

Analisando as falas transformadas dos pais, após a participação no referido curso, observou-se a citação desse aspecto por onze pais. A importância do horário para as tarefas escolares, foi referida por nove pais, sendo que três deles, falaram sobre a prioridade da tarefa em relação ao lazer. O horário para as atividades gerais, como por exemplo, brincar, almoçar, dormir, etc, foi referido apenas por dois deles. Um pai, mencionou a importância da criança não chegar atrasada na escola, e outro, citou sobre o respeito que a criança deve ter para com os horários estabelecidos das atividades na escola.

Neste aspecto, percebe-se diferença bastante relevante, quanto ao número de manifestações comparando-se ambas as situações, anterior e posterior. Esses recursos relacionados aos horários e regras definidas, utilizados nas rotinas das crianças, as levam a um melhor desempenho nas atividades de elaboração da escrita (Marturano, 1998).

Para o componente *local da tarefa*, em situação posterior ao curso de orientação a pais, dois deles fizeram referências a esse aspecto, através das falas transformadas, não tendo sido citado anteriormente. Esse resultado, apesar de não representar uma parcela significativa dos pais, parece não significar que não seja importante. É possível que nesse aspecto não tenha ocorrido maiores referências, por ser considerado implícito ao item anterior, pois não parece razoável a idéia de que os pais se atentassem ao horário e não ao local das tarefas. Ambos os aspectos parecem estar muito relacionados. Um local seguro e calmo contribui para o bom desempenho, pois permite à criança, maior concentração nas atividades (Marturano, 1998).

Em relação à categoria, de modo geral, pôde-se observar maior relevância ao aspecto do *horário*, o que demonstra a valorização e a compreensão dessa questão, por parte do pais, após o curso, como elemento fundamental no estabelecimento da organização. Os aspectos quanto a *ordem dos objetos e local da tarefa*, embora tenham sido citados por um número reduzido de pais, podem não ter sido menos significativo, uma vez que entre os três aspectos há uma interrelação importante e fazem parte da estrutura da organização. A constância nos horários e rotinas cotidianas é necessária na vida da criança (Marturano, 1998).

É possível, também, que os pais já possuíssem um conhecimento anterior sobre a importância dos horários para a organização das atividades do cotidiano, mas determinar horários junto à criança, de maneira geral, e principalmente em relação à tarefa escolar, parece não ser tarefa fácil, pois é necessário muito firmeza e grande investimento para isso. É possível que através do curso, os pais tenham sido estimulados, adquirido ânimo para esse investimento. Os programas de intervenção familiar, levam os pais a adquirirem mais motivação e aumentam a habilidade para instruírem suas crianças (Kellaghan, 1993).

II- RESPONSABILIDADE NAS TAREFAS

*Para análise da categoria **Responsabilidade nas Tarefas** foram consideradas as falas transformadas dos relatos obtidos nas entrevistas dos pais, antes e depois do curso. Sendo estas as seguintes:*

Antes	Depois
	<p>P1: D.P. - “(...) Como guardar o material... Antigamente, ele punha de qualquer jeito, sabe? (...) <i>Aí, eu falei prá ele: primeiro os livros na frente, os cadernos... Prá ter organização. O estojo, no lugar certo...</i>” U.T. - Ensinar como guardar, organizar o material. D.P.- “<i>Aí, eu comecei essa semana, eu ajudar ele a arrumar a cama. O calçado ele lava.</i>” U.T. - Criança começou a participar das atividades da casa, como arrumar a cama, e a lavar seus calçados.</p>
	<p>P2: D.P. - “<i>Organizar, não largar esparramado, jogado... Eu sempre falo: ‘Deixa a bolsa arrumada um dia antes.’ (...) Sempre falo prá manter tudo organizadinho, material arrumado, cuidar dos lápis, borracha, porque antes era um lápis por dia. (...)</i>” U.T. - Ensinar os filhos a cuidar dos seus materiais escolares D.P. - “<i>(...) Agora, pus obrigações em casa, que nem tratar do animal... Coisas que eles têm condições de fazer. (...) Eu intercalei os dias, os três fazem exatamente as mesmas coisas, nos dias intercalados... Tá super organizado, se deram bem, tá ótimo. Tá bom mesmo!</i>” U.T. - Mãe atribuiu tarefas aos filhos como tratar do animal. As tarefas da casa, agora são divididas entre os três filhos, com dias intercalados. D.P.- “<i>... eu ajudo na lição, a procurar um livro, a fazer um trabalho... Eu corria atrás. Eu dava assim, de mão beijada! Abria até na página! Não deixava ele se virar e crescer. Agora, tô passando a responsabilidade prá ele! E antes não tinha isso.</i>” U.T.- Agora a mãe ajuda seu filho na tarefa escolar, mas a responsabilidade é dele.</p>

	<p>P4: D.P. - <i>“Orientando como eles devem cuidar do material, ter organização, guardar no lugar...”</i> U.T.- Orientar os filhos no cuidado e organização dos materiais escolares. D.P.- <i>“(...) Falar prá eles arrumar a cama... mesmo que num... tá bem feito, mas tá bom.”</i> U.T.- Arrumar a cama, mesmo que não fique bem feita.</p>
<p>P5: D.P.- <i>“ Trazer limpinho, conservar... ter mais cuidado prá não sujar... ficar um caderno feio...”</i> U.T.- Manter os materiais limpos, conservados. D.P.- <i>“... ajudar a mãe em casa (...)”</i> U.T.- Ajudar nas tarefas gerais da casa.</p>	<p>P5: D.P.- <i>“(...) E ajudar em alguma coisinha dentro de casa...”</i> U.T.- Ajudar nas tarefas gerais da casa, como passar pano na cozinha. D.P.- <i>“(...) Trazer os materiais tudo organizado... A gente que falar: ‘Você tirou a roupa, põe no lugar certo, prá hora que você precisar, tá ali.’ (...)”</i> U.T.- Cuidar do material escolar, mantendo-o conservado. Organizar as roupas, sapatos... D.P.- <i>“(...) Eu falo: ‘Tatiane, você vai no supermercado prá mim?’ Ela não fala que não, ela vai...”</i> U.T. - Ir ao supermercado. D.P.- <i>“(...) e fazer as obrigações de todos os dias que é a lição de casa, que a professora passa.”</i> U.T.- Realizar a tarefa escolar é obrigação da criança.</p>
<p>P6: D.P.- <i>“(...) A gente tem que explicar que tem que manter o material escolar, porque é difícil prá gente comprar”</i> U.T. - Cuidar do material escolar. Mantê-lo conservado e em ordem.</p>	<p>P6: D.P.- <i>“Procurar fazer com que eles cuida do material...”</i> U.T.- Ensinar a cuidar do material escolar. D.P.- <i>“A gente tem que ensinar desde pequeno a ser organizado. Se tomar banho, pega a roupa e põe no cesto... Tira a roupa, procura guardar se não vai usar... e não deixar a gaveta toda bagunçada.”</i> U.T.- Ensinar a ser organizado desde pequeno: colocar a roupa suja no cesto, guardar a roupa que não vai usar, arrumar a gaveta.</p>

<p>P7: D.P.- <i>“Conservação é difícil. Teve uma época que todo dia ela levava um lápis e uma borracha e não voltava. (...) Ela é muito alheia, sabe? (...) Precisei usar de firmeza pra ela começar a falar: ‘Não, eu preciso cuidar.’”</i> U.T.- Ensinar a conservar o material escolar.</p>	<p>P7: D.P. - <i>“Olha, também organizando. O que eu faço com a Sílvia, porque ela não tem muita ordem ainda nas coisas, todo dia eu olho a bolsa, converso, olho o caderno dela... (...) Então, é: ‘Vamos apontar o lápis.’ ‘Cadê sua borracha?’ (...) Então, eu tô sempre colocando em ordem e ensinando, que tem que tá em ordem, né? Tem que ser limpo, a professora vai olhar...”</i> U.T.- Ensinar a organizar o material e mantê-lo conservado. D.P.- <i>“(...) Por exemplo, uma cama que às vezes sobe e bagunça... ela vai lá e tem que arrumar.”</i> U.T.- Arrumar a cama que desarrumou. D.P.- <i>“É, participando mesmo comigo nas coisas que eu faço. Até pra lavar um banheiro, se eu falo: ‘Filha, você lava o banheiro?’ Ela vai na frente, tira as coisas, depois eu chego, ajudo, finalizo, né, porque ela não consegue...”</i> U.T. - Lavar o banheiro. D.P.- <i>“... e tá sempre por perto apoiando, se a criança perguntar, se a criança precisar... No momento que ela fez a lição, você olhar, e falar: ‘Nossa, ficou legal!’ Não corrigindo. Correção é com o professor na escola. Mas dando aquele incentivo, pra que ela se sinta importante, pra que ela se sinta valorizada, enriquecida.”</i> U.T.- Ajudar na tarefa escolar, incentivando a criança, sem corrigir. Correção é tarefa da professora.</p>
<p>P8: D.P. - <i>“Ele é organizado em casa, eu sempre falo pra ele quando chegar da escola, arrumar a roupa dele, pro outro dia estar direitinho. Pôr as coisas dele na mala, tudo direito, pro outro dia ele saber onde está.”</i> U.T.- Arrumar a roupa ao chegar da escola, arrumar a mala da escola...</p>	<p>P8: D.P.- <i>“... ensinei ele a chegar da escola, dobrar a roupa dele direitinho, pôr no lugar... pra outro dia já tá prontinho...”</i> U.T.- Ensinou a dobrar e guardar a roupa ao chegar da escola.</p>
	<p>P9: D.P.- <i>“Teria que ensinar desde pequenininho, a guardar as coisas, a ter o material tudo junto...”</i> U.T.- Ensinar desde cedo a ser organizado, a guardar os objetos.</p>

<p>P10: D.P.- <i>“Prá ele cuidar dos materiais.”</i> U.T. – Ensinar a cuidar dos materiais.</p>	<p>P10: D.P. - <i>“Quando chegar da escola guardar a mochila no lugar, guardar sua roupa, seu sapato...”</i> U.T.- Ensinar a cuidar do material; guardar roupas e calçados. D.P.- <i>“Quando ele não souber, eu vou e ensino ele. Só que eu não faço prá ele, eu só ensino e peço prá ele fazer sozinho.”</i> U.T.- Pede para a criança fazer a lição sozinha.</p>
<p>P11: D.P.- <i>“(…) Ser organizado, pôr as coisas nos lugares, pôr a casa em ordem...”</i> U.T.- Ser organizado, arrumar as coisas da casa.</p>	<p>P11: D.P.- <i>“Ajudar desde dentro de casa, desde a organização...”</i> U.T. - Ensinar a ser organizado. D.P.- <i>“(…) Se eu tivesse pegado a borracha ou tivesse visto que ele tivesse posto aqui em cima da mesa e tivesse dito: ‘Ed, aqui não é o lugar, vai pôr no lugar que é correto, dentro da bolsa’, isso não tinha acontecido. Não ficava aquela procuração, aquela bagunça, ele procura de lá, eu de cá. Eu já ia até bater!”</i> U.T.- Guardar os objetos em local adequado. D.P.- <i>“(…) Ele me ajuda guardar os talheres, garfo, faca, colheres, colheres grandes, colheres pequenas...”</i> U.T.- Ajudar a guardar os talheres.</p>
<p>P12: D.P.- <i>“Falar prá ele ter cuidado com os materiais, não estragar...”</i> U.T.- Cuidar dos materiais.</p>	<p>P12: D.P.- <i>“Não deixar estragar os cadernos, deixar sempre os material arrumado...”</i> U.T.- Cuidar dos materiais, mantê-los em ordem. D.P.- <i>“(…) É... deixar as coisas arrumadas no lugar (...) porque cada coisa tem seu lugar.</i> U.T.- Guardar as coisas.</p>
	<p>P13: D.P.- <i>“...ensinando ele a se organizar, onde botar o seu livro, seu caderno...”</i> U.T.- Organizar o material escolar. D.P.- <i>“Quando a Luana chegar da escola, falar: ‘Luana, tira esse sapato dali, não é aí que põe.’ (...)”</i> U.T.- Guardar as coisas nos devidos lugares. D.P.- <i>“...a mãe ensina sua filha a ir no supermercado sozinha, perto de sua casa.”</i> U.T.- Ir ao supermercado para a mãe.</p>

<p>P14: D.P.- <i>“Ficar de olho prá não perder, olhar os lápis, caderno, borracha.”</i> U.T.- Cuidar do material. D.P.- <i>“Não deixar papel no chão, pôr no lixo.”</i> U.T.- Jogar papel no lixo.</p>	<p>P14: D.P.- <i>“Tem que ensinar que não pode deixar material na escola; que na hora de sair, pegar seus materiais e pôr dentro da bolsa direitinho... Não perder lápis, a borracha, o apontador... E deixar tudo arrumadinho na hora que sai.”</i> U.T.- Cuidar do material e organizá-lo.</p>
	<p>P15: D.P.- <i>“Às vezes, meu filho queria ajudar o pai lavar o carro (...) e eu já repreendia muito.”</i> U.T.- Ajudar o pai a lavar o carro. Antes não o deixava. D.P.- <i>“(...) Então, meu marido sempre fala: ‘Você tem que ter mais capricho, faz uma letra melhor prá você não tá estragando tanta folha.’”</i> U.T.- Conservar o material. D.P.- <i>“Porque às vezes, uma cama mal estendida... se ele chega e arruma a gente deve agradecer, pela criança ter feito aquilo... Um sapato que tá no meio da casa... Às vezes, se a gente chegar com muita autoridade, ele não vai fazer. Se a gente fala: ‘Por favor, você guarda...’”</i> U.T.- Arrumar a cama. Guardar os sapatos.</p>
<p>P16: D.P.- <i>“... tudo o que ela tira, brinquedo, essas coisas que ela usa, a gente sempre foi pedindo prá ela guardar no lugar, novamente...”</i> U.T.- Guardar os brinquedos e outros objetos. D.P.- <i>“(...) inclusive, até as coisas que minha mulher faz em casa ela ajuda... Às vezes, se tiver coisa suja na pia ela vai lá e lava... Procura guardar tudo no lugar, onde ela alcança... Ela faz tudo certinho.”</i> U.T.- Ajuda a mãe nas tarefas da casa, como lavar a louça.</p>	<p>P16: D.P.- <i>“Guardar, fazer as coisas direitinho... (...) Nada ela larga jogado. Se ela pega o caderno dela prá fazer alguma coisa, ela mesmo já guarda.”</i> U.T.- Cuidar do material, mantê-lo guardado.</p>
<p>P17: DP- <i>“(...) Mas material da escola é tudo bem cuidado, os material dele.”</i> U.T.- Cuidar do material.</p>	<p>P17: D.P.- <i>“a organização é eles aprender onde que guarda sapato, onde que guarda os livro...”</i> U.T.- Guardar sapato, livros. D.P.- <i>“Prá ajudar eles cuidar, ensinar como eles cuidar...”</i> U.T.- Cuidar do material. D.P.- <i>“Que é prá mãe ajudar mas não fazer. (...)”</i> U.T.- Ajudar, mas não fazer a tarefa escolar para a criança.</p>

II – Categoria: RESPONSABILIDADE NAS TAREFAS

Esta categoria compreende elementos referentes à *participação nas tarefas e autonomia na tarefa escolar* os quais são analisados abaixo:

Quanto ao aspecto da *participação nas tarefas*, dez pais manifestaram-se, em situação anterior ao curso de orientação a pais, através das falas transformadas. Entre eles, oito referiram-se à organização do material escolar, três referiram-se a ajudar nas tarefas gerais da casa e um deles, quanto à organização da criança em relação a seus pertences.

Em situação posterior, foram analisadas as falas de dezesseis pais que se referiram ao aspecto. Três desses pais disseram claramente que seus filhos começaram a participar das atividades da casa após a sua participação no curso. Outros dois pais, não haviam feito nenhuma referência anterior e, posteriormente, citaram várias atividades. Onze pais acrescentaram diferentes tipos de atividades em relação à situação anterior.

Quanto ao conteúdo das expressões, treze pais referiram-se à atividade de guardar o material escolar. Sete pais referiram-se às atividades gerais da casa, como por exemplo, tratar de um animal, passar pano na cozinha, lavar o banheiro, etc. E treze pais, falaram sobre atividades da criança em relação a seus pertences como, lavar seus calçados, arrumar sua cama, arrumar sua gaveta, etc.

Esses resultados demonstram um aumento relevante, tanto em relação ao número de pais que se manifestaram, quanto ao tipo de tarefas apresentadas. Na primeira situação o número de pais que citou a organização do material escolar, foi maior. Na segunda situação, esse tipo de atividade também foi a mais citada, juntamente com a relacionada aos pertences da criança³. As tarefas referentes às atividades gerais da casa, aparecem em segundo lugar, na segunda situação. Parece que, está implícita, nesses resultados, a idéia de que atividades que envolvem objetos da criança, tanto materiais escolares, como outros pertences, são vistas como sendo de maior responsabilidade da criança, em relação às atividades gerais da casa, embora essas últimas também tenham sido consideradas de grande importância pelos pais, pelo número de referências observadas.

³Embora os materiais escolares também façam parte dos pertences da criança, foram considerados como outro item, por serem mais diretamente relacionados às atividades escolares, atividades mais significativas nesse trabalho.

Atividades partilhadas com os pais na organização no lar, são condições que estão diretamente associadas ao desempenho da criança. A participação nas atividades da casa, leva ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a aprendizagem escolar (Parreira e Marturano, 1999; Marturano, 1998,1999).

Quanto aos aspectos relacionados à *autonomia na tarefa escolar*, nas falas dos pais que participaram do curso de orientação, não houve referência anterior.

Posteriormente, cinco pais referiram-se a esse aspecto, por meio das falas transformadas, citando a tarefa escolar como responsabilidade da criança.

Comparando ambas as situações, anterior e posterior, podemos considerar esse resultado indicativo de aumento de informação durante o curso.

Outro fator precisa ser levado em consideração, ao se analisar esse aspecto. Nas entrevistas posteriores ao curso, houve muitas expressões referindo-se à ajuda nas tarefas escolares pelos pais, sem que se fosse explicitado como se dava essa ajuda, portanto, sem se esclarecer se eles estavam considerando a tarefa escolar da criança como responsabilidade dela. Essas falas mais genéricas foram relacionadas aos elementos referidos ao *apoio na aprendizagem* (IV Categoria- Apoio para o Aprendizado), embora, muito provavelmente muitos pais pudessem estar referindo-se à condição de apoio somente, estando implícita a responsabilidade da tarefa pela criança.

O encorajamento da autonomia na tarefa escolar é muito importante para o desempenho da criança. Os pais, estimulam sua independência, quando exigem que resolvam seus problemas, mas estando disponíveis a prestar apoio nas tarefas escolares, quando necessitam. A criança precisa de responsabilidade e independência. (Marturano, 1998; Oaklander, 1980).

Analisando a categoria *Responsabilidade nas Tarefas*, podemos perceber que seu conteúdo foi altamente relevante para os pais. Pôde-se observar nas falas, após o curso, um aumento importante de elementos tanto referentes à *participação nas tarefas*, quanto à *autonomia na tarefa escolar*.

É possível que os pais, anteriormente à participação no curso, não estivessem despertados para a relação entre a responsabilidade nas atividades de casa e as atividades na escola. É provável também, que eles possuíssem esse conhecimento anteriormente, mas não soubessem da sua importância. Ou, talvez desconhecessem como aplicá-lo, como desenvolver na criança essas habilidades, uma vez que esse aprendizado ocorre de forma gradativa e consistente, necessitando de incentivo e encorajamento, até que se crie o hábito (Parreira e Marturano, 1999).

III- COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO

*Para análise da categoria **Comunicação e Relacionamento** foram consideradas as falas transformadas dos relatos obtidos nas entrevistas dos pais, antes e depois do curso.*

Antes	Depois
<p>P1: D.P.- <i>“Tem que se comportar, obedecer a professora...”</i> U.T.- Comportar-se, obedecer a professora.</p>	<p>P1: D.P.- <i>“Sei lá... Você tem que conversar com a criança pra ela poder se comunicar. Igual a Vera falou: por exemplo, ele quer contar uma história e você fala: ‘Não, eu não tenho tempo agora, depois você me conta.’”</i> U.T.- Conversar com a criança, ouvi-la, deixar que fale. D.P.- <i>“Às vezes, eu e minha mãe tá conversando, ele entra no assunto... Às vezes, a gente deixa ele falar primeiro, às vezes, não. Eu falo: ‘Eu e a vovô tamos conversando, depois você... fala pra nós.’ Ai, a gente Termina, ele fala: ‘Posso falar?’ ‘Pode, agora você pode falar.’ Então, tô fazendo assim...”</i> U.T.- Respeito: pede para o filho não interromper a conversa, quando está conversando com sua mãe, esperar Terminar.</p>
<p>P2: D.P.- <i>“Ser educado, ter um bom comportamento, não responder, respeitar os amigos, os professores...”</i> U.T.- Ser educado, ter bom comportamento na escola, respeitar as pessoas.</p>	<p>P2: D.P.- <i>“Orientar bastante, conversar (...) De tudo que é de ruim, mostrar, falar... o que é de bom, mostrar...”</i> U.T.- Orientar, mostrar sobre o que é ruim e bom na vida. D.P.- <i>“Eu sempre sentava do lado dele senão ele não fazia lição de casa. (...) Agora, já não faço mais isso. Eu olho, se fez pouco ou se fez muito, procuro elogiar... E ele tá ficando mais incentivado, mais animadinho. (...) Só da maneira da gente tratar, lidar, ele já tá melhorando bastante.”</i> U.T.- Elogiar, incentivar a tarefa escolar. D.P.- <i>“... porque, dentro de casa, é tudo organizado, tem o exemplo dentro de casa. (...)”</i> U.T.- Na casa, tem o exemplo da organização.</p>
	<p>P3: D.P.- <i>“Tendo mais diálogo, participação...”</i></p>

<p>P4: D.P.- <i>“Não repreendendo muito em certas coisas, né? Deixar eles mais livres nas opinião...”</i> U.T.- Não repreender muito a criança, deixá-la mais livre nas sua opiniões. D.P.- <i>“Eu sempre falo que eles têm que respeitar como eles respeitam a gente. (...) têm que ser educados com os professores porque eles tão lá prá ensinar...”</i> U.T.- Respeitar, ser educado com a professora. D.P.- <i>“A gente também tem que ter organização prá eles acompanhar, né?”</i> U.T.- Os pais devem ser o modelo da organização.</p>	<p>U.T.- Ter mais diálogo, participação... P4: D.P.- <i>“Procurando orientar, dialogar bastante...”</i> U.T.- Dialogar bastante. D.P.- <i>“Ah, a gente tem que... orientar, né? (...) Respeitar os professores, os...”</i> U.T.- Respeitar os professores.</p>
<p>P5: D.P.- <i>“... eles têm que obedecer a professora e, prestar atenção nos estudos...”</i> U.T.- Obedecer a professora. D.P.- <i>“(...) E ser bastante educado com o pai, com a mãe... ser bastante obediente...”</i> U.T.- Ser obediente e educado com os pais. D.P.- <i>“(...) Porque... Sei lá, eu combino bem com meu esposo, a gente tem isso, sabe? Um ajuda o outro, um aconselha o outro... Então, um tá sempre ajudando o outro ali.”</i> U.T.- O casal deve ter bom relacionamento para educar os filhos. D.P.- <i>“É ter bastante educação, ser uma pessoa direita... comportado...”</i> U.T.- Ser educado, comportado.</p>	<p>P5: D.P.- <i>“É conversando com eles, em casa. As minhas meninas, desde pequenininhas, eu sempre fui aquela... mãe, assim: tava no berço, eu tava limpando a casa e ficava: ‘oiiii’. (...) Mas elas é boa prá conversar, prá... te diálogo... (...) E tudo o que acontece na escola, dentro, quando ela tá na sala de aula, com a professora, elas contam prá mim também. (...) Sabe, sempre tem, todo dia uma... uma coisinha que elas, né, conta prá mim uma novidade, né? (...) Então, é onde que eu converso com elas. Eu falo: ‘Óia, fia, se a professora achou ruim, é por causa que... (...)’”</i> U.T.- Conversar muito com eles. Ter diálogo. Ensinar a atender o telefone, dar recado, contar fatos da escola. Através dos acontecimentos relatados, a mãe orienta as filhas quanto ao comportamento. D.P.- <i>“(...) Então, eles têm que respeitar a mesma coisa que respeita os pais. E, ser educado, chegar na hora certa na escola, não chegar atrasado... E também, a hora que sai da escola ir direto prá casa... E ser um aluno bastante obediente a professora...”</i> U.T.- Respeitar, ser educado, obedecer a professora. Após a escola, ir direto para casa. D.P.- <i>“Eu falo prá elas: ‘Gente, vocês têm que aprender, é se unir. O que que é se unir. A Tatiane que é a mais velha, você tem que saber se dar com as menina pequena.’ Aí, ela fala: ‘Como? Eu falo prá elas não mexer nas minhas coisa, e elas vai lá e mexe!’ Eu falo: ‘Não é batendo que você vai conseguir tirar delas. Você fala: O, Marcela, isso daqui é meu e eu não gosto que mexe. Se você for querer alguma coisa, você chega e fala: Tatiane, eu posso pegar isso seu? (...)’”</i></p>

	<p>U.T.- Conversa com as filhas, orientando-as, no sentido de obter um relacionamento mais harmonioso entre elas.</p> <p>D.P.- “(...)Que nem a Tatiane, tem hora que ela... fala assim: ‘Ó, mãe, eu não vou na escola hoje porque eu tô com dor de cabeça.’ (ri) <i>Aí, eu falo: ‘Tiane, mas como é tá sua cabeça, ond tá doendo?’ Porque, se brincou de cedo até aquela hora, porque que na hora de ir na escola que vai ter dor de cabeça? Então, é o dia que eles não tão com vontade de ir na escola. Então, a gente tem que chegar e falar: ‘Você tá com dor de cabeça?’ Então, se eu tiver em casa um AS eu dou, e falo: ‘Toma o remedinho e leva esse dentro da bolsa.’ Então, eu falo prá ela: ‘Só que você não toma sem você ter as coisa.’ Você vai ver, daqui a pouco você vai chegar na escola e você vai se sentir feliz que você tava estudando, porque, o dia que você fica em casa, você vai perder uma tarefa que você não vai pôr no teu caderno.”</i></p> <p>U.T.- Conversou com a filha, quando esta lhe disse que não queria ir à escola (momentos antes do horário da aula, tendo brincado até então) por estar com dor de cabeça. Disse-lhe que levasse um comprimido e o tomasse apenas se a dor a estivesse incomodando, e lhe falou sobre a importância de não perder a aula, para não faltar a tarefa daquele dia em seu caderno.</p>
<p>P6: D.P.- “... converso com ela, explico como tem que ser na escola...” U.T.- Comportar-se na escola. D.P.- “Com muita conversa, né? Ainda mais hoje em dia, se a gente não explicar tudo prá eles... a vida lá fora tá difícil, né? Tanta coisa acontecendo...” U.T.- Conversar, explicar sobre acontecimentos da vida. D.P.- “Pelo exemplo, porque os filhos copiam muito o pai e a mãe.” U.T.- O exemplo dos pais é importante porque os filhos os imitam.</p>	<p>P6: D.P.- “Eu procuro explicar prá eles e procuro educar de maneira correta... Eu falo prá ela: ‘Procura não ser chamada a atenção na frente dos outros porque é muito chato.’ (...) Então, eu explico, e em casa é a mesma coisa. Eu falo: ‘Se você não quer que eu fique brava, ou te dar uns tapa, então, faça como eu falo.’ E procuro também dar o exemplo, porque se eu for uma pessoa que vive gritando e xingando, ela vai fazer a mesma coisa. E falo prá ela: ‘Fala baixo.’” U.T.- Ser educada, não gritar ou xingar. Falar baixo. D.P.- “... e explicando as coisas certa prá eles, e não procurar enganar ou mentir porque, vou falar que a vida é de um jeito se é de outro, né?” U.T.- Explicar sobre o que é certo na vida. D.P.- “Acho que a gente tendo uma boa educação a gente sabe se comunicar com as pessoas lá fora. Porque se não tiver uma boa educação, você nunca vai aprender a tratar os outros bem...” U.T.- Deve-se ter uma boa educação para saber conversar, para tratar bem as pessoas.</p>

	<p>D.P.- “E procuro também dar o exemplo, porque se eu for uma pessoa que vive gritando e xingando, ela vai fazer a mesma coisa.”</p> <p>U.T.- Procura dar o exemplo, falando baixo. Não gritar ou xingar.</p> <p>D.P.- “(...) A diretora falou prá ela (professora) me ajudar a colaborar com a minha filha. Ela falou: ‘Ah, a sua filha é malandra, mesmo.’ Eu falei: ‘Olha, ela melhorou muito, ela tem muita coisa boa prá gente. Ela tem as coisa ruim dela, mas ela tem muitas coisas boa. Ela não é sem educação prá senhora, porque a senhora nunca reclamou!’ (...)”</p> <p>U.T.- Elogiar comportamento positivo.</p>
<p>P7:</p> <p>D.P.- Às vezes, eu falo: ‘Silvia, pede tal coisa prá Eloísa.’ Então, ela vai lá e fala: ‘Eloísa, a mãe mandou você fazer isso.’ Ela volta e falo: ‘Eu não mandei, eu pedi, é diferente.’ Então, eu ensino muito, pego muito no pé dela de voltar atrás e refazer.”</p> <p>U.T.- Pede para a filha transmitir o recado novamente, quando ela utiliza palavras não consideradas adequadas pela mãe.</p> <p>D.P.- “(...) Ela tem medo de desagradar as pessoas. Ela gosta de ser agradável e ser elogiada. Então, eu nunca tive reclamação dela, pela postura dela.”</p> <p>U.T.- Criança apresenta bom comportamento em relação à professora.</p> <p>D.P.- “A primeira coisa é a gente também se comunicar. Se a gente não se comunica, eles não aprendem, né?”</p> <p>U.T.- Os pais devem se comunicar para que os filhos aprendam.</p> <p>D.P.- “Eu pergunto dos coleguinhas, elogio os cadernos mesmo sendo um caderno longe daquilo que os pais sonharam, né?”</p> <p>U.T.- Elogia os cadernos.</p>	<p>P7:</p> <p>D.P.- (...) Mas, sempre ensinando e conversando. Às vezes conversando até outros assuntos prá mantê-la perto, ali, e vendo, né? E ela gosta demais de tá conversando.</p> <p>U.T.- Conversa sobre diversos assuntos para manter a criança próxima de si, transmitindo-lhe informações gerais.</p> <p>D.P.- “A primeira coisa é os pais se comunicarem bem entre si e com a criança, né? O diálogo franco, e na maneira de falar. Na medida do máximo possível, cordial, também... E corrigindo também. Quando começa a falar alguma coisa que não tá certo eu já corto (...). Tanto pelo tom de voz, quanto pelo palavreado... Que... palavrão, tá correndo prá todo lado, agora.”</p> <p>U.T.- Os pais precisam se comunicar bem, entre si e com a criança. Ter diálogo franco e cordial. Além disso, devem corrigir a criança quando ela diz palavrões ou usa tom de voz alterado.</p> <p>D.P.- “...o incentivo, dar importância pro que ele tá fazendo, mesmo que não seja o mais bonito, mesmo que não seja o mais bem feito... É uma presença dinâmica na vida da criança, (...)sem pressionar a criança, sem estar exigindo, né?”</p> <p>U.T.- Incentivar as atividades escolares da criança.</p> <p>D.P.- “...e tá sempre por perto apoiando, se a criança perguntar, se a criança precisar... No momento que ela fez a lição, você olhar, e falar: ‘Nossa, ficou legal!’ Não corrigindo. Correção é com o professor na escola. Mas dando aquele incentivo , prá que ela se sinta importante, prá que ela se sinta valorizada, enriquecida. Nunca criticando: ‘Ah, tá feio!’ ‘Ah, não, apaga!’, não. Nunca nesse sentido, a não ser que alguma coisa esteja realmente errada, e com muito jeito, né? Mas sempre na base do incentivo da criança.”</p>

	U.T.- Elogiar, incentivar a tarefa escolar.
<p>P8: D.P.- <i>“Eu falo prá ele ficar quietinho dentro da ‘crasse’, prá ele se comportar bem, não ficar brincando na sala de aula. Também no recreio, não ficar correndo prá ele não se machucar...”</i> UT- Deve comportar-se bem na escola.</p>	<p>P8: D.P.- <i>“Eu converso demais, prá ser comportado dentro da classe... ser educado com a professora...”</i> U.T.- Ser comportado, educado na sala de aula. D.P.- <i>Eu falo prá ele: tudo o que ele faz dentro de casa, guardar as coisa, Quando vai chupar bala, pôr o papel o lixo, não jogar papel no quintal... Tudo o que ele faz dentro de casa, tem que fazer na escola, também.</i> U.T.- Na escola, Ter conduta adequada, como em casa, jogando papel no lixo e cuidando do seu material. D.P.- <i>“Lá na escola, a professora dele falou que tá tendo uma aula com os policiais, sobre drogas. Então, eu falei prá ela que isso é muito bom, porque eu converso com ele sobre isso, também, que ele não pode aceitar nada de ninguém. (...) Explico as coisas pro Samuel (...).”</i> U.T.- Orienta quanto à drogas, e outros assuntos.</p>
<p>P9: D.P.- <i>“Conversando com eles e incentivando eles a conversarem também, a perguntar, a especular.”</i> U.T.- Conversa com eles e os estimula a fazerem perguntas. D.P.- <i>“Eu falo prá ele ficar sentado, prestando atenção e (...).”</i> U.T.- Ficar sentado, prestar atenção na professora. D.P.- <i>“A gente sendo organizada também. A gente sendo, acaba ensinando também. Eles copiam os pais”.</i> U.T.- Os pais devem ser organizados pois os filhos os copiam.</p>	<p>P9: D.P.- <i>“Tem que educar desde o comecinho. Se você educar desde pequeno, Quando for maior não vai ter esse tipo de problema. E sempre orientando, o que pode e o que não pode ... Perguntando o que estava fazendo na escola...”</i> U.T.- Educar, orientar quanto ao que pode e ao que não pode. D.P.- <i>“...tem que manter organizado, porque se deixar tudo espalhado, vai ficar difícil... A gente tem que fazer igual também. Não adianta ensinar e não fazer.”</i> U.T.- Os pais devem ser organizados para que os filhos também o sejam.</p>
<p>P10: D.P.- <i>“Sempre falar prá ele não brigar, não falar alto, obedecer a professora...”</i> U.T.- Não brigar, não falar alto, obedecer a professora.</p>	<p>P10: D.P.- <i>“Se ele falar uma palavra errada, vou corrigir ele, não xingando ou falando que ele não sabe falar direito: repetindo com ele direito. E aí ele vai e fala direito.”</i> U.T.- Corrigir a criança ao falar uma palavra errada, repetindo-a de forma correta, sem xingar ou dizer que ela não sabe falar direito. D.P.- <i>“Sempre tá com ele, às vezes tem tarefinha difícil... (...) Tem que estar lembrando ele, falando coisas boas prá ele.”</i> U.T.- Elogiar a tarefa escolar.</p>
P11:	P11:

<p>D.P.- <i>“Conversar, explicar prá eles o que é a escola... na sala de aula. Se tem um comportamento em casa, também tem na escola, né? Vem de dentro de casa.”</i></p> <p>U.T.- Comportar-se na escola.</p>	<p>D.P.- <i>“Ensinar o comportamento em casa prá ter bom comportamento em Qualquer lugar.”</i></p> <p>U.T.- Ter bom comportamento em casa e fora de casa.</p> <p>D.P.- <i>“Eu tenho que ensinar prá ele o que é certo e o que é errado, ver todos os pontos positivos...”</i></p> <p>U.T.- Ensinar o que é certo ou errado.</p> <p>D.P.- <i>“Eu tenho que ensinar prá ele o que é certo e o que é errado, ver todos os pontos positivos...”</i></p> <p>U.T.- Observar os aspectos positivos. Incentivar a aprendizagem.</p>
<p>P12:</p> <p>D.P.- <i>“Ser obediente na escola e prestar atenção no que a professora fala, não ficar brincando. Tem que prestar atenção prá aprender.”</i></p> <p>U.T.- Obedecer a professora e prestar atenção na aula.</p>	<p>P12:</p> <p>D.P.- <i>“Antes de ele ir prá escola, toda vez explicar o que é certo , o que é errado, prá ser uma criança comportada em casa e na escola.”</i></p> <p>U.T.- Ser comportado em casa e na escola.</p>
<p>P13:</p> <p>D.P.- <i>“Ensinando como conversar, cumprimentar as pessoas, tendo boas maneiras.”</i></p> <p>U.T.- Ensinando a conversar e a cumprimentar as pessoas.</p> <p>D.P.- <i>“Conversar, orientar e respeitar os amigos e professores.”</i></p> <p>U.T.- Respeitar os amigos e professores.</p>	<p>P13:</p> <p>D.P.- <i>“É passando prá ele o dia-a-dia: Hoje aconteceu isso comigo..., Não é assim que se faz..., Não é assim que se diz..., Porquê você não foi lá?, O que aconteceu?”</i></p> <p>U.T.- No dia-a-dia, usar frases do tipo: <i>Hoje aconteceu isso comigo...; não é assim que se faz...; não é assim que se diz.; por que você não foi lá?; o que aconteceu?</i> Está ensinando a filha a dar e receber recados.</p> <p>D.P.- <i>“...a criança tem que respeitar o professor, o ambiente onde ela vive e os amigos. Isso já vem de casa.”</i></p> <p>U.T.- Respeitar o professor, ambiente familiar e amigos.</p> <p>DP- <i>“...a criança tem que respeitar o professor (...). Isso já vem de casa.</i></p> <p>UT- Dar o exemplo de respeito, em casa.</p>
<p>P14:</p> <p>D.P.- <i>“Para não fazer malcriação, ser educado...”</i></p> <p>U.T.- Ser educado.</p>	<p>P14:</p> <p>D.P.- <i>“Os pais têm que ensinar a criança ficar sentada na hora que a professora tá dando lição, escrevendo na lousa... Ficar quietinho, não fazer malcriação na classe.”</i></p> <p>U.T.- Ensinar a comportar-se na escola.</p> <p>D.P.- <i>“Se a professora pede prá fazer uma coisa prá ela, ir lá e ajudar ela, né? A professora fala: ‘Você me entrega esse papel lá na frente.’ Ele vai, entrega, volta e chega lá, fala prá professora: ‘Entreguei.’ Ela fala: ‘Obrigada.’ – ‘Nada, precisando tá as ordens.’ Ensinar eles assim.”</i></p> <p>U.T.- Respeitar a professora, acatando suas solicitações, sendo educado.</p>

<p>P15: D.P.- <i>“Eu acho que deve sentar e explicar o que é certo e o que é errado... Ensinar eles a respeitar o direito dos outros.”</i> U.T.- Explicar o que é certo e errado. Respeitar o direito dos outros.</p>	
<p>P16: D.P.- <i>“A Naiara sempre foi uma criança muito... a gente sempre sai muito com ela... ela brinca, conversa com todo mundo...”</i> U.T.- Sempre foi uma criança muito estimulada, pois os pais saem sempre com ela, e ela brinca e conversa com todo mundo. D.P.- <i>“Ensinar ela a respeitar a professora, a respeitar as pessoas, né?”</i> U.T.- Respeitar a professora e as pessoas.</p>	<p>P16: D.P.- <i>“Obedecer a professora, não brigar...”</i> U.T.- Obedecer a professora e não brigar.</p>
<p>P17: D.P.- <i>“Outro dia ele chegou em casa, e eu falei prá ele: ‘Dudu, oh, você chegou em casa oito horas. Nossa, Dudu, prá mim vai ser muito difícil. Nunca pensei que meu filho fosse brincar na rua assim, de noite...’ Aí, comecei a conversar com ele, né? Acabou, ele não foi mais. Falou que tá bom, que ia brincar só de tarde. Então, eu tento explicar prá ele antes de brigar ou querer bater.”</i> U.T.- A criança chegou às oito horas da noite e ela conversou com o filho, dizendo-lhe que estava sendo muito difícil para ela, porque não esperava que ele ficasse brincando na rua até aquela hora.</p>	<p>P17: D.P.- <i>“(...) E também incentivar a criança... por pouquinho que ela faça, né? A gente tem que incentivar, não brigar com eles... elogiar...”</i> U.T.- Incentivar, elogiar a lição de casa.</p>

III - Categoria: COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO

Esta categoria compreende os aspectos relativos aos *incentivo à comunicação, respeito, modelo e incentivo ao comportamento positivo*.

Anteriormente ao curso de orientação a pais, cinco deles manifestaram-se sobre o *incentivo à comunicação*, cujas falas transformadas foram analisadas. Expressaram-se referindo à maneira como poderiam incentivar seus filhos quanto à comunicação, da seguinte forma: *deixá-lo mais livre em suas opiniões; ensinar a transmitir recados; ensinar a fazer perguntas; ensinar a cumprimentar às pessoas; a criança brinca e conversa muito, pois os pais saem sempre com ela*.

Posteriormente, sete pais falaram sobre esse aspecto. Entre eles, quatro usaram os termos *diálogo, participação, ouvir a criança, conversar sobre os acontecimentos da escola*.

Relacionando-se as duas situações, anterior e posterior, podemos observar que, as expressões utilizadas na segunda situação, refletem melhor compreensão do processo da comunicação. Buscando definir mais precisamente os termos utilizados pelos pais, na última situação, recorreremos ao dicionário Aurélio (Ferreira, 1993), que os explica da seguinte maneira: o termo *diálogo* significa *fala alternada entre duas ou mais pessoas*; o termo *participação*, significa *tomar parte em*; o termo *conversar*, significa *trocar idéias ou informações*.

Portanto, os pais explicitam melhor o significado de *comunicação*, que, ainda segundo o dicionário Aurélio significa *capacidade de trocar ou discutir idéias, de dialogar, de conversar, com vista ao bom entendimento das pessoas*. O estímulo à comunicação decorre do relacionamento, do interesse em ouvir a criança e fazer reflexões de maneira conjunta, pais e filhos (Elkind, 1992; Marturano, 1998). O ato da criança se comunicar, trocar idéias, é importante no estímulo ao bom desempenho escolar, pois leva-a a novas aprendizagens e aprimora seu conhecimento (Parreira e Marturano, 1999).

Em relação ao *respeito*, a maioria dos pais se manifestou em ambas as situações, antes e depois do curso de orientação à pais, cujas expressões foram analisadas através das falas transformadas.

Percebe-se que na situação posterior, os pais expressaram-se mais e usaram termos mais apropriados e significativos como: *orientar* (que significa, conforme o dicionário Aurélio, *apontar direções, guiar*), *educar* (significando, conforme o dicionário Aurélio, *processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano*), *conversar*. Esses termos poderiam denotar maior envolvimento dos pais com seus filhos, melhor relacionamento entre eles. Outros termos mencionados na primeira situação como: *ser comportado, ter atenção* também são mantidos.

Comparando ainda ambas as situações, na segunda, observa-se que alguns pais citaram mais exemplos de atitudes de respeito em relação à criança e orientações quanto às condutas, indicando melhor qualidade no relacionamento. Essas atitudes são importantes pois geram harmonia no lar e, conforme observado por Marturano (1999) um clima familiar, com disposição para ajuda e apoio recíproco entre seus membros, é muito importante na obtenção de melhor desempenho escolar pela criança.

Analisando os elementos relativos ao *modelo*, das falas transformadas dos pais, referidas anteriormente ao curso de orientação, observa-se que três pais falaram sobre o aspecto, citando-se a importância do modelo quanto à organização da casa e da comunicação.

Posteriormente, quatro pais falaram sobre o aspecto, citando-se o modelo de organização, quanto ao modo de falar respeitando o outro, e quanto ao respeito de maneira geral.

Não se observa diferença significativa entre as situações anterior e posterior, mas na última situação aparecem alguns elementos acrescidos, quanto ao respeito.

Quanto ao componente *incentivo do comportamento positivo*, a análise das falas transformadas dos pais que participaram do grupo de orientação, indicou que esse aspecto foi bastante significativo para os mesmos. As duas situações, anterior e posterior ao curso, diferenciaram-se de forma relevante. Na situação anterior apenas um pai manifestou-se, enquanto que na posterior, quase a metade deles, usando termos como: *elogiar, incentivar, observar aspectos positivos*, indicando boa aquisição dos princípios fornecidos durante o curso. Todos os

itens foram relacionados à atividade escolar, com exceção de um deles, onde não foi especificado o comportamento.

A importância da aquisição desses conhecimentos pelos pais, é confirmada por Elkind (1992) e Oaklander (1980) ao referirem que na estimulação da aprendizagem escolar os comportamentos positivos da criança devem ser sempre ressaltados pelos pais através de comentários. O elogio específico é muito importante.

De modo geral, na categoria *Comunicação e Relacionamento*, a análise das falas transformadas indicaram que os pais utilizam termos mais específicos na segunda situação, após o curso, em relação à primeira situação. São termos mais pertinentes ao aspecto do *relacionamento*, tais como: *orientação, diálogo, participação*.

Alguns pais, citam exemplos de situações vivenciadas, que podem indicar o estabelecimento de um relacionamento mais harmonioso entre pais e filhos.

Uma melhora nesse aspecto pode significar, como refere Oaklander (1980), maior respeito à criança, aos seus sentimentos, individualidade, necessidades, vontades, sugestões e sua própria sabedoria. Essa consideração à criança também é referida por Gottman (1997) quando afirma que a ênfase na percepção dos seus sentimentos para ajudá-la a resolver seus problemas é importante para que se saia melhor na escola e nas relações pessoais.

IV- APOIO PARA O APRENDIZADO

Para análise da categoria Apoio para o Aprendizado foram consideradas as falas transformadas dos relatos obtidos nas entrevistas dos pais, antes e depois do curso.

Antes	Depois
<p>P1: D.P.- “... geralmente fica prá mãe. Os pais teriam que apoiar os filhos.” U.T.- Geralmente é a mãe que apoia nas lições. Acha importante o pai também ajudar.</p>	<p>P1: D.P.- “Incentivando (...) Você tem que ajudar a criança... Na hora que eles pedem ajuda você tem que... Porque antes a gente ajudava mas não era assim, naquela coisa de ajudar mesmo. Eu falava: ‘Filho, você tem que fazer sozinho.’ Agora, você procura ajudar ele, entendeu?” U.T.- Incentivar, ajudar a criança quando precisa. D.P.- “Ontem, a professora me chamou porque ele não tá fazendo deveres da classe. Ai, eu conversei com ela.” U.T.- Entrou em contato com a professora, que a chamou, pelo fato da criança não estar realizando as tarefas em sala de aula.</p>
<p>P2: D.P.- “Eles têm que estudar porque sem o estudo não é nada, têm que aprender mesmo...” U.T.- O estudo favorece o futuro profissional.</p>	
<p>P3: D.P.- “(...) No ano passado eu passei o ano todo ajudando ele a fazer a tarefa..” U.T.- Ajudar na tarefa. D.P.- “Então, eu olho o material, no sentido da lição, se ele fez...” U.T.- Verificar se fez a tarefa. D.P.- “Vou às reuniões, participo de todas.” U.T.- Comparecer às reuniões.</p>	<p>P3: D.P.- “O meu, como ele tem mais dificuldade, eu preciso ajudar...” U.T.- Precisa ajudar porque a criança tem mais dificuldade. D.P.- “Participando junto... nas reuniões, conversando... Tendo contato... junto com os professores...” U.T.- Mantém contato com os professores, participando das reuniões. D.P.- “Participando junto, né? Brincando, passando experiência... No trabalho... nós moramos na chácara... No ensinamento mesmo... Numa leitura...sabe? Fazendo assim, juntos...” U.T.- Passar experiência, ensinar, fazer atividades diversas juntos, estimular a leitura...</p>

	<p>D.P.- <i>“Ah, ensinar mostrando a eles que o estudo hoje é muito importante... prá tudo necessita, né, do estudo.”</i></p> <p>U.T.- O estudo favorece o futuro profissional.</p>
<p>P4:</p> <p>D.P.- <i>“... eu ajudo eles.”</i></p> <p>U.T.- Ajudar os filhos nas tarefas.</p>	<p>P4:</p> <p>D.P.- <i>“Procurar... conversar... dialogar com eles, né? Poder ajudar... colaborar no trabalhos assim de... orientar...”</i></p> <p>U.T.- Conversar, orientar, dialogar, colaborar nos trabalhos escolares.</p> <p>D.P.- <i>“... Eu ajudo o tempo todo. (...) Eu procuro ajudar com a maior boa vontade... vou com paciência...”</i></p> <p>U.T.- Ajudar com paciência e boa vontade.</p> <p>D.P.- <i>“Ah, é incentivar eles a estudarem, né? (...) Tem que... Ah, que nem assim: fazer um bolo, convidar eles prá participar.”</i></p> <p>U.T.- Incentivar a participar de atividades como fazer um bolo.</p>
<p>P5:</p> <p>D.P.- <i>“Orientar, conversar, ajudar eles bastante...”</i></p> <p>U.T.- Orientar, conversar, ajudar ... Olhar os cadernos. Corrigir as lições.</p> <p>D.P.- <i>“Falar que é bom prá eles, que um dia eles vão precisar muito desses estudos, que é prá eles ter uma profissão na vida...”</i></p> <p>U.T.- O estudo favorece o futuro profissional.</p>	<p>P5:</p> <p>D.P.- <i>“Ajudar ele nas tarefa da escola, explicar prá eles..., trabalhar junto com eles...”</i></p> <p>U.T.- Ajudar nas tarefas escolares, explicar, trabalhar junto.</p> <p>D.P.- <i>“Ah, olhar o caderno da criança, procurar conversar bastante com eles...”</i></p> <p>U.T.- Olhar os cadernos, conversar muito.</p> <p>D.P.- <i>“...procurar conversar bastante com eles (...) como que foi o dia deles na escola...”</i></p> <p>U.T.- Saber sobre o dia escolar da criança.</p> <p>D.P.- <i>“a gente tem que trabalhar junto com eles e ensinar no dia a dia deles, ver se ele está mesmo indo certo na escola...”</i></p> <p>U.T.- Acompanhar as tarefas no dia a dia e verificar se a criança está indo bem na escola.</p> <p>D.P.- <i>Eu falo: ‘Óia, fia, se a professora achou ruim, é por causa que... se ela tava assim nervosa é porque os aluno deixou ela assim, mas se você tem seu comportamento no lugar, aquilo que ela falou, num tá servindo prá você. (...) Então, você tem que gostar mais dela ainda, porque isso daí ela tá fazendo pros seus amigo também ser igual a você, se você sentir que você tá... se comportando!’</i></p> <p>U.T.- Valorizar a atitude da professora.</p> <p>D.P.- <i>“(...) ‘Ó, você tem que estudar porque isso é a sua profissão um dia, mais tarde. (...) eles vão ficar moço e vão precisar daquele estudo. Porque hoje, se a gente não tiver o estudo, a gente não faz nada na</i></p>

	<p>vida, né? A escola é uma riqueza na vida deles. É através do estudo que eles vão ser alguém na vida.”</p> <p>U.T.- O estudo favorece o futuro profissional.</p>
<p>P6:</p> <p>D.P.- “Se eu não (...) olhar os cadernos dela, eu não vou saber como ela está.”</p> <p>U.T.- Olhar os cadernos.</p> <p>D.P.- “Se eu não for numa reunião ou não olhar os cadernos dela, eu não vou saber como ela está. Por isso eu estou sempre indo na escola, converso com a professora...”</p> <p>U.T.- Ir às reuniões, conversar com a professora.</p>	<p>P6:</p> <p>D.P.- “A gente tem que procurar ajudar no que a gente pode e sabe, né? (...) eu não sei se vou poder colaborar, mas no que eu puder...”</p> <p>U.T.- Ajudar, colaborar no que souber.</p> <p>D.P.- “Eu sempre procuro ajudar, e faço ela entender o que tá certo e o que tá errado, porque não é toda vez que eu posso corrigir. Muita coisa, às vezes eu deixo prá professora corrigir.”</p> <p>U.T.- Explicar o que não está correto, da lição, para a criança aprender. Muitos erros, deixa para a professora corrigir.</p> <p>D.P.- “(...) Eu falei: ‘Eu olho, mas eu não posso obrigar ela a fazer uma coisa que eu não sei.’ Ai, ela concordou comigo (...).”</p> <p>U.T.- Acompanha o conteúdo escolar, olhando os cadernos freqüentemente.</p> <p>D.P.- “... todo ano, Quando começa as aulas, eu venho conversar com os professores que vão dar aula prá minha filha...”</p> <p>U.T.- Mantém contato com os professores, sempre que inicia o ano.</p> <p>D.P.- “ (...) Muita coisa, às vezes eu deixo prá professora corrigir. Eu vejo que tá errado, mas ela leva errado, porque chega na escola, muitas vezes a professora não corrige, então, volta do mesmo jeito! Ontem eu fui lá escola conversar. Então, eu falei com a professora, e ela falou que ela não tem tempo prá corrigir a lição de todo mundo. Porque a matemática é corrigida na lousa. Isso eu vejo no caderno, mas o resto, não. Porque se eu corrigir tudo, como é que fica? Porque eu não sei se vai tá certo! Porque muita coisa eu tenho que deixar prá professora. (...) Eu falei: ‘Eu olho, mas eu não posso obrigar ela a fazer uma coisa que eu não sei.’ Ai, ela concordou comigo, ela falou: ‘A senhora tá certa.’</p> <p>U.T.- Procurou pela professora porque as lições não estavam sendo corrigidas.</p> <p>D.P.- “(...) Ontem eu fui lá na escola conversar com a diretora, explicar os problemas que tá se passando na escola com a minha filha, porque continua os bilhete no caderno, e eu já pedi, por favor prá não escrever... Ela simplesmente fala: ‘Mas eu escrevo no caderno.’ Ai, ontem eu fui lá, conversei com a diretora, ela chamou a professora e explicou, né? Eu falei: ‘A senhora me pediu uma caderneta, e a senhora continua escrevendo no caderno e eu não assino.’ Eu escrevo de volta na caderneta, que é prá</p>

	<p><i>ela ver que tem que ser na caderneta, né? Aí, ela falou: 'Então, eu vou fazer como a senhora está pedindo.(...)'</i></p> <p>U.T.- Procurou pela diretora, que chamou a professora, para reclamar sobre as anotações feitas por esta, no caderno da criança e não na caderneta, conforme havia sido combinado anteriormente.</p>
<p>P7:</p> <p>D.P.- <i>"(...) Então, a gente tem que ter aquele carinho, tem que saber conversar... até prá que ela vá à escola. Incentivar: 'Nossa, a professora é tão bacana! Nossa, eu achei ela tão bonita!' Até isso eu tenho que fazer com a Sílvia prá que ela fale assim: 'Ah, é mesmo.' Aí, ela se anima. Eu pergunto dos coleguinhas (...)."</i></p> <p>U.T.- Incentivar a criança a ir à escola, elogiando a professora, perguntando sobre os colegas da escola...</p> <p>D.P.- <i>"Então, tá elogiando... Em casa ela tem um caderno a parte, ela tem um livro de pré, a parte, que eu acompanho com ela..."</i></p> <p>U.T.- Em casa tem material de apoio (extra) como caderno e livro didático.</p>	<p>P7:</p> <p>D.P.- <i>"(...) Eu achei muito legal esse sentido de ensinar a gente a ajudar nas tarefas, não fazendo a tarefa mas auxiliando, incentivando..."</i></p> <p>U.T.- Ajudar, incentivar, auxiliar nas tarefas escolares, sem fazer pela criança.</p> <p>D.P.- <i>"(...) Ela disse que apanhou, eu fui saber (...). Então, ela falou prá mim que ela apanhou de um menino. Então, eu fui lá conversar com a professora e ela falou: "Eu tava até prá te chamar porque ela tem sido agressiva."</i></p> <p>U.T.- Entrou em contato com a professora pois a filha relatou que havia apanhado do colega. A professora disse-lhe que a menina estava sendo agressiva com as crianças.</p> <p>D.P.- <i>"(...) Um horário, um local adequado, silêncio, limpo, o material tá à mão (...)."</i></p> <p>U.T.- Ter o material completo para fazer a lição.</p> <p>D.P.- <i>"Eu ensino através da participação. Eu tô fazendo alguma coisa, ela vem me ajudar a fazer. Ontem a gente fez brigadeiro. Então, eu ia fazendo junto, incentivando, mostrando, dando oportunidade prá ela... Deixando que ela tome iniciativa muitas vezes..."</i></p> <p>U.T.- Fazer brigadeiro. Sempre ensinando e conversando.</p> <p>D.P.- <i>"Ah, incentivo, né? (...) Uma coisa que eu sempre falo prá Sílvia, quando a gente vai pro ponto de ônibus... Ela fica: 'Manhê, é esse, né?' E eu tenho que falar: 'Não, esse não tá escrito prá onde a gente vai, por isso que você precisa aprender a ler. Porque você aprendendo a ler, você pode até sair e passear sozinha. Você pode ir na vô...' Então, eu mostro prá ela a necessidade da leitura, de conhecer o valor do dinheiro... Ela vai na padaria sozinha, então, eu mostro esse lado prá ela. Eu falo: 'Você precisa aprender prá você se virar. (...)'"</i></p> <p>U.T.- Incentiva a aprendizagem, ao sair de casa, estimulando a leitura através dos ônibus, por exemplo, mostrando a necessidade da leitura. Pede para a criança ir à padaria, e assim, aprender o valor do</p>

	<p>dinheiro.</p> <p>D.P.- <i>“No diálogo, né? Mostrando, explicando, perguntando muitas vezes... Às vezes, antes de explicar o que que é, eu pergunto: ‘O, filha, o que que você acha daquilo, o que que é aquilo prá você?’ (...) É sempre na base do diálogo, né, incentivando, mostrando, dando assim, uma... curiosidade, né? ‘O que será aquilo lá? Vamos ver?’ Ela gosta de ver bichinhos... que caem da árvore... Então, é tudo conversando e dedicando tempo. Se a gente não tiver tempo de parar e tá ensinando, eles vão aprender de maneira errada outras coisas, porque o mundo não vai ensinar certo os valores prá crianças.”</i></p> <p>U.T.- Estimula a aprendizagem no dia-a-dia através do diálogo, mostrando, explicando, fazendo perguntas à criança para despertar sua curiosidade. Por exemplo, observar os bichos que caem da árvore. É necessário dedicar tempo à criança para que ela possa aprender de maneira correta.</p> <p>D.P.- <i>“Mostrando a importância de estudar.”</i></p> <p>U.T.- O estudo é importante para o futuro.</p>
<p>P8:</p> <p>D.P.- <i>“Eu ajudo ele a ler, a escrever...”</i></p> <p>U.T.- Ajudar a ler e escrever.</p> <p>D.P.- <i>“Eu tenho que ajudar o Samuel com as continhas, redação...”</i></p> <p>U.T.- Ajudar com as contas, redação...</p>	<p>P8</p> <p>D.P.- <i>“...eu verifico todos os dias os cadernos... se tem lição, se tem alguma coisa que o Samuel não sabe fazer... eu explico prá ele...”</i></p> <p>U.T.- Olhar os cadernos diariamente, explicar-lhe as lições que não sabe.</p> <p>D.P.- <i>“Participo na reunião que teve (...).”</i></p> <p>U.T.- Participar das reuniões.</p> <p>D.P.- <i>“ (...) se tem lição, se tem alguma coisa que o Samuel não sabe fazer... Eu explico prá ele... Tem vez, algumas coisas que a professora passa, eu não tô entendendo, eu converso com ela, daí, ela me explica... Porque eu estudei só até a sexta série... O que eu não sei eu falo pra ela ensinar o Samuel.</i></p> <p>UT- Mantém contato com a professora, quando seu filho não sabe fazer alguma lição, e não consegue ajudá-lo.</p>
<p>P9:</p> <p>D.P.- <i>“(...) ficar prestando atenção e perguntar as dúvidas para a professora, e ir perguntando até que aprenda.”</i></p> <p>U.T.- Orientar a prestar atenção na aula e a fazer perguntas à professora, no caso de dúvidas.</p> <p>D.P.- <i>“Sentar e fazer junto.”</i></p> <p>U.T.- Sentar e fazer a lição junto.</p> <p>D.P.- <i>“Procurar facilitar, dar todos os materiais para facilitar as lições.”</i></p>	<p>P9:</p> <p>D.P.- <i>“Comprando jogos, ou livros, fazer ele e interessar pelo estudo.”</i></p> <p>U.T.- Comprar jogos, livros para motivar.</p> <p>D.P.- <i>“Ir fazendo junto, orientando, perguntando o que sabe e o que não sabe...”</i></p> <p>UT- Orientar, fazer junto, perguntar à criança sobre o que sabe e o que não sabe.</p> <p>D.P.- <i>“Ir conversar com a professora, saber a dificuldade dele prá ajudar.”</i></p> <p>U.T.- Conversa com a professora sobre as</p>

<p>U.T.- Dar todo o material necessário.</p> <p>D.P.- <i>“Na matemática, por exemplo, ele mesmo fazer as contas. Quando vai no supermercado, vai vendo os preços. A leitura, procurar ler, se informar... É um modo que se vai aprendendo, né?”</i></p> <p>U.T.- Aprender a matemática, por exemplo, verificando os preços no supermercado. Procurar informar-se através da leitura.</p>	<p>dificuldades da criança.</p> <p>D.P.- <i>“Perguntando o que precisa e procurar comprar. Tem que ter tudo certinho, não faltar nada.”</i></p> <p>U.T.- Dar todo o material necessário.</p> <p>D.P.- <i>“Você vai fazer... descascar o milho. Você chama, ele vai ver ou descascar o milho, ou lavar o arroz. Pede prá ele pegar o arroz, colocar na vasilha, lavar... Ela falou do arroz.”</i></p> <p>U.T.- Participar das atividades como descascar o milho, lavar o arroz.</p> <p>D.P.- <i>“Saindo com ele, né? Ensinando, explicando as coisas. Igual ir no supermercado, explicar... O que você pega, explicar os preços, ou conversar quando vai na loja, mostrar a loja...”</i></p> <p>U.T.- Saindo com eles. Ensinando e explicando-lhes sobre as coisas, como por exemplo, explicar sobre os preços do supermercado, o que pode ser comprado.</p>
<p>P10:</p> <p>D.P.- <i>“... Sempre incentivar ele, porque tem tarefa todos os dias.”</i></p> <p>U.T.- Ter paciência, incentivar. Falar que tem tarefa.</p>	<p>P10:</p> <p>D.P.- <i>“Vendo se o caderno dele está em ordem, como está a bolsa dele...”</i></p> <p>U.T.- Olhar o caderno.</p> <p>D.P.- <i>“Quando ele não souber, eu vou e ensino ele. Só que eu não faço prá ele, eu só ensino e peço prá ele fazer sozinho.”</i></p> <p>U.T.- Ensinar quando ele não souber.</p> <p>D.P.- <i>“Sempre tá com ele, às vezes, tem tarefinha difícil... Não gritar com ele, ter paciência... Tem que estar lembrando ele...”</i></p> <p>U.T.- Lembrar da tarefa, ajudar... Falar com calma.</p>
<p>P11:</p> <p>D.P.- <i>“E acho que a pessoa tem que acompanhar, mesmo, ajudar nos problemas que não estiver conseguindo...”</i></p> <p>U.T.- Ajudar, acompanhar nas tarefas que não souber.</p> <p>D.P.- <i>“Dar o melhor prá ajudar. Às vezes, até algum brinquedo, coisa com cor, prá incentivar.”</i></p> <p>U.T.- Dar material a mais, como brinquedo colorido, para incentivar.</p>	<p>P11:</p> <p>D.P.- <i>“Incentivar os filhos, ajudar no que é preciso... Se tiver dificuldade, ajudar...”</i></p> <p>U.T.- Incentivar a criança, ajudar na lição quando apresentar dificuldade.</p> <p>D.P.- <i>“Primeiro a gente tem que ver se ele tem capacidade de fazer ou se ele não está com vontade. Se ele estiver com dificuldade, procurar ajudar. Procurar um meio prá ele poder entender.”</i></p> <p>U.T.- Se a criança estiver apresentando problema escolar, verificar junto à professora se há incapacidade de aprendizagem ou problema de comportamento.</p> <p>D.P.- <i>“Tudo o que ele precisar, tem que comprar, né? Tem que ter todos os materiais direitinho, tudo certinho.”</i></p> <p>U.T.- Comprar todo o material necessário.</p>

<p>P12: D.P.- <i>“Ajudar a criança em casa.”</i> U.T.- Ajudar em casa.</p>	<p>P12: D.P.- <i>“Tem que incentivar eles desde o prezinho, no primário, prá eles nunca desanimar, nunca desistir.”</i> U.T.- Incentivar sempre.</p>
<p>P13: D.P.- <i>“Acompanhar a criança, ter paciência...”</i> U.T.- Acompanhar a criança, ter paciência. D.P.- <i>“Sentar, conversar, dar atenção.”</i> U.T.- Sentar com a criança, conversar, dar atenção em relação à lição. D.P.- <i>“Dar os materiais completos.”</i> U.T.- Comprar os materiais necessários.</p>	<p>P13: D.P.- <i>“(...) falar com o professor do que tá acontecendo...”</i> U.T.- Conversa com a professora sobre a dificuldade. D.P.- <i>“Em primeiro lugar a criança tem que ter tudo o que foi pedido pelo professor: lápis, borracha, etc.”</i> U.T.- Comprar os materiais necessários.</p>
	<p>P14: D.P.- <i>“a gente tem que ajudar eles na tarefa. Então, se vier uma palavra, fazer, ir devagar, não assim na brutalidade. Conversar com ele...”</i> U.T.- Ajudar na tarefa escolar, de maneira calma, conversando. D.P.- <i>“Os pais têm que ver o que está acontecendo na escola, se está acontecendo alguma coisa na cabeça deles, os pais têm que ajudar os filhos.”</i> U.T.- Conversa com a professora sobre as dificuldades da criança.</p>
<p>P15: D.P.- <i>“Agora, caderno, lápis, a gente tem que ... Ele sempre levou. (...) Nunca deixou de levar.”</i> U.T.- Comprar os materiais necessários.</p>	<p>P15 D.P.- <i>“O meu marido, ele compra os materiais no começo do ano. (...) Sempre tem o material dele todinho na pasta...”</i> U.T.- Comprar os materiais necessários.</p>
<p>P16: D.P.- <i>“...eu tenho lousa com um alfabeto colado em cima...”</i> U.T.- Oferecer material de apoio escolar (lousa/alfabeto). D.P.- <i>“A minha mulher procura ensinar a lição de casa quando a professora manda...”</i> U.T.- Ensinar a lição de casa. D.P.- <i>“O material que a professora pede os pais têm que comprar.”</i> U.T.- Comprar os materiais necessários.</p>	<p>P16: D.P.- <i>“Ela faz, eu ensino ela fazer continha, ela faz...”</i> U.T.- O pai ensina a criança a fazer as contas e ela faz.</p>
<p>P17: D.P.- <i>“... o que a gente pode fazer a gente faz, que é ajudar nas tarefas...”</i> U.T.- Ajudar nas tarefas.</p>	<p>P17 D.P.- <i>“Prá gente ter paciência... e ajudar a criança a aprender a ler.”</i> U.T.- Ter paciência e ajudar a criança a ler. D.P.- <i>“Tá sempre olhando os cadernos dele... as lição... e sempre conversando com o filho. Querendo saber como está na escola... se está tudo bem...”</i> U.T.- Olhar os cadernos. Interessar-se pelo desempenho na escola.</p>

IV - Categoria: APOIO PARA O APRENDIZADO

Na análise das referências à *pessoa de apoio*, comparando-se as falas transformadas dos pais que participaram do curso de orientação, nas situações anterior e posterior, a diferença entre elas é muito importante, não quanto ao número de manifestantes, mas quanto ao conteúdo expresso.

Na segunda situação, após o curso, os pais definiram de maneira muito mais precisa a forma como dar apoio a seus filhos. Foram catorze pais que se manifestaram.

Os termos *incentivar, orientar, colaborar, explicar, trabalhar junto, acompanhar* são expressões usadas várias vezes, indicando melhor compreensão do processo de aprendizagem da criança e um melhor relacionamento entre pais e filhos. Na primeira situação, antes do curso, as expressões eram menos significantes, mais genéricas e como na segunda situação, catorze pais se manifestaram.

Após o curso, foram relatados alguns itens relevantes quanto a ajuda à criança no aprendizado escolar, tais como: *valorizar a atitude da professora, ter paciência e boa vontade, falar com calma, procurar pela professora para saber sobre a dificuldade da criança, interessar-se pelo desempenho da criança, comprar jogos e livros para motivar.*

Estas expressões demonstraram maior participação dos pais nas atividades escolares, maior envolvimento de maneira geral, e não apenas às lições de casa. Os pais pareceram mais motivados a apoiarem seus filhos, talvez por sentirem-se mais seguros ao tomarem conhecimento de atitudes adequadas quanto à prática educativa.

Como constatou Kellaghan (1993), através dos programas de intervenção familiar, os pais apresentam melhora na tolerância quanto ao desempenho das crianças, melhora na auto-estima e na percepção de si mesmos como pais. Eles tornam-se mais confiantes e menos autoritários nas práticas educacionais, gerando expectativas mais flexíveis e realistas quanto ao desenvolvimento de seus filhos. A convicção e a confiança adquirida pelos pais, os levam a encorajar e orientar seus filhos no aprendizado escolar.

Entre os recursos que podem produzir efeito positivo no desempenho escolar da criança, estão os jogos, brinquedos e materiais educativos variados e adequados ao desenvolvimento da

mesma, que estimulem as habilidades cognitivas e a aprendizagem de conteúdos escolares (Marturano, 1998).

O *contato com a escola* é um dos aspectos mais interessantes, que complementa o anterior, demonstrando maior compreensão dos pais quanto ao seu papel na ajuda efetiva à suas crianças.

Comparando as falas transformadas dos pais, antes e depois do curso de orientação, observa-se que na primeira situação, apenas dois pais citaram somente a presença nas reuniões, indicando o pouco envolvimento que tinham com a escola.

Na segunda situação, metade dos pais falou sobre contatos com a professora, por iniciativa deles, muitas vezes. Demonstraram interesse por conhecer melhor sobre as dificuldades escolares de seus filhos. Um dos pais relatou dois exemplos de situações onde procurou pela professora para cobrar-lhe conduta mais assertiva em relação à sua filha: uma, porque as tarefas do caderno de sua filha não estavam sendo corrigidas e outra, porque a professora não estava fazendo as anotações na caderneta, conforme haviam combinado, mas sim no próprio caderno da criança (atitude essa já sido comentada durante o curso como não adequada pedagogicamente).

Parreira e Marturano (1999) orientam os pais quanto às situações em que há a necessidade de entrarem em contato com a escola, como por exemplo, quando a mãe percebe que seu filho está com dificuldade no aprendizado ou quando ele relata brigas com os colegas ou maus tratos da professora. O contato com a escola faz parte da ajuda que os pais podem oferecer à criança na sua vida escolar.

Quanto aos *materiais escolares*, os resultados não são substanciais. Analisando as falas transformadas dos pais, observa-se que, praticamente, o número de referências mantém-se em ambas as situações, antes e depois do curso de orientação. Quatro pais manifestaram-se quanto ao aspecto, referindo sobre a importância da compra dos materiais necessários para seus filhos.

É possível que a importância na aquisição dos materiais necessários, como elemento fundamental no apoio escolar da criança, fosse um aspecto já compreendido por parte dos pais, em situação anterior ao curso e que tenha sido apenas reforçado pelo mesmo.

Quanto à *participação nas atividades da casa*, aspecto importante no propósito de se proporcionar à criança conhecimentos prévios que favoreçam seu aprendizado escolar, observa-se ausência de referências na situação anterior ao curso de orientação, na análise das falas transformadas dos pais. Em situação posterior ao curso, quatro pais manifestaram-se, sendo portanto, considerado significativo esse aspecto na aquisição de informações dos mesmos.

Os pais referiram sobre atividades que estimulam o conhecimento de modo geral, o interesse pelo aprender, como fazer um bolo, por exemplo.

A importância dessas referências é coerente com as idéias de Elkind (1992), quando relata que os conceitos básicos como por exemplo, noção de tempo, espaço, textura, peso, quantidade, etc, que são aprofundados na escola, podem ser ensinados através de atividades cotidianas como confecção de pratos culinários, separar roupas para lavar, lidar com dinheiro, etc.

Além disso, Marturano (1999) também constata a importância dessas atividades, quando compartilhadas com os pais, no desempenho escolar da criança.

Na análise dos elementos relativos às *atividades fora de casa*, pelas falas transformadas dos pais que participaram do curso de orientação, o aspecto apresentou-se menos relevante, quanto ao número de pais que se expressou a respeito. Porém, os dois pais que falaram sobre o aspecto, na situação posterior ao curso, citaram elementos importantes, exemplos significativos, fazendo uso dos termos *incentivar, explicar, ensinar sobre as coisas, dialogar, mostrar, fazer perguntas*. Essas expressões demonstram a intenção de se fornecer informações à criança e transmitir conhecimentos, através de atividades diversas do cotidiano.

Em situação anterior à participação ao curso, apenas um pai manifestou-se, embora, de forma assertiva.

Percebe-se que esses pais que se expressaram, possuíam um conhecimento anterior a respeito do aspecto (demonstrado em outros momentos das entrevistas), porém, percebe-se uma ampliação nas suas colocações. É possível que tenham se sentido reforçados nas suas atitudes anteriores. Nota-se, também, no pai que havia se manifestado anteriormente, que na situação posterior, ele se coloca como elemento participativo do contexto. Acrescenta ainda, o objetivo de transmitir informações, o que não havia ocorrido na situação anterior.

O aspecto relativo ao *valor ao estudo* não foi relevante quando comparadas as falas transformadas dos pais entre as duas situações, anterior e posterior ao curso de orientação. É possível que a importância do estudo seja um pensamento já interiorizado nesses pais, antes do curso, uma vez que se dispuseram a participar do mesmo para ajudar seus filhos. Dois pais se manifestaram anteriormente e três, posteriormente ao curso.

Os pais parecem já trazer interiorizado os princípios do valor do estudo como forma de ascensão social, que geralmente é transmitido através das gerações. A importância que a família dá ao estudo é fator significativo quanto à expectativa da criança no que ela poderá vir a ser no futuro. Quanto mais os pais valorizam o estudo, mais incentivo eles estarão dando ao seu filho em relação ao aprendizado escolar (Parreira e Marturano, 1999).

Quanto à categoria *Apoio para o Aprendizado*, os aspectos relativos à *pessoa de apoio e ao contato com a escola*, foram os mais sinalizados pelos pais.

Eles demonstraram maior compreensão da atitude de apoio a ser dado a seus filhos ao expressaram-se sobre a importância da participação e encorajamento nas atividades escolares.

Evidenciou-se também, maior envolvimento com a escola, ao referirem sobre a intenção de procurar pela professora para esclarecimento quanto à dificuldade dos filhos e assim, poderem melhor ajudá-los.

Demonstraram maior envolvimento e compreensão da situação da criança incentivando-as e motivando-as para as atividades escolares.

Dados significativos foram encontrados quanto à participação da criança nas atividades da casa e, em menor grau, quanto à atividades fora da casa. Os pais manifestaram o entendimento da importância dessas atividades na aquisição de informações necessárias ao desempenho escolar, através de exemplos.

V- DISCIPLINA

*Para análise da categoria **Disciplina** foram consideradas as falas transformadas dos relatos obtidos nas entrevistas dos pais, antes e depois do curso.*

Antes	Depois
<p>P1: D.P.- “Ele quer ir sozinho prá escola. Mas eu não deixo. Nesse ponto, a gente tem que ter muita responsabilidade.” U.T.- Não deixa o filho ir sozinho à escola, embora ele queira. D.P.- “(...) Tem que você dá uns berros com ele, ou um tapa, aí ele pára. (...)” U.T.- Tem que dar uns berros ou um tapa prá ele parar.</p>	<p>P1: D.P.- “(...) Porque ele quer uma televisão prá pôr no quarto dele. Nós vamos comprar a televisão, só que eu falei prá ele: ‘A hora que a mamãe puder. Não é assim: amanhã eu vou comprar a televisão.’ Então, ele entendeu. Ele quer um vídeo-game. Eu falei assim: ‘Só que eu vou comprar a televisão primeiro. Vou pagar, e depois, quem sabe, compro o vídeo-game.’ Então, nessa parte, ele entende, mas quando você vai naquela lojinha de um e noventa e nove, ele quer, porque quer trazer um brinquedo. Aí, eu já cortei. Falei: ‘Não, senhor. Não é tudo o que você quer que eu vou poder comprar.’ Às vezes, é coisinha que não faz nem sentido. Às vezes, é sorvete, que ele pede... Eu falei: ‘Não, eu não vou comprar sorvete todo dia prá você. Se eu vier na padaria três vezes por dia, três sorvete?’ Eu falei: ‘É um, dois por semana e... vamos ver.’ Aí, faz aquela birra, mas eu não dou nem bola. Continuo na minha, firme, sabe? Eu tenho que... Igual a Vera falou: ‘Você tem que ser firme!’” U.T.- A criança pedia, com freqüência à mãe, que comprasse algo. A mãe estabeleceu, então, algumas regras com ela: vai comprar a televisão para o quarto dele quando puder; depois que acabar de pagar, vai comprar o vídeo-game, se tiver condições. Quanto ao sorvete, que a criança pedia todas às vezes que iam à padaria, determinou que seria um ou dois por semana. D.P.- “(...) O problema do Reinaldo é que ele não quer fazer a lição lá na classe. Aí, a professora me chamou ontem. (...) Eu perguntei prá ela: ‘É por que ele não sabe, ou por que ele não quer fazer?’ Ela falou assim: ‘Olha, Edna, saber, ele sabe tudo. Só que ele não pára na carteira, ele não tem incentivo assim, prá copiar.’ (...) Aí, eu pus ele de castigo. Eu falei prá ele: ‘À partir de amanhã, que é hoje, se você não copiar os deveres, você vai ficar sem brincar.’ Aí, ele ficou lá no quarto, não me desobedeceu... Então, não saiu... (...)” U.T.- A criança ficou sem brincar na rua,</p>

	<p>porque não quis fazer a tarefa na sala de aula.</p> <p>D.P.- <i>“Quando minha mãe não tá, ele procura me ajudar. (...) Eu falei: ‘Você não vai me ajudar?’ Ele falou: ‘Não.’ ‘Então, nós vamos cortar isso.’ Aí, eu cortei. Aí, ontem, ele já voltou a querer me ajudar.”</i></p> <p>U.T.- Mãe retirou privilégio quando a criança deixou de ajudá-la nas tarefas da casa.</p> <p>D.P.- <i>“(...) Sempre falo prá manter tudo organizadinho, material arrumado, cuidar dos lápis, borracha... Porque antes, era um lápis por dia. Perdia, eu dava. Perdia, eu dava. Agora eu não dou mais. Então, ele tá cuidando do material dele. Que antes ele não cuidava. Tá dando mais valor, né?”</i></p> <p>UT- Deixou de dar tantos lápis para a criança, para que ela cuidasse melhor de seus materiais.</p>
<p>P3:</p> <p>D.P.- <i>“Chamando bem a atenção. Às vezes, até mandando um chinelo ... (...)”</i></p> <p>U.T.- Mãe chama a atenção da criança, e às vezes usa o chinelo.</p>	<p>P3:</p> <p>D.P.- <i>“(...) Porque a gente tem um limite prá tudo. Então, desde a renda familiar... já tem um... então, ele tem que vim... desde pequenininho. Nessa parte ele nunca deu problema. Eu sempre conversei com ele, e ele sempre me entendeu. (...)”</i></p> <p>U.T.- A mãe estabelece sempre com seu filho o que pode ou não comprar, e ele sempre aceitou.</p> <p>D.P.- <i>“(...) Você bate, pões de castigo... (...) Você chama: Vem pôr no lugar isso! (...)”</i></p> <p>U.T.- Mãe bate, ou põe de castigo, quando a criança se recusa a realizar certas tarefas da casa, como colocar seus pertences em ordem.</p>
	<p>P4:</p> <p>D.P.- <i>“Ah,, dando limites prá eles. Não deixando a vontade... Tem que ter o limite prá... prá ter aquela organização.”</i></p> <p>U.T.- O limite é necessário para ter organização na casa.</p> <p>D.P.- <i>“Não deixando eles fazerem... Não deixar à vontade. Quando não pode, não pode.”</i></p> <p>U.T.- Deixar claro o que a criança pode ou não fazer.</p>
<p>P6:</p> <p>D.P.- <i>“A gente tem que se impor.”</i></p> <p>U.T.- <i>Os pais devem se impor.</i></p>	<p>P6:</p> <p>D.P.- <i>“Não deixando eles fazer tudo o que quer. A gente tem que fazer até certo ponto. O ponto que não dá, não pode fazer. Desde que eu falar: ‘Não vai.’, não vai!”</i></p> <p>U.T.- Dizer “não” quando necessário.</p>

	<p>D.P.- “(...) Então, eu explico, e em casa é a mesma coisa. Eu falo: ‘Se você não quer que eu fique brava, ou te dar uns tapa, então, faça como eu falo.’ (...) E falo prá ela: ‘Fala baixo, não grita.’”</p> <p>U.T.- Mãe avisa que vai ficar brava, ou bater, se a criança gritar ou xingar.</p>
<p>P7:</p> <p>D.P.- “(...) Teve uma época que todo dia ela levava um lápis e uma borracha e não voltava. E eu conversava..., até que eu fiquei brava: ‘Não, vai ter que voltar a semana inteira.’ Porque ela não tinha aquele cuidado. Então, (...) depois tive que fechar a cara: ‘Se esse lápis não voltar hoje eu vou ficar muito brava, porque o dinheiro do pai não tá dando.’ (...) Precisei usar de firmeza prá ela começar a falar: ‘Não, eu preciso cuidar.’”</p> <p>U.T.- Teve que falar com mais firmeza com a filha, explicando-lhe que o dinheiro do pai não era suficiente, e que a criança cuidasse melhor de seus lápis, evitando perdê-los.</p> <p>D.P.- “Foi difícil ensinar o “não” prá ela. Um dia, aqui em frente, uma mulher queria pagar um sorvete prá ela. Eu saí do serviço, peguei ela na escolinha, ia prá psicóloga, atrasada... Como é que ela ia chupando sorvete? Não tinha condição. Eu falei: ‘Não, agora, não.’ Ela abriu a boca a chorar! Uma senhora, no ponto, queria pagar o sorvete prá ela. Eu fiquei entre a cruz e a espada e falei: ‘Olha, senhora, eu agradeço muito, mas eu tô dando educação prá minha filha, e ela tem que aprender, quando eu falo não, é não. A hora que ela pedir sem chorar e for o momento adequado ela vai ter o sorvete, mas agora, é não. Muito obrigada.’”</p> <p>U.T.- Deve-se ensinar à criança o que pode e o que não pode. Dá um exemplo de um dia em que estava no ponto de ônibus, atrasada para ir à psicóloga. A menina pediu-lhe sorvete e ela lhe disse não porque ela iria se sujar. A menina chorou, e uma senhora ofereceu-se para comprar o sorvete. A mãe, então, agradeceu e não aceitou dizendo que a menina não estava se comportando adequadamente, e além disso, o momento não era oportuno.</p>	<p>P7:</p> <p>D.P.- “Tem que saber quem é a autoridade e o que pode e o que não pode fazer. O que é não, é não mesmo. Quando ela insiste que ela quer uma coisa, já não é mais tanto o caso, ela insiste em querer uma coisa que já não tá no padrão, tem que sentar e conversar: ‘Agora, não é hora. Você pode esperar?’ Ou então: ‘Isso não é possível, eu não posso, eu não tenho dinheiro agora...’”</p> <p>U.T.- A criança precisa entender o que pode e o que não pode. Ela tem que compreender que quando a mãe puder, e se ela puder, vai atender seu pedido. Atualmente, a criança apresenta comportamento mais adequado nessas situações.</p> <p>D.P.- “(...) A gente conversa, e às vezes o que eu faço é cortar uma recreação, uma coisa que ela gosta... (...) Então eu falo: Olha, hoje não vai ter rua, não vai ter calçada, porque você não tá se comportando, nesse sentido, você vai na escola prá estudar.. Eu converso bastante com ela, né? O pai também. Coloco prá pensar. Eu falo assim: Olha, senta um pouco aí, pensa um pouco nesse assunto, depois a gente conversa, vamos ver o que que você achou disso que tá acontecendo, se você acha que tá certo o seu comportamento... (...) Você tem que ir mais educada da sua casa! Então, ela senta, pensa um pouco, aí ela fala: Mamãe, eu vou melhorar, pode deixar que eu vou melhorar.”</p> <p>U.T.- Mãe costuma retirar uma recreação, como brincar na rua, ou colocar a criança para pensar, quando apresenta comportamento inadequado.</p> <p>D.P.- “É... falando e mostrando porquê, né? Que nem a geladeira aberta. A geladeira fica aberta porque ela não lembra de dar aquele empurrão final. Enche de gelo e depois não fecha mesmo. E se isso acontece de noite, no outro dia não fecha. Então, eu tenho que ir lá e mostrar: ‘Olha, deixou aberto, olha como ficou. Agora, vê o trabalho que vai dar prá mamãe limpar.’ Ela fica ali, ajuda a tirar as coisas... Ajuda a resolver os problemas que ela causa, isso eu faço com ela. Se ela faz uma bagunça no banheiro, eu vou lá e limpo com ela. Mas ela tem que pôr a mão na massa e ver que é difícil! Tudo tem uma</p>

	<p><i>consequência, e eu procuro mostrar isso prá ela. Responsabilidade pelos erros, né?”</i></p> <p>U.T.- Quando a criança deixa a geladeira aberta, criando grande quantidade de gelo, a mãe a faz participar da limpeza. O mesmo ocorre quando a criança deixa o banheiro em desordem.</p>
--	---

	<p>P8: D.P.- (...) quando ele quer uma coisa... Porque ele quer que eu dou. Eu falo prá ele que eu não tenho condições, né? Ele fala: 'Então, mãe, eu espero a mãe dar.' Ele é um menino compreensível, né? U.T.- Quando a criança lhe pede para comprar algo, e ela diz que não tem condições, ele aceita.</p>
<p>P9: D.P.- "Tem que fazer um 'joguinho' com eles: 'Você faz isso, senão você não pode fazer isso. Primeiro você tem que fazer, prá depois...' Tem que tirar um pouco as coisas que eles querem para poder dar o limite." U.T.- Tem que ser feito um 'jogo' com a criança determinando que, para ela obter o que deseja, deve realizar certa atividade. D.P.- " (...) Tem que tirar um pouco as coisas que eles querem para poder dar o limite." U.T.- Tem que tirar algumas coisas que eles querem para poder dar o limite.</p>	<p>P9: D.P.- "Ensinar o que pode e o que não pode." U.T.- Ensinar o que pode e o que não pode.</p>
<p>P10: D.P.- "Não deixando a criança fazer o que ele quer." U.T.- Não deixar a criança fazer o que quer.</p>	<p>P10: D.P.- "Não deixar a criança fazer o que ela quer. Por exemplo, se tá na hora da tarefa e ele fica assistindo a televisão." U.T.- Não deixar a criança fazer o que quer. Por exemplo, se está na hora da tarefa e ela quer ver televisão, a mãe não pode deixar.</p>
<p>P11: D.P.- "Em casa é chantagem: 'Se você não fizer isso, você não faz aquilo.' (...) Ele fica nervoso, xinga, revolta." U.T.- Faz chantagem com a criança: ela só obtém o que deseja se realizar o que foi mandado.</p>	<p>P11: D.P.- "A gente deve conversar o que pode e o que não pode... Por exemplo, a gente não pode chamar atenção da criança assim... chegar lá e... 'Olha, fez arte!' Nunca fez aquele tipo de coisa e de repente a gente chega lá e já vai batendo, não... Ele não sabe porque ele está apanhando, ele não sabe se era certo ou se era errado... (...)" U.T.- Antes de se colocar uma consequência no comportamento da criança, é preciso conversar com ela sobre o modo como deve se comportar. D.P.- É dizer um 'não' firme. E mais tarde ele vai ver que foi bom prá ele, que a gente quis mostrar prá ele o que podia acontecer de ruim. (...) 'Olha, não vai, eu acho melhor você não ir, eu tenho medo, eu acho que pode acontecer isso ou aquilo...' Pode não acontecer... Mas a gente tá cuidando deles, né? U.T.- Dizer um não firme. Podemos dizer não para coisas que consideramos perigoso.</p>
	<p>P12: D.P.- "É quando eles quer alguma coisa; se não dá,</p>

	<p><i>aí tem que falar prá eles que não dá, tem que ficar prá próxima vez.”</i></p> <p>U.T.- Dizer que não dá para atendê-los no momento, quando querem algo que não pode ser realizado.</p>
	<p>P13:</p> <p>D.P.- “(...) <i>Você falou que ‘não’, não pode deixar a criança depois te vencer se você não pode comprar aquilo.”</i></p> <p>U.T.- Quando disser que não pode comprar algo, não deixar a criança vencer.</p>
	<p>P15:</p> <p>D.P.- <i>‘Então, nunca deixar ultrapassar. Às vezes, o filho chega, quer as coisas... Igual, você vai num supermercado, ele mesmo tem que saber. (...) ali você tem que pôr limite pras coisas. ‘Não, isso você sabe que hoje eu não posso levar. Eu posso levar isso e isso.’ (...) Desde criança a gente tem que ensinar... Isso eu aprendi bem no curso... Porque quando pode, pode, quando não pode, não pode, né?’</i></p> <p>U.T.- Estabelecer o que pode e o que não pode. Por exemplo, ao levar a criança no supermercado, deve-se estabelecer o que ela pode comprar, ou quanto pode gastar.</p>
<p>P16:</p> <p>D.P.- <i>“A Naiara, tudo o que ela faz e não se deve fazer, a gente proíbe, mesmo.”</i></p> <p>U.T.- Deve-se deixar bem claro o que a criança não pode fazer .</p> <p>D.P.- <i>“a Naiara,, tudo o que ela faz e não se deve fazer, a gente proíbe, mesmo. E se for preciso bater, dar uns tapa a gente dá.”</i></p> <p>U.T.- Se for preciso, os pais dão uns tapas na criança.</p>	<p>P16:</p> <p>D.P.- <i>“Porque às vezes, eles não tem nem limite de nada, eles vão pegando tudo, vão pondo dentro do carrinho, e não quer nem saber. E não pode. Desde criança a gente tem que ensinar... Isso eu aprendi bem no curso... Porque Quando pode, pode, quando não pode, não pode, né? Tem que saber conversar com a criança porque ele não saber nunca se você não conversar.”</i></p> <p>U.T.- Dizer o que pode e não pode fazer.</p> <p>D.P.- <i>“E aí, que a mãe tem que tirar alguma coisa dele... Igual minha filha faz. Vem reclamação dele em casa... Ele adora vídeo game, e fica uma semana sem jogar vídeo-game, ou ver um desenho que ele quer...”</i></p> <p>U.T.- Deve-se retirar um privilégio, como jogar vídeo-game ou assistir a um desenho na televisão, quando a criança tiver um comportamento inadequado.</p>
<p>P17:</p> <p>D.P.- <i>“Eu e meu filho é assim, a gente conversa... naquela hora eu finjo que ele nem é meu filho, entendeu? Eu achei que era melhor assim do que tá brigando, gritando... Eu acho que ele me obedece mais.”</i></p> <p>U.T.- Mãe tenta explicar para a criança porque não pode ser atendido o seu pedido.</p>	<p>P17:</p> <p>D.P.- <i>“Limites é o que eles não pode fazer e nem... a gente dar tudo o que eles quer, né? Eu acho que é assim: eles querer fazer uma coisa e a gente falar não. A gente pôr limite, nem tudo pode fazer, né”</i></p> <p>U.T.- Os pais devem dizer não quando eles quiserem fazer algo que não pode.</p>

V - Categoria: DISCIPLINA

Com relação aos *limites*, observando-se as falas transformadas dos pais, antes do início do curso de orientação a pais, oito deles fizeram referências ao aspecto. Entre as expressões citadas, algumas relacionavam-se a *limites*, quanto às situações perigosas que colocam em risco a criança e quanto à conduta inapropriada.

Um dos pais referiu que aprendeu a lidar com esse aspecto em relação à filha, através da ajuda de uma psicóloga, antes do curso, pois até então, tinha muita dificuldade quanto a isso.

Alguns outros pais referiram-se ao uso da *chantagem*, ou *jogo* em suas práticas educativas, quando é dito, então, à criança que ela só obterá o que deseja se realizar determinada atividade. Segundo Maldonado (1994) a ameaça à criança de sofrer alguma privação, ou a promessa de que se fizer o que deve vai ganhar alguma coisa, a longo prazo, acostuma a criança a fazer só o que precisa. Esta atitude desenvolve na criança, o medo de ficar de castigo ou o interesse em obter recompensas, caracterizando, portanto, uma atitude inadequada dos pais.

Os demais pais não esclareceram como lidam com essa questão.

Analisando as falas transformadas dos pais, posteriormente ao curso de orientação, catorze deles fizeram referências a esse aspecto, o que indica um resultado bastante significativo e demonstra grande interesse pelos pais quanto à questão.

Um deles referiu que pôde aprender a lidar com seu filho através do curso, passando a estabelecer regras com ele.

Outro pai relatou que o limite é necessário, que é preciso deixar claro à criança o que ela pode ou não fazer, mas que ainda tem muitas dificuldades para lidar com isso.

De modo geral, os pais pareceram mais firmes, mais seguros em dizer “não” aos filhos quando necessário e ao mesmo tempo, mostraram, através dos exemplos, que dão explicações precisas, claras à criança sobre os motivos, parecendo terem entendido que essa conduta é importante para a criança se organizar na vida, e conseqüentemente para seu aprendizado escolar, como refere Parreira (1999).

Um outro pai referiu sobre a importância de se deixar claro à criança quanto a forma como ela deve se comportar antes de ser colocada uma conseqüência em seu comportamento. Ele ainda citou um exemplo muito significativo demonstrando diferença entre a sua conduta atual,

em relação à anterior, quando se irritava imediatamente com certos comportamentos da criança, sem a preocupação de ensiná-la como agir.

Sempre que não for possível para os pais, ou quando acharem não ser conveniente atender os desejos de seus filhos, devem explicar claramente a situação a eles, falando com carinho mas com firmeza, de forma franca e honesta. Sentir limites é uma questão de segurança, pois é através deles que a criança poderá perceber que alguém se preocupa com ela e a protege (Zagury, 1994).

Gottmann (1997), também refere sobre a importância da disciplina e acrescenta que quanto maior o envolvimento entre pais e filhos, mais forte é a sua influência sobre as crianças, o que facilita o estabelecimento da disciplina.

Nem todos os pais conseguiram assimilar todo o conteúdo do trabalho em relação à disciplina. Alguns não se expressaram claramente quanto ao que pôde compreender, e um deles referiu que ainda encontrava muita dificuldade nesse aspecto. Existem alguns princípios referentes aos programas de intervenção familiar que apontam para o fato, por exemplo, de que os efeitos sobre eles, podem ser ainda mais benéficos a longo prazo, ou mais especificamente, no período de seis meses. Dessa forma, os conceitos e os princípios poderiam ser melhor consolidados (Marturano, 1998).

Quanto às referências às *consequência no comportamento*, observou-se nas falas transformadas dos pais, anteriormente ao curso de orientação, expressões pouco definidas sobre o aspecto. Foram relatadas atitudes descritas com o emprego dos termos 'berro', 'tapas' 'chinelos', de modo geral. Nessa primeira situação, quatro pais se manifestaram.

Na segunda situação, seis pais se expressaram. A maioria deles falou sobre condutas que indicavam retiradas de privilégios quando necessário, conforme as orientações fornecidas no curso, demonstrando significativa assimilação dos conteúdos. Alguns pais relataram que continuavam usando as práticas anteriores (bater, colocar de castigo, etc), mas avisam a criança quanto as consequências do seu comportamento.

No processo educativo é muito importante dizer-se à criança, com clareza, o que os pais esperam dela, nas diversas situações do dia-a-dia. Quando ela insiste em manter um

comportamento inadequado, às vezes, é necessário o uso de um corretivo, para que seja advertida quanto ao seu comportamento. Essa correção deve ser aplicada imediatamente ao comportamento e não precisa ser de longa duração. Antes de se corrigir a criança, deve-se verificar se o problema é proveniente do comportamento ou se lhe falta competência para o cumprimento de determinada ordem (Parreira e col., 1999).

Quanto à categoria *Disciplina*, os pais demonstraram muitas dúvidas em situação anterior, em relação à questão dos limites. Posteriormente, eles se expressaram de forma mais consistente indicando mais firmeza nas condutas citadas.

Para as referências quanto às conseqüências no comportamento pôde-se observar significativo ganho nas informações obtidas, quanto à retirada de privilégios quando necessário.

ANÁLISE GERAL DAS CATEGORIAS

Este estudo teve por objetivo analisar o nível de informação obtido pelos pais antes e depois do curso de orientação a pais.

Os resultados confirmam amplamente a observação prévia de que um trabalho de grupo de orientação familiar pode contribuir para aumentar o nível de conhecimento dos pais e influenciá-los positivamente quanto à mudanças de atitudes e condutas que facilitem o aprendizado da criança na escola. A informações são coerentes com aquelas evidenciadas por Kellaghan (1993), onde observou-se em pais que participaram de grupo de orientação familiar, uma melhora nas suas habilidades de suporte ao aprendizado de seus filhos e, conseqüentemente um aumento de sua confiança nas práticas educativas, passando a encorajar e orientar mais seus filhos.

Quanto à categoria *Organização*, de modo geral, pôde-se observar uma maior relevância no aspecto do *horário*, onde os pais referiram-se, em situação posterior ao curso, sobre a importância dos horários para as atividades escolares, para as atividades gerais e quanto à prioridade da tarefa em relação ao lazer. Os aspectos da *ordem dos objetos e local da tarefa* foram menos citados pelos pais.

Para a categoria *Responsabilidade nas Tarefas*, podemos perceber que seu conteúdo foi altamente relevante para os pais. Pôde-se observar na fala dos mesmos, após o curso, um aumento importante de elementos tanto referentes à *participação nas tarefas* quanto à *autonomia na tarefa escolar*. No primeiro aspecto, as referências citadas em situação posterior ao curso, foram principalmente relacionadas às atividades de organização dos materiais escolares e dos próprios pertences da criança. No segundo, vários pais explicitaram a importância da criança realizar sozinha suas atividades escolares.

De modo geral, na categoria *Comunicação e Relacionamento* a análise das falas transformadas dos pais não indicou diferença relevante quanto ao número de referências anteriores e posteriores, com exceção do componente quanto ao *incentivo do comportamento positivo*.

Por outro lado, a qualidade das expressões, utilizadas nos aspectos de *incentivo à comunicação e respeito* foram muito significativas, onde os pais utilizaram termos mais reveladores na situação, após o curso, em relação à primeira situação. Os termos expressaram conteúdo mais pertinente ao aspecto do *relacionamento*, tais como: *orientação, diálogo, participação*, caracterizando um sistema de relações, de troca, fundamental na aprendizagem.

Em relação à categoria *Apoio para o Aprendizado, a pessoa de apoio e o contato com a escola* foram os aspectos mais importantes para os pais. Demonstraram, na situação posterior, através da análise das falas transformadas, maior compreensão do apoio a ser dado a seus filhos, expressando-se sobre a importância da participação e encorajamento nas atividades escolares. Demonstraram maior envolvimento com a escola, procurando pela professora para esclarecimento da dificuldade dos filhos, para melhor ajudá-los.

Dados substanciais também foram encontrados quanto ao aspecto da *participação nas atividades da casa* e, em menor grau, quanto às *atividades fora de casa*. Os pais manifestaram o entendimento da importância dessas atividades na aquisição de informações pela criança, necessárias ao desempenho escolar, através de exemplos. Não foram consideradas relevantes os elementos relativos aos *materiais escolares e valor ao estudo*.

Quanto à categoria *Disciplina*, ambos os aspectos, *limites e conseqüências no comportamento*, foram significativos quanto à aquisição de informações por parte dos pais. Eles demonstraram muita insegurança na situação anterior ao curso, em relação à questão dos *limites*. Posteriormente, a maioria dos pais expressaram-se de forma mais consistente indicando maior firmeza nas condutas citadas, utilizando exemplos bastante representativos.

Para as referências sobre *conseqüências no comportamento*, pôde-se observar significativo ganho nas informações obtidas. A maioria dos pais, na situação posterior ao curso, referiram-se à retirada de privilégios quando necessário, conforme orientação dada.

Em síntese, em todas as categorias observou-se indicativos de aumento de informação entre as situações anterior e posterior, em relação ao curso de orientação, na análise das falas transformadas dos pais.

CONCLUSÃO

O interesse em conhecer melhor a relação entre a família e a dificuldade de aprendizagem de suas crianças, além do modo como os pais podem ajudá-las em seu desenvolvimento, foi o que motivou a realização desse estudo. No campo do desenvolvimento da comunicação humana, freqüentemente, encontramos referências quanto à importância da família como alicerce desse processo.

As questões iniciais desse trabalho, relacionadas à influência que os pais exercem sobre a aprendizagem de seus filhos, levaram-nos às referências teóricas que subsidiaram o estudo. Pudemos então perceber, por meio das informações obtidas, como é estabelecida a relação entre a criança e seu ambiente, quais os fatores que prejudicam ou estimulam o seu desenvolvimento e as possibilidades de modificações do ambiente familiar para atender às necessidades da criança com queixa de dificuldade de aprendizagem, na busca do sucesso escolar.

O ambiente familiar tanto pode ser fonte de recursos sadios para o desenvolvimento da criança como pode propiciar desajustes nesse processo.

Manifestações apresentadas pelas crianças como imaturidade, inadequações comportamentais, atraso no desenvolvimento, impulsividade, etc, são características apontadas pelas pesquisas como associadas à inadequações ambientais, as quais estariam agindo como agravantes ou determinantes do fracasso de aprendizagem. Observou-se, nesses casos, que as práticas educativas dos pais são inconsistentes e inadequadas.

O suporte familiar, o encorajamento dos pais aos seus filhos garantem, pelo menos em parte, a competência da criança nas diversas etapas da aprendizagem. A aceitação dos pais, a variedade de estimulação e de experiências oferecidas à criança, o acesso a materiais didáticos, brinquedos, atividades sociais e culturais, estabelecimento de regras, organização de rotinas, etc, são recursos essenciais para se enfrentar o desafio do desempenho acadêmico.

As crianças cujos pais buscam atendimento público especializado devido às dificuldades educacionais, em sua grande maioria estão inseridas nas escolas públicas. O sistema educacional atual, conforme pudemos apreender, apresenta alterações importantes no seu funcionamento, que não permitem atender às necessidades dessas crianças, de modo satisfatório.

As propostas de alternativas desse sistema, como a implantação da classe de aceleração, recuperação paralela e contínua, progressão continuada, etc, visam amenizar as dificuldades apresentadas pelas crianças. Entretanto, o resultado deste trabalho mostra-se deficiente.

É possível que, a qualidade da formação dos educadores, o número reduzido de profissionais especializados para orientação dos professores, condições sociais precárias e falta de vontade política por parte dos governantes e dirigentes das escolas, sejam algumas das razões para essa deficiência.

Considerando-se a influência ambiental, entre outros aspectos, como significativa para o desenvolvimento da criança, acompanhamos um grupo de orientação familiar, junto a um Serviço de Psicologia em uma instituição pública, que visa facilitar o aprendizado escolar da criança.

Foi possível, então, confirmar a contribuição que um trabalho de orientação familiar pode proporcionar quanto à aquisição de conhecimentos sobre atitudes e condutas adequadas, a pais de crianças com queixa de dificuldade escolar.

O relato dos pais evidenciou importante melhora quanto ao nível de informação dos mesmos, obtido após a participação no curso de orientação. Suas expressões indicaram progressos nas habilidades de suporte ao aprendizado de seus filhos, aumento da auto-confiança nas práticas educativas, maior encorajamento e incentivo nas atividades escolares das crianças.

De modo geral, todos os aspectos abordados na orientação familiar e investigados junto aos pais, foram relevantes na análise da aquisição de conhecimentos. Referências quanto à Organização no lar, Responsabilidade nas tarefas, Comunicação e Relacionamento, Apoio para o aprendizado e Disciplina foram apresentadas por eles, indicando aumento importante de informação após a frequência no curso.

Acompanhando esse trabalho, pudemos perceber como o seu conteúdo e dinâmica possibilitavam aos pais sensações gratificantes, motivação e encorajamento para lidar com suas crianças e com suas próprias vidas. Após o curso, os pais expressaram conteúdos que apontavam descobertas sobre si próprios relacionando-os de alguma maneira à vida da criança, tais como: “... não era culpa deles, era minha! Eu sou muito organizada, queria que eles fossem, mas não os ensinava a ser” ; “Eu sempre estava muito atrasada, e minha filha se atrasava na escola” . É importante ressaltar que essas manifestações ocorreram sem que, em nenhum momento, o curso apontasse diretamente eventuais inadequações dos pais. Estes fatos evidenciaram a importância

do curso para eles. Por meio das informações obtidas, sentiram-se impulsionados a agir com mais ânimo, a querer modificar suas condutas, e a investir mais em suas crianças.

O presente estudo possibilitou-me maior compreensão do ser humano, mais especificamente da criança como um ser integral, quanto às suas necessidades individuais e sócio-emocionais.

Proporcionou-me maior conhecimento da dinâmica familiar, isto é, da relação entre seus membros. A família compreende uma estrutura que funciona como uma rede tecida na existência: se um dos pontos se desequilibra, todos os demais fios serão afetados. A criança com dificuldade de aprendizagem deve ser analisada nesta relação, sendo portanto, fundamental o envolvimento da família, no processo de seu reequilíbrio.

No exercício profissional, tenho visado não somente a facilitação da assimilação do conteúdo a ser desenvolvido, mas também, conhecer e respeitar a individualidade da criança. Atualmente, posso compreender melhor as queixas de seus pais e identificar, muitas vezes, o que essa família não está percebendo quanto às reais necessidades de seu filho. Em consequência disso, a minha relação com a família tem se ampliado e se intensificado, assim como o empenho em ajudá-los.

Na área fonoaudiológica, fica evidente a contribuição desse estudo, uma vez que o desenvolvimento da comunicação é inteiramente submetido à qualidade do relacionamento entre a criança e seus familiares. Um ambiente que proporciona à criança, segurança, apoio, aceitação de suas necessidades, prazer, acolhimento, disciplina, incentivo à expressão dos seus sentimentos e pensamentos, incentivo a aquisição de conhecimentos, etc, pode garantir a ela, condições essenciais de crescimento individual e favorecer suas aquisições.

O conhecimento da influência familiar e dos instrumentos para ajudar os pais a exercerem sua função de mediadores do desenvolvimentos de seus filhos pode contribuir para maior efetividade do trabalho de todos os profissionais envolvidos com o processo de aprendizagem da criança seja de fala, linguagem, escrita, etc.

Portanto, a compreensão aprofundada sobre o relacionamento humano, por parte do fonoaudiólogo, poderá possibilitar-lhe alcançar melhores resultados na área.

As constatações aqui relatadas apontam para a necessidade do profissional, que trabalha com a criança com dificuldade de aprendizagem, seja ele educador ou de área especializada, ampliar suas atividades, visando um trabalho de orientação familiar.

O trabalho integrado entre os profissionais e família pode possibilitar aos pais a aquisição de subsídios para o suporte adequado a seus filhos, proporcionando grandes benefícios ao processo de aprendizagem da criança.

Esse estudo pode contribuir para a sistematização de atividades de orientação familiar, tanto nas escolas, como em locais de atendimentos especializados interdisciplinares, visando o desenvolvimento global das crianças.

Há necessidade de uma investigação mais minuciosa desse aspecto, visando inclusive, a diminuição da demanda aos serviços especializados, sem condições suficientes de atender à grande procura.

Em suma, esse trabalho pretende, principalmente, contribuir para os serviços prestados à comunidade, uma vez que relata aspectos fundamentais do conteúdo de um programa de intervenção familiar, favorecendo novas pesquisas e proporcionando elementos relevantes para a organização de novos cursos de orientação a pais, principalmente se vierem beneficiar a população carente.

Não podemos deixar de ressaltar que os dados encontrados neste trabalho, não são suficientes para uma afirmação categórica da relevância das aquisições obtidas pelos pais, durante o curso de orientação. Este estudo vem sugerir a necessidade de novas pesquisas na área, envolvendo programas de orientação familiar.

Anexo 1

Ficha de inscrição

Curso: Como facilitar o aprendizado da criança na escola

Nome:

Data de nascimento:

Idade:

Sexo:

Cor:

Naturalidade:

Escolaridade:

Estado Civil:

Religião:

Ocupação:

Horário de trabalho:

Nº de pessoas na família:

Filhos (especificar sexo, idade e escolaridade de cada um):

Grau de parentesco com a criança inscrita no serviço:

Passou por algum seguimento psicológico ou psiquiátrico anterior:

Endereço:

Telefone:

Bairro:

Cidade:

Identificação da criança inscrita no serviço

Nome:

Data de nascimento:

Idade:

Sexo:

Cor:

Naturalidade:

Série escolar:

Período escolar:

Nome da escola:

Nº de repetências:

Criança já fez outros seguimentos psicológicos ou psiquiátricos?

Data de inscrição para o curso:

Anexo 2

ENTREVISTA INICIAL E ENTREVISTA FINAL

1 - *O que os pais podem fazer para ajudar seu filho em relação à escola?*

2 - *O que você acha que os pais podem fazer para ajudar seu filho com a lição de casa?)*

3 - *O que os pais podem fazer para ajudar seu filho em relação aos materiais escolares?*

4 - *O que os pais podem fazer para seus filhos se comportarem bem na escola e evitar reclamação da professora?*

5 - *O que você acha que os pais podem fazer para ajudar a criança a ser um bom estudante?*

6 - *Como os pais podem ensinar seus filhos sobre as coisas do dia-a-dia?*

7 - *Como podemos ensinar nossos filhos a se organizarem em casa e na escola?*

8 - *Como os pais podem ajudar seu filho a se comunicar melhor?*

9 - *Como os pais podem colocar limites em seu filho?*

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, V. J. (1993). *Ação Psicodramática em Sala de Aula*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BRADLEY, R.H.; CALDWELL, B. M.; ROCK, S. L. (1988). "Home Environment and School Performance: A Ten-year Follow-up and Examination of Three Models of Environmental Action" in *Child Development*.
- BORGES, L. A.; LOUREIRO, S. R. (1990). "O Desenho da Família como Instrumento de Avaliação de Crianças Encaminhadas para Atendimento Psicopedagógico", in *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 42, 106-114.
- CHIZZOTTI, A. (1991). *A Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez.
- COHEN, S.; WILLS, T. A. (1985). "Stress, Social Support, and the Buffering Hypothesis", in *Psychological Bulletin*.
- CORRELL, W. e SCHWARZE, H. (1974). *Distúrbios de Aprendizagem*. Trad. N. Dockhorn. São Paulo: EPU.
- CUBERO, R.; MORENO, M. C. (1995). "Relações Sociais nos Anos Escolares: Família, Escola, Companheiros", in C. Coll, J. Palacios e A. Marchesi (orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, 250-260.
- DROUET, R. C. R. (1995). *Distúrbios da Aprendizagem*. São Paulo: Ática.
- ELKIND, D. (1992). *Estimule em Seus Filhos a Vontade de Aprender: Um Guia Prático para os Pais de Hoje*. Trad. M. P. C. Luckács. São Paulo: Maltese
- ERIKSON, E. (1971). *Infância e Sociedade*. Trad. G. Amado. Rio de Janeiro: Zahar.
- GOMES, I. C. D. (1995). "E Quando a Família vem ao Caso?" in I. Q. Marchesan, C. Bolaffi, I. C. D. e J. L. Gomes (orgs.). *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, v. 2.
- GOTTMAN, J.; DECLAIRE, J. (1997). *Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda.

- GROLNICK, W. S.; RYAN, R. M. (1989). “Parent Styles Associated with Children’s Self-regulation and Competence in School” in *Jornal of Educacional Psychology*, 84, 143-154.
- GRUNSPUN, H. (1985). *Autoridade dos Pais e Educação da Liberdade*. São Paulo: Almed.
- KELLAGHAN, T. e outros (1993). “The Effectiveness of Family Intervention Programs” in *The Home Environment and School Learning: Promoting Parental Involvement in the Education of Children*. San Francisco: Jossey – Bass Publishers
- LINDAHL, L. Z. (1988). “Personalidade Humana e Cultura: Aplicações Educacionais da Teoria de Erik Erikson” in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 69, 492-509.
- LINHARES, M. B. M. e outros. (1993). “Caracterização dos Motivos da Procura de Atendimento Infantil em um Serviço de Psicopedagogia Clínica” in *Medicina*, 26, 148-160.
- LOUREIRO, S. R. e outros (1994). “Crianças com Queixa de Dificuldade Escolar: Avaliação Psicológica Através da Técnica Gráfica” in *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 46, 161-182.
- MACHADO, V. L. S. e outros (1994). “Crianças com Dificuldades na Aprendizagem Escolar: Características de Comportamento Conforme Avaliação de Pais e Professores” in *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 46, 119-138 .
- MAGNA, J. M. (1997). *Atraso Escolar: Um Levantamento de Condições de Desenvolvimento Antecedentes à Entrada na Primeira Série*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP.
- MALDONADO, M. T. (1994). *Comunicação entre Pais e Filhos: a Linguagem do Sentir*. São Paulo: Saraiva.
- MARTINI, M. (1995). “Features of Home Environments Associated with Children’s School Success” in *Early Child Development and Care*, 111, 49-68.
- MARTURANO, E. M.; MAGNA, J. M.; MURTHA, P. C. (1992). “Contribuição ao Diagnóstico das Dificuldades de Aprendizagem Escolar” . *Psicopedagogia*, 11, 7-15.
- MARTURANO, E. M.; MAGNA, J. M.; MURTHA, P. C. (1993). “Procura de Atendimento Psicológico para Crianças com Dificuldades Escolares: Um Perfil da Clientela”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília: Universidade de Brasília, 9, 207-226.

- MARTURANO, E. M.; LINHARES, M. B.M.; PARREIRA, V. L. C. (1993). “Problemas Emocionais e Comportamentais Associados a Dificuldades na Aprendizagem Escolar”. *Medicina*, 26, 161-175.
- MARTURANO, E. M.; ALVES, M. V.; SANTA MARIA, M. R. (1996). “Crianças com Dificuldades Escolares: Recursos e Adversidades na Família” in *Resumos de Comunicações Científicas da XXVI Reunião Anual de Psicologia*. Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, 117.
- MARTURANO, E. M. (1997). “A Criança, o Insucesso Escolar Precoce e a Família: Condições de Resiliência e Vulnerabilidade” in E. M. Marturano, S. R. Loureiro e A. W. Zuardi (org.). *Estudos em Saúde Mental*. Comissão de Pós-Graduação em Saúde Mental – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, 132-149.
- MARTURANO, E. M. (1998). “Ambiente Familiar e Aprendizagem Escolar” in C. A. Funayama (org.) - *Problemas de Aprendizagem- Enfoque Multidisciplinar*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 73-90.
- MARTURANO, E. M. (1999). “Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola” in *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai-Ago, Vol. 15, n.2, p. 135-142.
- MELCHIORI, L. E.(1987). *Derivação de Comportamentos Institucionais e Profissionais em Relação a Pessoas com “Deficiência Mental” a Partir da Caracterização da Incidência desse Problema na População de um Município*. Tese de Mestrado, Faculdade de Educação Especial- UFSCar. São Carlos.
- MISHNE, J. M. (1999). *A Curva da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- MORENO, M. C.; CUBEIRO, R. (1995). “Relações Sociais nos Anos Pré-Escolares: Família, Escola, Colegas” in C. Coll, J, Palacios e A. Marchesi (orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva*. Trad. F.F. Sttineri e M. A . G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médica, v.1, 190-202.
- NASCIMENTO, G. (2000) . “O Fracasso de Todos Nós”, in *Educação*, São Paulo: Segmento, n.º 231, julho, 37-44.
- NÚCLEO DE ESTUDOS EM PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM (2000). *I Jornada de Saúde Mental da Criança*. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP

- OAKLANDER, V. (1980). *Descobrendo Crianças: a Abordagem Gestáltica com Crianças e Adolescentes*. Trad. G. Schlesinger. São Paulo: Summus. 3ª ed.
- PARREIRA, V. L. C. (1995). *Problemas de Comportamento em Crianças com Dificuldades de Aprendizagem, Segundo o Relato das Mães*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP.
- PARREIRA, V. L. C.; MARTURANO, E. M. (1999). *Como Ajudar seu Filho na Escola*. São Paulo: Ave-Maria.
- POLITY, E. (1998). “Pensando as Dificuldades de Aprendizagem à Luz das Relações Familiares” in E. Polity, (org.). *Psicopedagogia: Um Enfoque Sistêmico*. São Paulo: Empório do Livro.
- ROGERS, C. (1978). *O Tratamento Clínico da Criança Problema*. São Paulo: Martins Fontes.
- RUTTER, M. (1985). “Family and School Influences on Cognitive Development” in *J. Child Psychol Psychiat*, 26, 683-704.
- RUTTER, M. (1987). “Psychosocial Resilience and Protective Mechanisms” in *American Journal Orthopsychiatry*, 57, 316-331.
- RUTTER, M. (1989). “Pathways from Childhood to Adult Life” in *J. Child Psychology and Psychiatry*, 30, 23-51.
- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO (1998) . *Reorganização da Trajetória Escolar: Classes de Aceleração. Documento de Implementação*.
- SEVERINO, A . J. (2000). *Metodologia do Trabalho Científico*, 21ª. Edição revista e ampliada. São Paulo: Cortez Editora.
- SILVA, S. A. P. S. (1996). “A Pesquisa Qualitativa em Educação Física” in *Revista Paulista de Educação Física*, v. 10, n.º 1, 87-98, jan/jun.
- STAKE, R. E. (1983). “Pesquisa Qualitativa/Naturalista: Problemas Epistemológicos” in *Educação e Seleção*, 7, jan./jun.
- TEDESCO, M.R.M. (1997). “Diagnóstico e Terapia dos Distúrbios do Aprendizado da Leitura e Escrita” in O. Lopes Filho. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca.

TIBA, I. (1996). *Disciplina na Medida Certa*. São Paulo: Gente.

ZAGURY, T. (1991). *Sem Padecer no Paraíso*. Rio de Janeiro: Record.

ZORZI, J. L. (1998). “Dificuldades na Leitura e na Escrita: Contribuições da Fonoaudiologia” in *II Jornada Internacional de Fonoaudiologia – Centro de Estudos Otorrinolaringológicos “Ricardo Marseillan”*. São Paulo: Frontis.